



CRÓNICAS E MEMÓRIAS

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

VOLUME I

PORTUGALENSE EDITORA

P. Liberdade, 24 - PÓRTO

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMISSÃO EDITORIAL DO INSTITUTO DE HISTÓRIA
DA COMANDOIA MILITAR DO MARÍTIMO
BARCELONA

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OPICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS —————

HISTÓRIA TRÁGICO - MARÍTIMA

COMPILADA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO

NOVA EDIÇÃO

Publicada sob a direcção de
DAMIÃO PERES
Professor da Universidade de Coimbra

VOLUME I



150023

PÓRTO
1 9 4 2

H/61
20603

HISTÓRIA
TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPIADA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO

180083

NOVA EDIÇÃO

Emendada sob a direção de

DAMIÃO PERES

Professor da Universidade de Coimbra

VOLUME I

Nota histórico - bibliográfica

Poucos anos volvidos sôbre os desinteressados feitos de D. Francisco de Almeida e de Afonso de Albuquerque, gloriosos pioneiros do império português da Índia, a ânsia de enriquecer rapidamente, explorando o comércio dos ricos produtos do Oriente, tornara-se em Portugal uma verdadeira obsessão, a que raros eleitos logravam escapar. O nosso domínio no Oriente comportou ainda algumas das mais épicas façanhas da nossa história, mas isso não impede que aquêl factô fôsse uma triste realidade. Nobres e mercadores, mareantes e soldados, todos à uma viviam a hora febril, disputando um pôsto na administração ou um logar nas naus da carreira da Índia, para assim, num lance feliz, com breve esforço, alcançarem aquêl *desideratum*, na medida maior ou menor que a categoria social a cada um marcava.

Numa só expedição, numa só viagem, a sorte podia decidir-se; era, portanto, necessário aproveitar ao máximo tôdas as possibilidades de lucro.

Então, o próprio aspecto dos navios começou a traduzir os terríveis efeitos de tam absorvente pensamento. O bôjo das naus alargou, cresceu a altura; era preciso que a capacidade aumentasse,

Alteradas as carecterísticas dos navios, perdiam êstes as excelentes qualidades náuticas que tinham permitido aos portugueses afrontar as tempestades do Índico e a temerosa passagem do Cabo. Mas nisso não se pensava, e até, a breve trecho, deixou de tomar-se em consideração o mau acabamento ou a má conservação das naus. Desde então a *carreira da Índia* começou a transformar-se em insaciável sorvedouro de vidas e de fazendas — que nela se jogavam como num jôgo de azar...

Desde meados do século XVI o número de naufrágios aumentou. Por vezes sucedia que êles ocorriam longe da costa, não se salvando ninguém; da nau perdida não havia mais notícias — e tam freqüente se tornou o successo, que se criou uma expressiva frase para o designar: o mar *comera a nau*. Nem sempre, porém, a tragédia ocorria em circunstâncias de absoluto mistério; poucos ou muitos, havia naufragos que

logravam alcançar a terra; e então, tanto os pormenores do naufrágio, como as provações depois sofridas, vinham a saber-se, dando por vezes origem a narrações, que logo se imprimiam.

Assim nasceu um género literário muito característico — as *relações* de naufrágios, raras vezes cuidadas quanto ao estilo, mas sempre admiráveis pelo realismo das descrições, onde surgem, retratadas em plena luz, as almas que o horror da situação despia de todo o disfarce: a par do egoísmo humano, na variada série dos seus cambiantes, — ¡ quantos emocionantes rasgos da mais sublime abnegação!

Depois do lance angustioso do naufrágio, a expressão desses sentimentos prolongava-se ainda, na terra inhospita, onde, entre feras e impiedosos selvagens, os pobres náufragos — andrajosos, famintos, fatigados, doentes — palmilhavam léguas e léguas, num infernal percurso que parecia sem fim, . . .

A *História Trágico-Marítima* é uma colecção de algumas das mais emocionantes dessas *relações*, empreendida por Bernardo Gomes de Brito, constituindo 2 volumes, publicados respectivamente em 1735 e 1736, nos quais se encontram as seguintes relações de naufrágios:

- 1) — do galeão grande *S. João* na Terra do Natal (1552);
- 2) — da nau *S. Bento* no Cabo da Boa Esperança (1554);
- 3) — da nau *Conceição* nos baixos de Pero dos Banhos (1555);
- 4) — das naus *Águia e Garça* (1559);
- 5) — da nau *Santa Maria da Barca* (1559);
- 6) — da nau *S. Paulo* na ilha de Samatra (1561);
- 7) — da nau de Jorge de Albuquerque Coelho (1565);
- 8) — da nau *Santiago* (1585);
- 9) — da nau *S. Tomé* (1589);
- 10) — da nau *Santo Alberto* (1593);
- 11) — da nau *S. Francisco* (1596);
- 12) — do galeão *Santiago* e nau *Chagas* (1604).

Na presente reedição modernizou-se a ortografia. Tratando-se de textos da segunda metade do século XVI e princípios do XVII, nenhuma forte razão de ordem científica contra-indica essa prática; e são manifestas as vantagens de vária ordem que dela resultam.

I

Naufração do
Galeão grande S. JOÃO em 1552

Tratado de
Galea, 1804, 1805

RELAÇÃO

DA MUI NOTÁVEL PERDA

DO

GALEÃO GRANDE S. JOÃO

*Em que se contam os grandes trabalhos
e lastimosas cousas que aconteceram ao capitão*

MANOEL DE SOUSA SEPÚLVEDA

*e o lamentável fim que êle e sua mulher e filhos,
e tôda a mais gente, houveram na Terra do Natal,
onde se perderam a 24 de Junho de 1552*

PRÓLOGO

COUSA é esta que se conta neste naufrágio para os homens muito temerem os castigos do Senhor e serem bons cristãos, trazendo o temor de Deus diante dos olhos, para não quebrar seus mandamentos. Porque Manoel de Sousa era um fidalgo mui nobre, e bom cavaleiro, e na Índia gastou em seu tempo mais de cincoenta mil cruzados em dar de comer a muita gente, em boas obras que fêz a muitos homens; por derradeiro foi acabar sua vida, e de sua mulher e filhos, em tanta lástima e necessidade, entre os cafres, faltando-lhe o comer e beber e vestir. E passou tantos trabalhos antes de sua morte, que não podem ser cridos senão de quem lhos ajudou a passar, que entre os mais foi um Álvaro Fernandes, guardião do galeão, que me contou isto muito particularmente, que por acêrto encontrei aqui em Moçambique no ano de mil quinhentos e cincoenta e quatro.

E por me parecer história que daria aviso e bom exemplo a todos, escrevi os trabalhos e morte dêste fidalgo, e de tôda a sua companhia, para que os homens que andam pelo mar se encomendem continuamente a Deus, e a Nossa Senhora que rogue por todos. Amen.

PRÓLOGO

QUERER é este que se conta assim nestes dias para os
 homens muito temerosos as causas do Senhor e
 serem boas criaturas, vivendo o tempo de seus
 dias dos olhos para não esquecer seus mandamentos.
 Porque quando de Souza viu um fidalgo muito nobre e
 bom cavalleiro e de tanta fortuna em seu tempo mais de
 cinquenta mil cruzados em dar de comer a muitos gentes,
 em boas obras que fez a muitas honras; por derradeira
 foi acabar sua vida e de sua mulher e filhos, em tanta
 fortuna e riqueza, entre os outros fidalgoes de co-
 nta e poder e estado. E por isso tanto trabalhos e
 de sua morte, que não podiam ser tidos senão de quem
 lhes ajudou a passar, que entre os mais foi um Anjo
 fidalgo, que veio de gallega, que se contou isto muito
 particularmente, que por muito tempo não se Mo-
 guntava no caso de mil quinhentos e cinquenta e quatro.
 E por se parecer muito aos dias de hoje e por
 exemplo a todos, e sobre os trabalhos e morte de
 todos, e de todos a sua companhia, para que os homens
 que sabem isto não se esqueçam continuamente a
 Deus e a Nossa Senhora que regem por todos. Amen.

*Naufrágio do galeão grande
S. João na terra do Natal
no ano de 1552*

PARTIU neste galeão Manoel de Sousa, que Deus perdoe, para fazer esta desventurada viagem de Cochim, a três de Fevereiro do ano de cincoenta e dois. E partiu tão tarde por ir carregar a Coulaõ, e lá haver pouca pimenta, onde carregou obra de quatro mil e quinhentas, e veio a Cochim acabar de carregar a cópia de sete mil e quinhentas, por tôda, com muito trabalho por causa da guerra que havia no Malavar. E com esta carga se partiu para o reino, podendo levar doze mil; e ainda que a nau levava pouca pimenta, nem por isso deixou de ir muito carregada de outras mercadorias, no que se havia de ter muito cuidado pelo grande risco que correm as naus muito carregadas.

A treze de Abril veio Manoel de Sousa haver vista da Costa do Cabo, em trinta e dois graus, e vieram ter tanto dentro porque havia muitos dias que eram partidos da Índia, e tardaram muito em ver o Cabo por causa das ruins velas que traziam, que foi uma das causas e a prin-

cipal do seu perdimento; porque o piloto André Vaz fazia seu caminho para ir à terra do Cabo das Agulhas, e o capitão Manoel de Sousa lhe rogou que quisesse ir ver a terra mais perto; e o piloto, por lhe fazer a vontade, o fêz; pela qual razão foram ver a Terra do Natal; e estando à vista dela, se lhe fêz o vento bonança, e foi correndo a costa até ver o Cabo das Agulhas, com prumo na mão e sondando; e eram os ventos tais, que, se um dia ventava Levante, outro se levantava Poente. E sendo já em 11 de Março, eram Nordeste-Sudoeste com o Cabo da Boa Esperança, vinte e cinco léguas ao mar, ali lhe deu o vento Oeste e Oesnoroste, com muitos fuzis. E sendo perto da noite o capitão chamou o mestre e piloto, e lhes perguntou que deviam fazer com aquêl tempo, pois lhe era pela proa, e todos responderam que era bom conselho arribar.

As razões que davam para arribar foram que a nau era muito grande e muito comprida, e ia muito carregada de caixaria e de outras fazendas, e não traziam já outras velas senão as que traziam nas vergas, que a outra equipação levou um temporal que lhe deu na Linha, e estas eram rôtas, que se não fiavam nelas; e que, se parassem e o tempo crescesse, e lhe fôsse necessário arribar, lhe poderia o vento levar as velas que tinham, que era prejuizo para sua viagem e salvação, que não havia na nau outras; e tais eram aquelas que traziam, que tanto tempo punham em as remendar, como em navegar. E uma das cousas por que não tinham dobrado o Cabo a êste tempo, foi pelo tempo que gastavam em as amainar para cosem; e portanto o bom conselho era arribar com os papafigos grandes ambos baixos, porque dando-lhe sòmente a vela de proa, era tão vélha, que estava mui certo levar-lha o vento da verga pelo grande pêso da nau, e ambos juntos um ajudaria ao outro. E vindo assim arribando, que seriam cento e trinta léguas do Cabo, lhe virou o

vento ao Nordeste e ao Lesnordeste, tão furioso que os fêz outra vez correr ao Sul e ao Sudoeste; e com o mar que vinha feito de Poente, e o que o Levante fêz, meteu tanto mar, que cada balanço que o galeão tomava, parecia que o metia no fundo. E assim correram três dias, e ao cabo dêles lhe tornou o vento a acalmar, e ficou o mar tão grande, e trabalhou tanto a nau, que perdeu três machos do leme, em que está tôda a perdição ou salvação de uma nau. E isto se não sabia de ninguém, sòmente o carpinteiro da nau que foi a ver o leme e achou falta dos ferros, e então se veio ao mestre e lho disse em segrêdo, que era um Cristóvão Fernandes da Cunha, o Curto. E êle respondeu, como bom oficial e bom homem, que tal cousa não dissesse ao capitão, nem a outra nenhuma pessoa, por não causar terror e mêdo na gente, e assim o fêz.

Andando assim neste trabalho, tornou-lhes outra vez a saltar o vento a Les-sudoeste, e temporal desfeito, e já então parecia que Deus era servido do fim que ao depois tiveram. E indo com a mesma vela arribando outra vez, lançando-lhe o leme à banda, não quis a nau dar por êle, e tôda se pôs de ló; o vento, que era bravo, lhe levou o papafigo da vêrga grande. Quando se viram sem vela, e que não havia outra, acudiram com diligência a tomar a vela de proa, e se quizeram antes aventurar a ficar de mar em través que ficarem sem nenhuma vela. O traquete de proa não era ainda acabado de tomar, quando se a nau atravessou, e em se atravessando lhe deram três mares tão grandes, que dos balanços que a nau deu lhe rebentaram os aparelhos e costeiras da banda de bombordo, que não lhe ficaram mais que as três dianteiras.

E vendo-se com os aparelhos quebrados, e sem nenhuma enxárcia no mastro daquela banda, lançaram a mão a uns viradores para fazerem uns brandais. E estando com esta obra na mão andava o mar muito grosso,

e lhes pareceu que por então era obra escusada, e que era melhor conselho cortarem o mastro pelo muito que a nau trabalhava; o vento e o mar eram tamanhos que lhes não consentiam fazer obra nenhuma, nem havia homem que se pudesse ter em pé.

Estando com os machados nas mãos começando já a cortar, vem súbitamente arrebentar o mastro grande por cima das polés das coroas, como se o cortaram de um golpe, e pela banda do estibordo o lançou o vento ao mar com a gávea e enxárcia, como que fôra uma cousa muito leve; e então lhe cortaram os aparelhos e enxárcia da outra banda, e tudo junto se foi ao mar. E, vendo-se sem mastro nem vêrga, fizeram no pé do mastro grande que lhes ficou um mastaréu, de um pedaço de antena bem pregada e com as melhores arreataduras que puderam, e nêle guarneceram uma vêrga para a vela da guia, e da outra antena fizeram uma vêrga para papafigo, e com alguns pedaços de velas vêlhas tornaram a guarnecer esta vêrga grande; e outro tanto fizeram para o mastro de proa; e ficou isto tão remendado e fraco, que bastava qualquer vento para lhos tornar a levar.

E como tiveram tudo guarnecido deram às velas com o vento Su-sueste. E como o leme vinha já com três ferros menos, que eram os principais, não quis a nau governar senão com muito trabalho, e já então as escotas lhe serviam de leme. E indo assim, foi o vento crescendo, e a nau aguçou de ló, e pôs-se tôda à corda, sem querer dar pelo leme nem escotas. E desta vez lhe tornou a levar o vento a vela grande, e a que lhe servia de guia; e vendo-se outra vez desaparelhados de velas, acudiram à vela da proa, e então se atravessou a nau e começou de trabalhar; e por o leme ser podre, um mar que lhe então deu lho quebrou pelo meio, e levou-lhe logo metade, e todos os machos ficaram metidos nas fêmeas. Por onde se deve ter grande recato nos lemes e velas das naus, por

causa de tantos trabalhos, quantos são os que nesta carreira se passam.

Quem entender bem o mar, ou todos os que nisto bem cuidarem, poderão ver qual ficaria Manoel de Sousa com sua mulher, e aquela gente, quando se visse em uma nau em Cabo de Boa Esperança, sem leme, sem mastro e sem velas, nem de que as poder fazer; e já neste tempo trabalhava a nau tanto, e fazia tanta água, que houveram por melhor remédio para se não irem ao fundo a pique cortarem o mastro da proa, que lhes fazia abrir a nau; e estando para o cortar lhe deu um mar tão grande que lho quebrou pelos tamboretos, e lho lançou ao mar sem êles pôrem mais trabalho que o que tiveram em lhe cortar a enxárcia; e ao cair do mastro deu um golpe muito grande no gurupés, que lho lançou fora da carlinga e lho meteu por dentro da nau quasi todo; e ainda foi algum remédio para lhes ficar alguma árvore; mas como tudo eram prognósticos de maiores trabalhos, nenhuma diligência por seus pecados lhes aproveitava. Ainda a êste tempo não tinham vista da terra, depois que arribaram do Cabo, mas seriam dela quinze até vinte léguas.

Desde que se viram sem mastro, sem leme e sem velas, ficou-lhes a nau lançada no bordo da terra; e vendo-se Manoel de Sousa e oficiais sem nenhum remédio, determinaram o melhor que puderam de fazer um leme, e de alguma roupa que traziam de mercadorias fazerem algum remédio de velas, com que pudessem vir a Moçambique. E logo com muita diligência repartiram a gente, parte na obra do leme e parte em guarnecer alguma árvore, e a outra em fazer alguma maneira de velas, e nisto gastaram dez dias. E tendo o leme feito, quando o quiseram meter lhes ficou estreito e curto, e não lhes serviu; e todavia deram às velas que tinham, para ver se haveria algum remédio de salvação, e foram para lançar o leme, e a nau não quis governar de nenhum modo, porque não

tinha a bitola do outro que o mar lhes levara, e já então tinham vista da terra. E isto era aos oito de Junho. E vendo-se tão perto da costa, e que o mar e o vento os iam levando para a terra, e que não tinham outro remédio senão ir varar, por se não irem ao fundo, se encomendaram a Deus, e já então ia a nau aberta, que por milagre de Deus se sustentava sobre o mar.

Vendo-se Manoel de Sousa tão perto da terra, e sem nenhum remédio, tomou o parecer de seus oficiais, e todos disseram que para remédio de salvarem suas vidas do mar era bom conselho deixarem-se ir assim até serem em dez braças, e como achassem o dito fundo surgissem, para lançarem o batel fora para sua desembarcação; e lançaram logo uma manchua com alguns homens que fôsem vigiar a praia, onde dava melhor jazigo para poderem desembarcar, com acôrdo que tanto que surgissem no batel e na manchua, depois da gente ser desembarcada, tirarem o mantimento e armas que pudessem, que a mais fazenda que do galeão se podia salvar era para mais perdição sua, por causa dos cafres que os haviam de roubar. E sendo assim com êste conselho, foram arribando ao som do mar e vento, alargando de uma banda e caçando da outra; já o leme não governava, com mais de quinze palmos de água debaixo da coberta. E indo já a nau perto de terra lançaram o prumo, e acharam ainda muito fundo, e deixaram-se ir; e dali a um grande espaço tornou a manchua à nau e disse que perto dali havia uma praia onde poderiam desembarcar, se a pudessem tomar, e que tudo o mais era rocha talhada, e grande penedia, onde não havia maneira de salvação.

Verdadeiramente que cuidarem os homens bem nisto faz grande espanto! Vêm com êste galeão varar em terra de cafres, havendo-o por melhor remédio para suas vidas, sendo êste tão perigoso; e por aqui verão para quantos trabalhos estavam guardados Manoel de Sousa,

sua mulher e filhos. Tendo já recado da manchua, trabalharam por ir contra aquela parte onde lhes demorava a praia, até chegarem ao lugar que a manchua lhes tinha dito, e já então eram em sete braças, onde largaram uma âncora, e após isso com muita diligência guarneceram aparelhos com que lançaram fora o batel.

A primeira cousa que fizeram, como tiveram batel fora, foi portar outra âncora à terra, e já o vento era mais bonança, e o galeão estava da terra dois tiros de besta. E vendo Manoel de Sousa como o galeão se lhe ia ao fundo sem nenhum remédio, chamou o mestre e piloto, e disse-lhes que a primeira cousa que fizessem fôsse pô-lo em terra com sua mulher e filhos com vinte homens que estivessem em sua guarda, e após isto tirassem as armas e mantimentos e pólvora, e alguma roupa de Cambraia, para ver se havia na terra alguma maneira de resgate de mantimentos. E isto com fundamento de se fazer forte naquele lugar com tranqueiras de pipas, e fazerem ali algum caravelão da madeira da nau, em que pudessem mandar recado a Sofala. Mas como já estava de cima que acabasse êste capitão com sua mulher e filhos, e tôda sua companhia, nenhum remédio se podia cuidar a que a fortuna não fôsse contrária; que tendo êste pensamento de ali se fazer forte, lhe tornou o vento a ventar com tanto ímpeto, e o mar cresceu tanto, que deu com o galeão à costa, por onde não puderam fazer nada do que cuidaram. A êste tempo Manoel de Sousa, sua mulher e filhos e obra de trinta pessoas em terra, e tôda a mais gente estava no galeão. Dizer o perigo que tiveram na desembarcação o capitão e sua mulher com estas trinta pessoas, fôra escusado; mas por contar história verdadeira e lastimosa, direi que de três vezes que a manchua foi à terra se perdeu, donde morreram alguns homens, dos quais um era o filho de Bento Rodrigues; e até então o batel não tinha ido à terra, que não ousavam

de o mandar, porque o mar andava bravo, e por a mancha ser mais leve escapou aquelas duas vezes primeiras.

Vendo o mestre e piloto, com a mais gente que ainda estava na nau, que o galeão ia sobre a amarra da terra, entenderam que a amarra de mar se lhe cortara, porque o fundo era sujo, e havia dois dias que estavam surtos, e em amanhecendo ao terceiro dia, que viram que o galeão ficava só sobre a amarra da terra e o vento começava a ventar, disse o piloto à outra gente, a tempo que já a nau tocava: «Irmãos, antes que a nau abra e se nos vá ao fundo, quem se quiser embarcar comigo naquele batel o poderá fazer», e se foi embarcar, e fez embarcar o mestre, que era homem velho, e a quem falecia já o espírito por sua idade; e com grande trabalho, por ser o vento forte, se embarcaram no dito batel obra de quarenta pessoas, e o mar andava tão grosso em terra, que deitou o batel em terra feito em pedaços na praia. E quis Nosso Senhor que desta batelada não morreu ninguém, que foi milagre, porque antes de vir à terra o sossobrou o mar.

O capitão, que o dia dantes se desembarcara, andava na praia esforçando os homens, e dando a mão aos que podia os levava ao fogo que tinha feito, porque o frio era grande. Na nau ficaram ainda o melhor de quinhentas pessoas, a saber: duzentos portugueses, e os mais escravos; em que entrava Duarte Fernandes, contra-mestre do galeão, e o guardião; e estando ainda assim a nau, que já dava muitas pancadas, lhes pareceu bom conselho alargarem a amarra por mão, porque fôsse a nau bem à terra, e não a quiseram cortar porque a ressaca os não tornasse para o pego; e como a nau se assentou, em pouco espaço se partiu pelo meio, a saber: do mastro àvante um pedaço e outro do mastro à ré; e daí a obra de uma hora aquêles dois pedaços se fizeram em quatro, e como as aberturas foram arrombadas as fazendas e caixas vieram acima, e a gente que estava na nau se lançou,

sôbre a caixaria e madeira, à terra. Morreram, em se lançando, mais de quarenta portugueses e setenta escravos; a mais gente veio à terra por cima do mar, e alguma por baixo, como a Nosso Senhor aprouve; e muita dela ferida dos pregos e madeira. Dali a quatro horas era o galeão desfeito, sem dêle aparecer pedaço tamanho como uma braça; tudo o mar deitou em terra, com grande tempestade.

E a fazenda que no galeão ia, assim del-Rei como de partes, dizem que valia um conto de ouro, porque desde que a Índia é descoberta até então não partiu nau de lá tão rica. E por se desfazer a nau em tantas migalhas, não pôde o capitão Manoel de Sousa fazer a embarcação que tinha determinado, que não ficou batel nem cousa sôbre que pudesse armar o caravelão, nem de que o fazer, por onde lhe foi necessário tomar outro conselho.

Vendo o capitão e sua companhia que não tinham remédio de embarcação, com conselho dos seus oficiais e dos homens fidalgos que em sua companhia levava, que eram Pantaleão de Sá, Tristão de Sousa, Amador de Sousa e Diogo Mendes Dourado de Setúbal, assentaram que deviam estar naquela praia, onde saíram do galeão, alguns dias, pois ali tinham água, até lhes convalescerem os doentes. Então fizeram suas tranqueiras de algumas arcas e pipas, e estiveram ali doze dias, e em todos êles lhes não veio falar nenhum negro da terra; sômente aos três primeiros apareceram nove cafres em um outeiro, e ali estariam duas horas, sem terem nenhuma fala conosco; e como espantados se tornaram a ir. E dali a dois dias lhes pareceu bem mandarem um homem e um cafre do mesmo galeão, para ver se achavam alguns negros que com êles quisessem falar, para resgatarem alguns mantimentos. E êstes andaram lá dois dias sem acharem pessoa viva, senão algumas casas de palha despoçadas, por onde entenderam que os negros fugiram

com medo, e então se tornaram ao arraial, e em algumas das casas acharam frechas metidas, que dizem que é o seu sinal de guerra.

Dali a três dias, estando naquele lugar onde escaparam do galeão, lhes apareceram em um outeiro sete ou oito cafres com uma vaca prêsa, e por acenos os fizeram os cristãos descer abaixo, e o capitão com quatro homens foi falar com êles, e, depois de os ter seguros, lhe disseram os negros por acenos que queriam ferro. Então o capitão mandou pôr meia dúzia de pregos e lhos amostrou, e êles folgaram de os ver e se chegaram então mais para os nossos e começaram a tratar do preço da vaca; e estando já concertados, apareceram cinco cafres em outro outeiro e começaram a bradar por sua língua que não dessem a vaca a trôco de pregos. Então se foram êstes cafres, levando consigo a vaca, sem falar palavra. E o capitão lhes não quis tomar a vaca, tendo dela mui grande necessidade para sua mulher e filhos.

Assim estive sempre com muito cuidado e vigia, levantando-se cada noite três e quatro vezes a rondar os quartos, o que era grande trabalho para êle; e assim estiveram doze dias até que a gente lhes convalesceu; no cabo dos quais, vendo que já estavam todos para caminhar, os chamou a conselho sôbre o que deviam fazer, e antes de praticarem o caso lhes fêz uma fala desta maneira:

« Amigos e senhores: bem vêdes o estado a que por nossos pecados somos chegados, e eu creio verdadeiramente que os meus só bastavam para por êles sermos postos em tamanhas necessidades, como vêdes que temos; mas é Nosso Senhor tão piedoso, que ainda nos fêz tamanha mercê, que nos não fôssemos ao fundo naquela nau, trazendo tanta quantidade de água debaixo das cobertas; prazerá a Êle que, pois foi servido de nos levar a terra de cristãos, os que nesta demanda acabarem com tan-

tos trabalhos haverá por bem que seja para a salvação de suas almas. Estes dias, que aqui estivemos, bem vêdes, senhores, que foram necessários para nos convalescerem os doentes que trazíamos; já agora, Nosso Senhor seja louvado, estão para caminhar; e portanto vos ajuntei aqui para assentarmos que caminho havemos de tomar para remédio de nossa salvação, que a determinação que trazíamos de fazer alguma embarcação se nos atalhou como vistes, por não podermos salvar da nau cousa nenhuma para a podermos fazer. E pois, senhores e irmãos, vos vai a vida, como a mim, não será razão fazer nem determinar cousa sem conselho de todos. Uma mercê vos quero pedir, a qual é que me não desampareis, nem deixeis, dado caso que eu não possa andar tanto como os que mais andarem, por causa de minha mulher e filhos. E assim todos juntos quererá Nosso Senhor pela sua misericórdia ajudar-nos ».

Depois de feita esta fala, e praticarem todos no caminho que haviam de fazer, visto não haver outro remédio, assentaram que deviam de caminhar com a melhor ordem que pudessem ao longo dessas praias a caminho do rio que descobriu Lourenço Marques, e lhe prometeram de nunca o desamparar; e logo o puseram por obra. Ao qual rio haveria cento e oitenta léguas por costa, mas elles andaram mais de trezentas, pelos muitos rodeios que fizeram em quererem passar os rios e brejos que achavam no caminho, e depois tornavam ao mar, no que gastaram cinco meses e meio.

Desta praia onde se perderam, em 31 graus, aos sete de Julho de cincoenta e dois, começaram a caminhar com esta ordem que se segue; a saber, Manoel de Sousa com sua mulher e filhos com oitenta portugueses e com escravos; e André Vaz, o piloto, na sua companhia com uma bandeira com um Crucifixo erguido, caminhava na vanguarda; e D. Leonor, sua mulher, levavam-na escravos

em um andor. Logo atrás vinha o mestre do galeão com a gente do mar e com as escravas. Na retaguarda caminhava Pantaleão de Sá com o resto dos portugueses e escravos, que seriam até duzentas pessoas; e todas juntas seriam quinhentas, das quais eram cento e oitenta portugueses. Desta maneira caminharam um mês com muitos trabalhos, fomes e sêdes, porque em todo este tempo não comiam senão o arroz que escapara do galeão e algumas frutas do mato, que outros mantimentos da terra não achavam, nem quem os vendesse; por onde passaram tão grande esterilidade, qual se não pode crer nem escrever.

Em todo este mês poderiam ter caminhado cem léguas; e, pelos grandes rodeios que faziam no passar dos rios, não teriam andado trinta léguas por costa; e já então tinham perdidas dez ou doze pessoas; só um filho bastardo de Manoel de Sousa de dez ou onze anos, que vindo já muito fraco da fome, elle e um escravo que o trazia às costas se deixaram ficar atrás. Quando Manoel de Sousa perguntou por elle, que lhe disseram que ficava atrás obra de meia légua, esteve para perder o siso, e por lhe parecer que vinha na traseira com seu tio Pantaleão de Sá, como algumas vezes acontecia, o perdeu assim; e logo prometeu quinhentos cruzados a dois homens, que tornassem em busca d'elle, mas não houve quem os quisesse aceitar, por ser já perto da noite, e por causa dos tigres e leões; porque, como ficava homem atrás, o comiam; por onde lhe foi forçado não deixar o caminho que levava, e deixar assim o filho, onde lhe ficaram os olhos. E aqui se poderá ver quantos trabalhos foram do deste fidalgo antes de sua morte. Era também perdido António de Sampaio, sobrinho de Lopo Vaz de Sampaio, governador que foi da Índia, e cinco ou seis homens portugueses e alguns escravos, da pura fome e trabalho do caminho.

Neste tempo tinham já pelejado algumas vezes, mas sempre os cafres levavam a pior, e em uma briga lhe mataram Diogo Mendes Dourado, que até sua morte tinha pelejado muito bem como valente cavaleiro. Era tanto o trabalho, assim da vigia, como da fome e caminho, que cada dia desfalecia mais a gente, e não havia dia que não ficasse uma ou duas pessoas por essas praias e pelos matos, por não poderem caminhar; e logo eram comidos dos tigres e serpentes, por haver na terra grande quantidade. E certo que ver ficar estes homens, que cada dia lhe ficavam vivos por êsses desertos, era cousa de grande dor e sentimento para uns e para outros; porque o que ficava dizia aos outros que caminhavam de sua companhia, por ventura a pais e a irmãos e amigos, que se fôsem muito embora, que os encomendassem ao Senhor Deus. Fazia isto tamanha mágua, ver ficar o parente e o amigo sem lhe poder valer, sabendo que dali a pouco espaço havia de ser comido de feras alimárias, que pois faz tanta mágua a quem o ouve, quanta mais fará a quem o viu e passou.

Com grandíssima desventura indo assim prosseguindo, ora se metiam no sertão a buscar de comer e a passar rios e se tornavam ao longo do mar subindo ser-ras muito altas, ora descendo outras de grandíssimo pe-rigo; e não bastavam ainda êstes trabalhos, senão outros muitos que os cafres lhes davam. E assim caminharam obra de dois meses e meio, e tanta era a fome e a sêde que tinham, que os mais dos dias aconteciam cousas de grande admiração, das quais contarei algumas mais notáveis.

Aconteceu muitas vezes entre esta gente vender-se um púcaro de água de um quartilho por dez cruzados; e em um caldeirão, que levava quatro canadas, se fazia cem cruzados; e porque nisto às vezes havia desordem, o capitão mandava buscar um caldeirão dela, por não haver

outra vasilha maior na companhia, e dava por isso a quem a ia buscar cem cruzados; e êle por sua mão a repartia, e a que tomava para sua mulher e filhos era a oito e dez cruzados o quartilho; e pela mesma maneira repartia a outra, de modo que sempre pudesse remediar, que com o dinheiro que em um dia se fazia naquela água, ao outro houvesse quem a fôsse buscar, e se pudesse a êsse risco pelo interêsse. E além disto passavam grandes fomes, e davam muito dinheiro por qualquer peixe que se achava na praia, ou por qualquer animal do monte.

Vindo caminhando por suas jornadas, segundo era a terra que achavam, e sempre com os trabalhos que tenho dito, seriam já passados três meses que caminhavam com determinação de buscar aquêle rio de Lourenço Marques, que é a Aguada da Boa Paz. Havia já muitos dias que se não mantinham senão de frutos, que acaso se achavam, e de ossos torrados; e aconteceu muitas vezes vender-se no arraial uma pele de uma cobra por quinze cruzados; e ainda que fôsse sêca a lançavam na água, e assim a comiam.

Quando caminhavam pelas praias, mantinham-se com marisco ou peixe, que o mar lançava fora. E no cabo dêste tempo vieram ter com um cafre, senhor de duas aldeias, homem vélho, e que lhes pareceu de boa condição, e assim o era pelo agasalho que nêle acharam; lhes disse que não passassem dali, que estivessem em sua companhia e que êle os manteria o melhor que pudesse; porque na verdade aquela terra era falta de mantimentos, não por ela os deixar de dar, senão porque os cafres são homens que não semeiam senão muito pouco, nem comem senão do gado bravo que matam.

Assim que êste Rei cafre apertou muito com Manoel de Sousa e sua gente que estivera com êle, dizendo-lhes que tinha guerra com outro Rei, por onde êles haviam de

passar, e queria sua ajuda; e que, se passassem àvante, que soubessem certo que haviam de ser roubados dêste Rei, que era mais poderoso que êle; de maneira que pelo proveito e ajuda que esperava desta companhia, e também pela notícia que já tinha de portugueses por Lourenço Marques e António Caldeira, que ali estiveram, trabalhava quanto podia por que dali não passassem; e êstes dois homens lhe puseram nome Garcia de Sá, por ser vélho, e ter muito o parecer com êle, e ser bom homem, que não há dúvida senão que em tôdas as nações há maus e bons; e por ser tal fazia agasalhos e honrava aos portugueses e trabalhou quanto pôde que não passassem àvante, dizendo-lhes que haviam de ser roubados daquele Rei com que êle tinha guerra. E em se determinar se detiveram ali seis dias. Mas como parece que estava determinado acabar Manoel de Sousa nesta jornada com a maior parte da sua companhia, não quiseram seguir o conselho dêste reizinho, que os enganava.

Vendo o Rei que todavia o capitão determinava de se partir dali, lhe pediu que antes que se partisse o quisesse ajudar com alguns homens de sua companhia contra um Rei que trás lhe ficava; e parecendo-lhe a Manoel de Sousa e aos portugueses que se não podiam escusar de fazer o que lhes pedia, assim pelas boas obras e agasalho que dêle receberam, como por razão de o não escandalizar, que estavam em seu poder e de sua gente, pediu a Pantaleão de Sá, seu cunhado, que quisesse ir com vinte homens portugueses ajudar ao Rei seu amigo; foi Pantaleão de Sá com os vinte homens e quinhentos cafres, e seus capitães, e tornaram atrás por onde êles já tinham passado seis léguas, e pelejaram com um cafre que andava levantado, e tomaram-lhe todo o gado, que são os seus despojos, e trouxeram-no ao arraial adonde estava Manoel de Sousa com el-Rei; e nisto gastaram cinco ou seis dias.

Depois que Pantaleão de Sá veio daquela guerra em que foi ajudar ao reizinho, e a gente que com êle foi, e descansou do trabalho que lá tiveram, tornou o capitão a fazer conselho sôbre a determinação de sua partida, e foi tão fraco que assentaram que deviam de caminhar e buscar aquêle rio de Lourenço Marques, e não sabiam que estavam nêle. E porque êste rio é o da água de Boa Paz, com três braços que todos vêm entrar ao mar em uma foz, e êles estavam no primeiro, e sem embargo de verem ali uma gota vermelha, que era sinal de virem já ali portugueses, os cegou a sua fortuna, que não quiseram senão caminhar àvante. E porque haviam de passar o rio, e não podia ser senão em almadias, por ser grande, quis o capitão ver se podia tomar sete ou oito almadias que estavam fechadas com cadeias, para passar nelas o rio, que el-Rei não lhes queria dar, porque tôda a maneira buscava para não passarem, pelos desejos que tinha de os ter consigo. E para isso mandou certos homens a ver se podiam tomar as almadias; dois dos quais vieram, e disseram que lhes era cousa dificultosa para se poder fazer. E os que se deixaram ficar, já com malícia, houveram uma das almadias à mão e embarcaram-se nela, e foram-se pelo rio abaixo e deixaram a seu capitão. E vendo êle que nenhuma maneira havia de passar o rio, senão por vontade do rei, lhe pediu o quisesse mandar passar da outra banda nas suas almadias, e que êle pagaria bem à gente que os levasse; e pelo contentar lhe deu algumas das suas armas, porque o largasse e o mandasse passar.

Então o rei foi em pessoa com êle, e, estando os portugueses receosos de alguma traição ao passar do rio, lhe rogou o capitão Manoel de Sousa que se tornasse ao lugar com sua gente, e que o deixasse passar à sua vontade com a sua, e lhe ficassem sòmente os negros das almadias. E como no reizinho negro não havia malícia, mas

antes os ajudava no que podia, foi cousa leve de acabar com êle que se tornasse para o lugar, e logo se foi, e deixou passar à sua vontade. Então mandou Manoel de Sousa passar trinta homens da outra banda nas almadias, com três espingardas; e como os trinta homens foram da outra banda, o capitão, sua mulher e filhos passaram além, e após êles tôda a mais gente; e até então nunca foram roubados, e logo se puseram em ordem de caminhar.

Haveria cinco dias que caminhavam para o segundo rio, e teriam andado vinte léguas, quando chegaram ao rio do meio, e ali acharam negros, que os encaminharam para o mar, e isto era já ao sol pôsto; e estando à borda do rio, viram duas almadias grandes; e ali assentaram o arraial em uma areia onde dormiram aquela noite; e êste rio era salgado, e não havia nenhuma água doce ao redor, senão uma que lhe ficava atrás. E de noite foi a sêde tamanha no arraial, que se houveram de perder; quis Manoel de Sousa mandar buscar alguma água, e não houve quem quisesse ir menos de cem cruzados cada caldeirão, e os mandou buscar, e em cada um dia fazia duzentos; e se o não fizera assim, não se pudera valer.

E sendo o comer tão pouco como atrás digo, a sêde era desta maneira; porque queria Nosso Senhor que a água lhes servisse de mantimentos. Estando naquele arraial, ao outro dia, perto do noite, viram chegar as três almadias de negros, que lhes disseram por uma negra do arraial, que começava já a entender alguma cousa, que ali viera um navio de homens como êles e que já era ido. Então lhes mandou dizer Manoel de Sousa se os queriam passar da outra banda, e os negros responderam que era já noite (porque cafres nenhuma cousa fazem de noite), que ao outro dia os passariam se lhes pagasse. Como amanheceu, vieram os negros com quatro almadias, e sobre preço de uns poucos de pregos começaram a passar a

gente, passando primeiro o capitão alguma gente para guarda do passo, e embarcando-se em uma almadia com sua mulher e filhos, para da outra banda esperar o resto da sua companhia; e com êle iam as outras três almadias carregadas de gente.

Também se diz que o capitão vinha já naquêlo tempo maltratado do miolo, da muita vigia e muito trabalho, que carregou sempre nêle mais que todos os outros. E por vir já desta maneira, e cuidar que lhe queriam os negros fazer alguma traição, lançou mão à espada, e arrancou dela para os negros que iam remando, dizendo: «Perros, aonde me levais?»

Vendo os negros a espada nua, saltaram ao mar, e ali esteve em risco de se perder. Então lhe disse sua mulher, e alguns que com êles iam, que não fizesse mal aos negros, que se perderiam. Em verdade, quem conhecera a Manoel de Sousa, e soubera sua discreção e brandura, e lhe vira fazer isto, bem poderia dizer que já não ia em seu perfeito juízo; porque era discreto e bem atentado. Dali por diante ficou de maneira, que nunca mais governou a sua gente como até ali o tinha feito. E chegando da outra banda, se queixou muito da cabeça, e nela lhe ataram toalhas, e ali se tornaram a juntar todos.

Estando já da outra banda para começar a caminhar, viram um golpe de cafres, e vendo-os se puseram em som de pelejar, cuidando que vinham para os roubar; e chegando perto da nossa gente, começaram a ter fala uns com os outros, perguntando os cafres aos nossos que gente eram, ou que buscavam. Responderam-lhes que eram cristãos, que se perderam em uma nau, e que lhes rogavam os guiassem para um rio grande que estava mais avante, e que, se tinham mantimentos, que lhos trouxessem, e lhos comprariam. E por uma cafra, que era de Sofala, lhe disseram os negros que, se queriam mantimentos, que fôsem com êles a um lugar onde estava o

seu Rei, que lhes faria muito agasalho. A êste tempo seriam ainda cento e vinte pessoas; e já então D. Leonor era uma das que caminhavam a pé, e sendo uma mulher fidalga, delicada e môça, vinha por aquêles ásperos caminhos tão trabalhosos como qualquer robusto homem do campo, e muitas vezes consolava as da sua companhia, e ajudava a trazer seus filhos. Isto foi depois que não houve escravos para o andar em que vinha. Parece verdadeiramente que a graça de Nosso Senhor supria aqui; porque sem ela não pudera uma mulher tão fraca, e tão pouco costumada a trabalhos, andar tão compridos e ásperos caminhos, e sempre com tantas fomes e sêdes, que já então passavam de trezentas léguas as que tinham andado, por causa dos grandes rodeios.

Tornando à história. Depois que o capitão e sua companhia tiveram entendido que o Rei estava perto dali, tomaram os cafres por sua guia; e com muito recato caminharam com êles para o lugar que lhes diziam, com tanta fome e sêde quanto Deus sabe. Dali ao lugar onde estava o rei havia uma légua, e, como chegaram, lhes mandou dizer o cafre que não entrassem no lugar, porque é cousa que êles muito escondem, mas que se fôssem pôr ao pé de umas árvores que lhes mostraram, e que ali lhes mandaria dar de comer. Manoel de Sousa o fêz assim, como homem que estava em terra alheia, e que não tinha sabido tanto dos cafres, como agora sabemos por esta perdição e pela da nau S. Bento, que cem homens de espingarda atravessariam tôda a Cafraria, porque maior mêdo têm delas que do mesmo demónio.

Depois de assim estarem agasalhados à sombra das árvores, lhes começou a vir algum mantimento por seu resgate de pregos. E ali estiveram cinco dias, parecendo-lhes que poderiam estar até vir navio da Índia, e assim lho diziam os negros. Então pediu Manoel de Sousa uma casa ao rei cafre para se agasalhar com sua mulher e fi-

lhós. Respondeu-lhe o cafre, que lha daria, mas que a sua gente não podia estar ali junta, porque se não poderia manter por haver falta de mantimentos na terra; que ficasse êle com sua mulher e filhos, com algumas pessoas quais quisesse, e a outra gente se repartisse pelos lugares; e que lhe mandaria dar mantimentos e casas até vir algum navio. Isto era a ruindade do Rei, segundo parece, pelo que ao despois lhe fêz; por onde está clara a razão que disse, que os cafres têm grande medo de espingardas; porque não tendo ali os portuguezes mais que cinco espingardas, e até cento e vinte homens, se não atreveu o cafre a pelejar com êles, e a-fim de os roubar os apartou uns dos outros para muitas partes, como homens que estavam tam chegados à morte de fome; e, não sabendo quanto melhor fôra não se apartarem, se entregaram à fortuna e fizeram a vontade àquêle Rei, que tratava sua perdição, e nunca quizeram tomar o conselho do reizinho, que lhes falava verdade e lhes fêz o bem que pôde. E por aqui verão os homens como nunca hão de dizer nem fazer cousa em que cuidem que êles são os que acertam ou podem, senão pôr tudo nas mãos de Deus Nosso Senhor.

Despois que o Rei cafre teve assentado com Manoel de Sousa que os portuguezes se dividissem por diversas aldeias e lugares para se poderem manter, lhe disse também que êle tinha ali capitães seus que haviam de levar a sua gente, a saber, cada um os que lhe entregassem para lhes dar de comer; e isto não podia ser senão com êle mandar aos portuguezes que deixassem as armas, porque os cafres haviam medo deles enquanto as viam, e que êle as mandaria meter em uma casa, para lhas dar tanto que viesse o navio dos portuguezes.

Como Manoel de Sousa já então andava muito doente e fora do seu perfeito juízo, não respondeu como fizera estando em seu entendimento; respondeu que êle falaria com os seus. Mas como a hora fôsse chegada, em que ha-

via de ser roubado, falou com eles e lhes disse que nem havia de passar dali, de uma ou de outra maneira havia de buscar remédio de navio, ou outro qualquer que Nosso Senhor dele ordenasse, porque aquêle rio em que estavam era de Lourenço Marques, e o seu piloto André Vaz assim lho dizia; que quem quisesse passar dali que o poderia fazer, se lhe bem parecesse, mas que êle não podia, por amor de sua mulher e filhos, que vinha já muito debilitada dos grandes trabalhos, que não podia já andar, nem tinha escravos que o ajudassem. E portanto a sua determinação era acabar com sua família, quando Deus disso fôsse servido; e que lhes pedia, que os que dali passassem, e fôsem ter com alguma embarcação de portugueses, que lhe trouxessem ou mandassem as novas; e os que ali quisessem ficar com êle, o poderiam fazer, e por onde êle passasse passariam êles. E porém que para os negros se fiarem deles e não cuidarem que eram ladrões, que andavam a roubar, que era necessário entregarem as armas, para remediar tanta desventura como tinham de fome havia tanto tempo. E já então o parecer de Manoel de Sousa, e dos que com êle consentiram, não era de pessoas que estavam em si, porque, se bem olharam, enquanto tiveram suas armas consigo, nunca os negros chegaram a êles. Então mandou o capitão que pusessem as armas, em que depois de Deus estava sua salvação; e contra a vontade de alguns, e muito mais contra a de D. Leonor, as entregaram; mas não houve quem o contradissem senão ela, ainda que lhe aproveitou pouco. Então disse, « Vós entregais as armas; agora me dou por perdida com tôda esta gente ». Os negros tomaram as armas e as levaram a casa do Rei cafre.

Tanto que os cafres viram os portugueses sem armas, como já tinham concertada a traição, os começaram logo a apartar e roubar, e os levaram por êsses matos cada um como lhe caía a sorte. E acabado de chegarem aos luga-

res, os levavam já despidos, sem lhes deixar sôbre si cousa alguma, e com muita pancada os lançaram fora das aldeias. Nesta companhia não ia Manoel de Sousa, que com sua mulher e filhos, e com o piloto André Vaz e obra de vinte pessoas, ficavam com o Rei, porque traziam muitas jóias e rica pedraria e dinheiro; e afirmam que o que esta companhia trouxe até ali valia mais de cem mil cruzados. Como Manoel de Sousa, com sua mulher e com aquelas vinte pessoas, foi apartado da gente, foram logo roubados de tudo o que traziam, sômente os não despiu; e o Rei lhe disse que se fôsse muito embora em busca de sua companhia, que lhe não queria fazer mais mal, nem tocar em sua pessoa, nem de sua mulher. Quando Manoel de Sousa isto viu, bem se lembraria quão grande êrro tinha feito em dar as armas; e foi fôrça de fazer o que lhe mandavam, pois não era mais em sua mão.

Os outros companheiros, que eram noventa, em que entrava Pantaleão de Sá e outros três fidalgos, ainda que todos foram apartados uns dos outros, poucos e poucos, segundo se acertaram, depois que foram roubados e despidos pelos cafres a quem foram entregues por o Rei, se tornaram a juntar porque era perto uns dos outros; e juntos, bem mal tratados, e bem tristes, faltando-lhes as armas, vestidos, e dinheiro para resgate de seu mantimento, e sem o seu capitão, começaram de caminhar.

E como já não levavam figura de homens, nem quem os governasse, iam sem ordem, por desvairados caminhos; uns por matos, e outros por serras, se acabaram de espalhar, e já então cada um não curava mais que fazer aquilo em que lhe parecia que podia salvar a vida, quer entre cafres, quer entre mouros, porque já então não tinham conselho, nem quem os ajuntasse para isso. E como homens que andavam já de todo perdidos, deixarei agora de falar nêles e tornarei a Manoel de Sousa, e à desditosa de sua mulher e filhos.

Vendo-se Manoel de Sousa roubado e despedido del-Rei, que fôsse buscar sua companhia, e que já então não tinha dinheiro, nem armas, nem gente para as tomar; e dado caso que já havia dias que vinha doente da cabeça, todavia sentiu muito esta afronta. Pois que se pode cuidar de uma mulher muito delicada, vendo-se em tantos trabalhos e com tantas necessidades, e, sôbre tôdas, ver seu marido diante de si tão maltratado, e que não podia já governar, nem olhar por seus filhos. Mas, como mulher de bom juízo, com o parecer dêsses homens que ainda tinha consigo, começaram a caminhar por êsses matos, sem nenhum remédio, nem fundamento, sòmente o de Deus. A êste tempo estava ainda André Vaz, o piloto, em sua companhia, e o contra-mestre, que nunca a deixou, e uma mulher ou duas portuguesas e algumas escravas. Indo assim caminhando, lhes pareceu bom conselho seguir os noventa homens, que avante iam, roubados, e havia dois dias que caminhavam, seguindo suas pisadas. E D. Leonor ia já tão fraca, tão triste e desconsolada, por ver seu marido da maneira que ia, e por se ver apartada da outra gente e ter por impossível poder-se juntar com êles, que cuidar bem nisto é cousa para quebrar os corações! Indo assim caminhando, tornaram outra vez os cafres a dar nêle e em sua mulher e em êsses poucos que iam em sua companhia, e ali os despiram, sem lhes deixarem sôbre si cousa alguma. Vendo-se ambos desta maneira, com duas crianças muito tenras diante de si, deram graças ao Nosso Senhor.

Aqui dizem que D. Leonor se não deixava despir, e que às punhadas e às bofetadas se defendia, porque era tal que queria antes que a matassem os cafres, que ver-se nua diante da gente; e não há dúvida que logo ali acabara sua vida, se não fôra Manoel de Sousa, que lhe rogou se deixasse despir, que lhe lembrava que nasceram nus, e pois Deus daquilo era servido que o fôsse ela. Um

dos grandes trabalhos que sentiam, era verem dois meninos pequenos seus filhos, diante de si chorando, pedindo de comer, sem lhes poderem valer. E vendo-se D. Leonor despida, lançou-se logo no chão e cobriu-se tôda com os seus cabelos, que eram muito compridos, fazendo uma cova na areia, onde se meteu até à cintura sem mais se erguer dali. Manoel de Sousa foi então a uma velha sua aia, que lhe ficara ainda uma mantilha rôta, e lha pediu para cobrir D. Leonor, e lha deu; mas contudo nunca mais se quis erguer daquele lugar, onde se deixou cair quando se viu nua.

Em verdade, que não sei quem por isto passe sem grande lástima e tristeza. Ver uma mulher tão nobre, filha e mulher de fidalgos tão honrados, tão maltratada e com tão pouca cortesia! Os homens que estavam ainda em sua companhia, quando viram a Manoel de Sousa e sua mulher despidos, afastaram-se dêles um pedaço, pela vergonha que houveram de ver assim seu capitão e D. Leonor. Então disse ela a André Vaz, o piloto: «Bem vêdes como estamos e que já não podemos passar daqui, e que havemos de acabar por nossos pecados; ide-vos muito embora, fazei por vos salvar e encomendai-vos a Deus; e se fordes à Índia e a Portugal, em algum tempo, dizei como nos deixastes a Manoel de Sousa e a mim com meus filhos». E êles vendo que por sua parte não podiam remediar a fadiga de seu capitão, nem a pobreza a miséria de sua mulher e filhos, se foram por êsses matos, buscando remédio de vida.

Depois que André Vaz se apartou de Manoel de Sousa e sua mulher, ficou com êle Duarte Fernandes, contra-mestre do galeão, e algumas escravas, das quais se salvaram três, que vieram a Gôa, que contaram como viram morrer D. Leonor. E Manoel de Sousa, ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e filhos passavam de comer. E sendo ainda

manco de uma ferida que os cafres lhe deram em uma perna, assim maltratado se foi ao mato buscar frutas para lhes dar de comer; quando tornou, achou D. Leonor muito fraca, assim de fome, como de chorar, que depois que os cafres a despiram nunca mais dali se ergueu nem deixou de chorar; e achou um dos meninos morto, e por sua mão o enterrou na areia. Ao outro dia tornou Manoel de Sousa ao mato buscar alguma fruta, e quando tornou achou D. Leonor falecida, e o outro menino, e sobre ela estavam chorando cinco escravas com grandíssimos gritos.

Dizem que êle não fez mais, quando a viu falecida, que apartar as escravas dali, e assentar-se perto dela, com o rosto pôsto sobre uma mão, por espaço de meia hora, sem chorar nem dizer cousa alguma; estando assim com os olhos postos nela, e no menino fez pouca conta. E acabado êste espaço se ergueu, e começou a fazer uma cova na areia com ajuda das escravas, e sempre sem falar palavra a enterrou, e o filho com ela; acabado isto, tornou a tomar o caminho que fazia quando ia a buscar as frutas, sem dizer nada às escravas, e se meteu pelo mato e nunca mais o viram. Parece que, andando por êsses matos, não há dúvida senão que seria comido de tigres e leões. Assim acabaram sua vida mulher e marido, havendo seis meses que caminhavam por terras de cafres com tantos trabalhos.

Os homens que escaparam de tôda esta companhia, assim dos que ficaram com Manoel de Sousa quando foi roubado, como dos noventa que iam diante dêle caminhando, seriam até oito portugueses e catorze escravos, e três escravas das que estavam com D. Leonor ao tempo que faleceu. Entre os quais foi Pantaleão de Sá e Tristão de Sousa e o piloto André Vaz e Baltazar de Sequeira e Manoel de Castro e Álvaro Fernandes. E andando êstes já na terra sem esperança de poderem vir à terra

de cristãos, foi ter àquêlê rio um navio em que ia um parente de Diogo de Mesquita fazer marfim, onde achando novas que havia portugueses perdidos pela terra, os mandou buscar e os resgatou a trôco de contas; e cada pessoa custou dois vinténs de contas, que entre os negros é coisa que êles mais estimam; e se neste tempo fôra vivo Manoel de Sousa, também fôra resgatado. Mas parece que foi assim melhor para sua alma, pois Nosso Senhor foi servido. E êstes foram ter a Moçambique a vinte e cinco de Maio de mil e quinhentos e cincoenta e três anos.

Pantaleão de Sá, andando vagamundo muito tempo pelas terras dos cafres, chegou ao paço quási consumido com fome, nudez e trabalho de tão dilatado caminho; e chegando-se à porta do paço, pediu aos áulicos lhe alcançassem do Rei algum subsídio. Recusaram êles pedir-lhe tal cousa, desculpando-se com uma grande enfermidade que o Rei havia tempos padecia, e, perguntando-lhes o ilustre português que enfermidade era, lhe responderam que uma chaga em uma perna, tão pertinaz e corrupta que todos os instantes lhe esperavam a morte. Ouviu êle com atenção e pediu fizessem sabedor ao Rei da sua vinda, afirmando que era médico e que poderia talvez restituir-lhe a saúde. Entram logo muito alegres, noticiam-lhe o caso; pede instantemente o Rei que lho levem dentro; e depois que Pantaleão de Sá viu a chaga lhe disse: «Tenha muita confiança, que fâcilmente receberá saúde». E saindo para fora se pôs a considerar a emprêsa em que se tinha metido, donde não poderia escapar com vida pois não sabia cousa alguma que pudesse aplicar-lhe, como quem tinha aprendido mais a tirar vidas que a curar achaques para as conservar. Nesta consideração, como quem já não fazia caso da vida, e apeteendo antes morrer uma só vez do que tantas, urina na terra, e, feito um pouco de lôdo, entrou dentro a pôr-lho na quási incurável chaga. Passou pois aquêlê dia; e ao seguinte,

quando o illustre Sá esperava mais a sentença de sua morte do que remédio algum para a vida, tanto sua como do Rei, saiem fora os palacianos com notável alvorço; e querendo-o levar em braços, lhes perguntou a causa de tão súbita alegria. Responderam que a chaga, com o medicamento que se lhe applicara, gastara todo o pôdre, e aparecia só a carne, que era sã e boa. Entrou dentro o fingido médico, e, vendo que era como êles afirmavam, mandou continuar com o remédio, com o qual em poucos dias cobrou inteira saúde; o que visto, além de outras honras, puseram a Pantaleão de Sá em um altar, e, venerando-o como divindade, lhe pediu el-Rei ficasse no seu paço, oferecendo-lhe a metade do seu reino; e, se não, que lhe faria tudo o que pedisse. Recusou Pantaleão de Sá a oferta, afirmando-lhe que era preciso voltar para os seus. E mandando o Rei trazer uma grande quantia de ouro e pedraria, o premiou grandemente, mandando juntamente aos seus o acompanhassem até Moçambique.

II
Naufrágio da
nau S. BENTO em 1554

RELAÇÃO SUMÁRIA

DA VIAGEM QUE FÊZ

FERNÃO D'ÁLVARES CABRAL

*Desde que partiu dêste reino por capitão mór da
armada que foi no ano de 1553 às partes da
Índia até que se perdeu no Cabo da Boa
Esperança no ano de 1554*

ESCRITA POR

MANOEL DE MESQUITA PERESTRELO

Que se achou no dito naufrágio

*Naufração da nau S. Bento no
Cabo da Boa Esperança no
ano de 1554*

HAVENDO por seu serviço o muito católico e excelente Príncipe El-Rei D. João o III, nosso senhor, que Deus tem em glória, mandar no ano de 1553 uma armada de cinco naus às partes da Índia, que então governava D. Afonso de Noronha, despachou os capitães que nelas haviam de ir, que eram D. Manoel de Menezes, na nau Santo António, que ardeu primeiro que partisse, estando à carga no pôrto desta cidade; Rui Pereira da Câmara, na nau Santa Maria da Barca; D. Paio de Noronha, na nau Santa Maria do Loreto; e Belchior de Sousa, na nau Conceição; e por capitão mór de tóda esta armada a Fernão d'Álvares Cabral, fidalgo de muita estimação neste reino, o qual ia na nau S. Bento, de Sua Alteza, que era a maior e melhor que então havia na carreira, e levava por piloto Diogo Garcia, o Castelhana, por mestre António Ledo, e por contra-mestre Francisco Pires, todos homens muito estimados em seus cargos; e a esta conta ia provido de outras pessoas necessárias à sua viagem.

Aparelhados assim todos êstes capitães do que lhes cumpria, partiram do pôrto desta cidade de Lisboa, em domingo de Ramos, 24 de Março do dito ano, e seguiram sua rota alguns dias, assim em conserva, até que, andando o tempo, sucederam tão diversos acontecimentos, que foi forçado apartarem-se uns dos outros, ajudando-se cada um do caminho que melhor lhe parecia, segundo a paragem em que se achava, para salvamento das vidas e fazendas que levava a seu cargo, cujas viagens particularmente deixo de contar, por não ser meu intento tratar mais que de Fernão d'Álvares, o qual sobrepujando com sábia experiência a todos os contrastes que lhe sobrevieram, dobrando o Cabo de Boa Esperança em tempo que não podia já ir por Moçambique, se lançou por fora da Ilha de S. Lourenço, e só entre todos os de sua armada passou aquêlo ano à Índia, e foi surgir na entrada do mês de Fevereiro à barra da cidade de Gôa, onde esteve descansando dos enfadamentos do mar, entendendo em cousas necessárias à sua torna-viagem, até que veio o tempo de partirem para a cidade de Cochim as naus que haviam de trazer a carga do ano de 1554, as quais eram cinco: três que invernaram da armada do ano passado de 1553 e uma que se lá fizera, e mais a nau *S. Bento* de Fernão d'Álvares Cabral, a qual fazia tanta vantagem a tôdas as outras em grandeza, fortaleza e bondade, que daqui se veio a principiar a maior parte da desventura que depois sucedeu; porque por estas suspeitas carregavam tanto as partes e fazendas sôbre ela, que os officiais a quem a emenda disto cumpria se não sabiam dar a conselho; e contudo, dada a esta desordem a melhor ordem que foi possível, e aparelhadas as ditas naus de suas cargas e cousas necessárias, partiram para êste reino, ao qual sômente veio ter aquêlo ano Jorge de Sousa, capitão e senhorio da nau *S. Tomé*, que se na Índia fizera, porque Gil Fernandes de Carvalho, que vinha na nau *Serveira*,

achou os tempos tão contrários que tornou arribar à Índia, e Pero Barreto Ròlim, que vinha na *Barrilheira*, foi invernar a Moçambique, e, por a nau ser muito vèlha e aberta dos contrastes que tivera no Cabo da Boa Esperança, êle tornou dali para a Índia e veio por capitão um Benedito Mariscoto, feitor dela, da qual até o presente não houve mais notícia, nem se soube onde se perdeu. D. António Dias Figueira, que vinha na nau *Santiago*, desapareceu, das Ilhas Terceiras para cá, sem se saber onde; e Fernão d'Álvares Cabral varou em terra na bõca do Rio do Infante, junto do Cabo de Boa Esperança, de cuja viagem, naufrágio, destêrro e fim, pôsto que com comum estilo, direi o que alcancei na experiência de meus trabalhos, sem acrescentar nem diminuir a verdade do que se me oferece a contar.

Acabando Fernão d'Álvares, e os que com êle vínhamos, de estar prestes de todo o necessário à nossa viagem, desamarrámos da barra de Cochim para êste reino uma quinta-feira, primeiro dia de Fevereiro do ano de 1554. E enquanto logo do pôrto partimos com tempo perfeito, depois que nos fomos empolando se melhorou tanto, que em muito poucos dias nos pôs em altura de 16 graus da banda do Sul; mas como os contentamentos do mundo não sejam de muita dura, e principalmente os dos marreantes, por se estribarem na pouca constância do mar e vento, chegando à paragem que tenho dito se nos mudou tudo ao contrário, porque acalmando aquêlê bom tempo que trazíamos se levantou outro do Sul-Sudoeste, tão têsso que a qualquer outra boa nau, por boiante e marinheira que estivera, se pudera ter receio, quanto mais aquela, que, além de vir por baixo das cobertas tôda mociça com fazendas, trazia no convés setenta e duas caixas de marca e cinco pipas de água a cavalete, e se tirou tanta multidão de caixões e fardagem, que a altura destas cousas igualava o convés com os castelos e chapi-

téu; o que, ajuntando com a fúria do temporal, que todavia ia crescendo, fêz sofrer a nau tão mal o pairo, que, ficando muitas vezes afogada dos mares, êles entravam sem resistência alguma por ambos os bordos e a traziam de todo vencida; e, além disto, como a grossidão e fôrça das ondas a levantassem a grande altura, donde vinha a cair, dava tão grandes pancadas na água com a prôa, que rendeu as obras mortas por baixo do beque, não nos deixando com pouca suspeita que o mesmo faria pela roda; e isto nos pôs em tanta desconfiança, receando viesse a mais, que pareceu bem ao capitão tomar conselho sôbre o que faria, com o qual, pôsto que os mais eram de parecer que arribássemos, até abrandar aquêlê mau tempo, os officiais da nau o não consentirem, dizendo que tal se não devia de fazer senão despois de tentados todos os outros remédios, por ser já a monção passada e tempo em que, por pouco que desandássemos, se perderia a viagem de todo; mas que o bom seria alijar primeiro todo o fato que ia no convés, e que, quando com isto a nau não ficasse mais quieta, então arribaríamos.

Havendo nós êste por melhor conselho, começámos logo com muita presteza a despejar o convés de quanto trazia sôbre as tilhas, de modo que em muito pouco espaço foi o mar todo coberto de infinitas riquezas, lançadas as mais delas por seus próprios donos, de quem eram em aquêlê tempo tão aborrecidas como já em outro tão amadas; e assim alijámos a maior parte da água que vinha em cima, e tôdas as outras cousas que mais achávamos à mão e mais estôrvo faziam à mareação da nau; mas, conquanto de tudo isto foi muita quantidade, nenhuma melhoria sentimos enquanto a fôrça do temporal durou; e assim, como dantes, estávamos cada momento esperando pela hora em que se acabaria de abrir de todo; e como o desejo de passar aquêlê ano a êste reino não pudesse em nós menos que o temor do perigo em que es-

távamos, aturámos nêle, sem querer arribar até outro dia, hora de vésperas, em que Nossa Senhora foi servida abançar aquêle mau tempo; de modo que, quando veio terceiro dia, acabou de acalmar de todo, e nos tornou o bom que dantes trazíamos, ficando contudo a nau tão apalpada daquêle trabalho, que dali por diante em cada quarto davam meio às bombas; o que, junto com o rendimento da proa e temporais, se esperava não ser aquêle o derradeiro contraste que teríamos. Descontentou tanto aos oficiais, que estiveram de todo indignados para arribarem a Moçambique, o que prouvera a Deus que se fizera; muito bem pudera ser que ainda agora permanecessem, e não foram entregues a rochas, e braveza do mar, uma tal nau e tantos homens de preço, e riquezas, como nela pereceram! Mas até a solução da prática, que sôbre isto houve, foi que, pois nos mostrava tempo de viagem, mais asinha — quando outro trabalho sôbrevisse — o poderíamos fazer rodeando a ilha de S. Lourenço pela ponta do Sul, que desandar quatro graus que já por ela tínhamos entrado.

Tanto que isto foi concluído, tornámos a dar à vela nossa rota direita pela altura que vínhamos demandando, atormentados todavia com muita água que fazíamos, a qual chegou a tanto crescimento, que continuamente vínhamos dando a ambas as bombas; e se um só relógio levávamos mão disto, tínhamos depois trabalho em a tornar a vencer, sem haver remédio para se poder tomar, nem saber por onde entrava, pôsto que sôbre isso houve tôda a diligência possível; e sòmente o que nos, depois de Deus, mais esforçava era a frágil confiança do bom tempo que trazíamos, com que esperávamos acabar cedo de rodear a Ilha de S. Lourenço e arribar a Moçambique, porque, quanto o trabalho da bomba durou, êste foi sempre o nosso propósito, e com êstes sobressaltos navegámos até os vinte e três dias do mês de Março, em que Nosso

Senhor foi servido levar desta vida a Pedro Sobrinho de Mesquita, meu pai, estando guardada aquela fria e inquietada sepultura aos cansados setenta anos, depois de tantos trabalhos por mar e por terra, como tinha levado nas partes da Índia, onde servindo gastara o mais da sua idade, indo a primeira vez com o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e quarta e derradeira no ano de 547, em que levava consigo António Sobrinho de Mesquita, meu irmão, e a mim, que com êle vínhamos; cuja morte eu não lamento como perda de tal pai e companheiro de tantos anos e tão diversos acontecimentos, porque sucedeu depois o tempo de maneira, que, chamando-lhe muitas vezes bem-aventurado, não cessava de dar graças a Nosso Senhor, que o não quis guardar para tantos males, e o levou em tempo que não viu a destruição de seus amigos e fazenda, nem a carnicaria e estragos que a desventura depois fêz em seus próprios filhos.

Neste próprio dia que êle faleceu (era sexta-feira) prouve a Nosso Senhor tapar-se a água, que tanto trabalho nos tinha dado, sem ser tomada nem achada por alguém, e assim súbitamente mingou em tanta quantidade, que dali por diante não dávamos em cada quarto mais de um relógio a uma das bombas, ficando com isto esgotada de todo; com o qual evidente milagre nos esforçámos tanto, que já não havia quem cuidasse em arribar a Moçambique. Mostrando cobrar confiança de passar a êste reino, nos fizemos na volta do Cabo de Boa Esperança, em o qual caminho, pôsto que o piloto era havido por um dos melhores da carreira e tinha feito muitas viagens sem lhe acontecer desastre, ou foi porque por sua muita velhice lhe titubeava já o juízo, ou por nossos pecados o ordenarem assim para o que havia de ser, êle se fêz tanto ao mar, tendo ventos largos, que em os vinte e cinco graus por diante fomos sempre girando à terra, e aos dezanove de Março nos achámos em trinta graus; corremos por esta

altura outros tantos dias com ventos frescos sem poder haver vista dela; o qual caminho foi tanto fora de tôda a ordem e navegação costumada, que se não pode attribuir todo o erro dele a um tão bom e tão experimentado piloto, pôsto que êle tinha por costume fazer-se sempre muito ao mar, dizendo que assim dobrava melhor o Cabo quem partia tarde; mas é de crer que deu em algumas grandes correntes que o abatiam para Leste e fizeram trazer outro caminho muito diferente do que cuidara; e como êste piloto fôsse homem de setenta anos, e já da Índia partisse com pouca saúde, nestes dias, que acima disse vínhamos cortando à terra, se achou êle tão doente, que largou o cuidado e mando da nau a um Francisco Gomes, piloto de sobressalente que aí vinha, e começou a entender em cousas de sua alma, a qual deu a Deus aos vinte de Abril, com muito e geral sentimento de todos, pela muita confiança que nêle tinham.

Tomando Francisco Gomes o carregó da nau foi seguindo a mesma volta da terra que Diogo Garcia levava, por altura de trinta e quatro graus, até que no derradeiro dos já ditos trinta e três dias, que tínhamos demandado, uma sexta feira pela manhã, vinte de Abril, em o mesmo dia que o piloto faleceu, se nos mudou à proa o bom vento que trazíamos, e pôsto que logo começou pesado, pareceu contudo aos officiais da nau que se poderia esperar parando; pelo que, tomando as velas, nos pusemos à árvore sêca a aguardar aquêle contraste, o qual súbitamente veio em tanto crescimento, que começando de lhe haver mêdo pela pouca confiança que na nau tínhamos, determinámos ir-lhe fugindo com uma moneta posta ao redor dos castelos; e querendo pôr mãos a isto, senão quando um marinheiro, de dois que aí estavam na gávea recolhendo os aparelhos, começou de se benzer e chamar pelo nome de Jesus muito alto, e perguntando-lhe algumas pessoas que era aquilo, lhes mostrou pela banda do esti-

bordo uma onda, que de muito longe vinha levantada por cima das outras tôdas em demasiada altura, dizendo que diante dela via vir uma grande folia de vultos negros, que não podiam ser senão diabos. Enquanto com o alvoroço disto a gente começou a recrescer aos brados, por ver cousa tão espantosa, chegou êste mar, que, por a nau estar morta, sem lhe podermos fugir, nos alcançou pela quadra de estibordo, e foi o ímpeto e pêso dela tamanho, que quási nos sossobrou daquêle primeiro golpe; e, com o pendor que a nau fêz, deitou ao mar muitas caixas e fato do que vinha no convés, e juntamente o carpinteiro e outras pessoas, que nunca mais apareceram; e feriu com os caixões que correram à banda ao contra-mestre e calafates, os quais todos, pelo muito espírito que tinham, e por seus officios, nos fizeram grandes minguas na presente necessidade.

E por êste mar veio outro, que, conquanto não foi tamanho como o primeiro, achou já a nau tão adornada que quási a acabou de meter debaixo da água, tomando-a por ambos os bordos sem poder surdir; e estando nós assim a Deus misericórdia, esperando que se fôsse ao fundo, prouve a Êle que com o traquete que lhe largaram, depois de estar entregue e quási vencida dos mares um grande espaço, começou de ir arribando; mas, como com o balanço que dera lhe corresse a carga tôda à banda, ficou sempre obedecendo tanto àquela parte, que continuamente levava as mesas da guarnição por baixo do mar, e tanto que escardeava de ir com pressa em fim da roda, se enchia logo de água por êste bordo. Para remédio do que, pusemos mão a despejar o convés de quanto levava; e porque o pêso dos caixões era grande, e nós com os balanços da nau não podíamos andar em pé para os levantar, quebrando-os os despejávamos pano e pano; e como neste tempo trabalhávamos desatentamente e a fúria do vento fôsse de incrível braveza, tanto que estes panos desco-

briam fora do que abrangia o abrigo do costado da nau, não podendo cortar pela espessura e força dêle, tornavam a cair dentro, e deles e das liações das caixas se veio a fazer um massame muito grande, que andava a nado na água do convés, porque era tanta a que a nau tomava por êste bordo a que estava adornada, que conquanto lhe estendemos uma moneta por cima das antenas, para que entrasse menos, e abríamos algumas horas as escotilhas, para que calasse abaixo, e por muita que despejássemos com vasilhas, nenhuma cousa a fazíamos minguar; e de cada vez que a nau ia à banda (porque nunca mais pôde navegar direita) desandava êste massame com tanta força de uma parte para a outra, que desfazia as câmaras tôdas que iam de alaparavante, e, ajuntando consigo barris, fardos, armas, e outras cousas que nelas iam, com que se de cada vez fazia maior, veio a levar de encontro os pés de carneiro que sustinham as tilhas, e a dar com elas em baixo; e das pancadas que dava nos costados os fêz arrear das cobertas mais de um palmo de cada parte, e, pôsto que lhe amarrámos, com assás risco, muitos cabos grossos para o atacar a um dos bordos, era sua força e pêso tanto, que todos os trincava; pelo que, desconfiando de podermos por esta via dar remédio, não tivemos outro senão, porque ao convés ninguém ousava descer, dependendo-nos das tilhas e de outros lugares oportunos, uns com marrões, outros com cabos, esperando que atravessasse por baixo alguma cousa das que mais prejuízo nos faziam, que quebrássemos ou alássemos arriba; e depois que nisto trabalhámos um grande espaço, vendo o pouco proveito que fazíamos, uns acudimos às talhas do leme, que com a grossura dos mares andavam muito trabalhosas, e outros às bombas a que demos tôda aquela tarde, e até o fim do quarto de prima com não fazermos mais que tirar água do pião e deitá-la no convés donde tornava a cair entre as cobertas; porque como o da bomba fôsse

sempre por baixo do mar, não sòmente a que tirávamos não podia sangrar fora, mas ainda a de fora por ela vinha para dentro; e contudo não cessávamos desta obra, até que o pêso da água que entrava na nau, pelas partes que o mar arrebentara, veio de romania a carga, arrombando os paioes da pimenta, em que até então se estivera embebendo, e trazendo consigo tanta, que por ficarem com ela empachadas não se pôde mais trabalhar com as bombas; mas porque não ficasse remédio por intentar, tanto que este faltou, aparelhámos barris e outras vasilhas, com que deitávamos fora a mais da água que podíamos, e nisto andámos até que rompeu a alva, ao qual tempo, cansados do muito que trabalhámos, e desconfiados disto aproveitar, pela pouca água que tirávamos e muita que crescia, tendo já dezassete palmos dela, cessámos dèste trabalho, mandando vir do pião aos officiais e marinheiros que lá andavam enchendo as vasilhas, os quais, chegados arriba, nos acabaram de desenganar de todo, porque até então não cuidávamos que o mal era tanto, dizendo-nos que a cousa era acabada, porque assim entrava o mar pelo costado da nau como poderia entrar por uma canastra, e que tudo por baixo estava aberto e alagado; portanto cada um tratasse de se encomendar a Deus, porque sem dúvida aquêlê seria o derradeiro dia em que o poderia fazer; a qual nova foi para nós de tanta tristeza, e recebida com tanto sobressalto, que não houve nenhum em cujo rosto manifestamente se não enxergasse o abalo que recebia de um tão cru desengano, pelo receio que perante tão justo Juiz cada um levava de suas injustas obras.

Neste comenos esclareceu a manhã, e saindo o sol havemos a vista da terra que vínhamos buscar havia tanto tempo, a qual, segundo a altura de trinta e três graus que tomámos, devia ser a ponta do Cabo do Arrecife, e a ela se foi cortando de ginete, indo em fim de roda a pôpa; e por quanto o vento era Sudoeste, a nau só foi

apontar ao Norte e Nordeste, aonde se a terra demandava de frecha; e desta sorte navegámos até sôbre a tarde, ao qual tempo estaríamos seis ou sete léguas dela.

A nau tinha já duas cobertas cheias de água, o que nos meteu então em confusão; e começaram alguns a dizer para que era aguardar mais, senão marrarem com terra até se acabar de abrir, pois, segundo já estava, não tardaria muito tempo em se ir ao fundo, e tanto ao mar que nem um pudesse escapar; outros eram de outro parecer, dizendo que ainda que a nau pudera sofrer os mares e vela, o que se dela não esperava, que nem com isso se devia tal fazer, por ser já tanta parte do dia gastado, que a bom andar não poderíamos chegar à terra menos do fim do quarto de prima, ou princípio da madorna, tempo em que pela escuridão da noite não saberíamos onde varávamos, nem depois de alagada atinaríamos a que parte iríamos nadando buscar o melhor remédio de nossa salvação; porque nisto só eram todos conformes: que em a nau tocando, e fazendo-se em pedaços, tudo seria um. Assim que, altercadas estas duas razões, com ambas assaz desconfiados da vida, assentaram todos que varando de noite nenhuma esperança podíamos ter de nos salvar; aguardando a manhã, ainda nos ficava a da misericórdia de Nosso Senhor, mediante a qual poderia ser não se ir a nau aquela noite ao fundo.

Acabando de nos resolver nisto, não restou mais que fazê-lo assim, por não haver já quem pudesse trabalhar, e porque, ainda que isto houvera, não havia cousa de que lançar mão, em que tivéssemos confiança, que por via de trabalho se pudesse remediar. Pelo que, como homens que esperávamos antes de poucas horas dar conta a Nosso Senhor de nossas bem ou mal gastadas vidas, cada um começou de a ter com sua consciência, confessando-se sumariamente a alguns clérigos que aí iam. A êste tempo andavam com um retábulo e Crucifixo nas mãos, conso-

lando nossa angústia com a lembrança daquela que ali nos apresentavam. Isto acabado, pedíamos perdão uns aos outros, despedindo-se cada um de seus parentes e amigos, com tanta lástima, como quem esperava serem aquelas as derradeiras palavras que teriam neste mundo. Nisto andava tudo, que se não poderião pôr os olhos em parte onde se não vissem rostos cobertos de tristes lágrimas e de uma amarelidão e trespassamento da manifestador e sobejo receio que a chegada da morte causava, ouvindo-se também de quando em quando algumas palavras lastimosas, sinal certo da lembrança que ainda naquêlê derradeiro ponto não faltava dos orfãos e pequenos filhos, das amadas e pobres mulheres, dos vélhos e saúdosos pais que cá deixavam; e acabando cada um de satisfazer ao humano com êste pequeno mas devido cumprimento, todo o mais certo do tempo se gastava em pedir a Nosso Senhor remédio espiritual (que do corporal ninguém fazia conta). Mas como o amor que o trouxe à Santa Cruz não sofria enjeitar nossas petições, prouve a Êle ouvir as de algum inocente ou pecador contrito que ali havia, de modo que a nau se não foi aquela noite ao fundo. Ao outro dia amanheceu obra de uma légua da terra, levando já as varandas assentadas no mar e tanta água dentro que da estrinca lhe chegavam com a mão, em que se bem viu a sua misericórdia, porque com um têrço da água que aquela nau tinha dentro, e se sustinha em mares tão grossos, indo tão carregada, se fôra ao fundo qualquer outra em um rio muito quieto, por boiante que estivera.

Tanto que esclareceu o dia, e nos vimos perto das íngremes serras e bravas penedias daquela tão estranha e bárbara terra, nenhum houve, pôsto que o perigo presente por uma parte fizesse folgar com sua vizinhança, por outra o não acomettesse com grande receio, tendo por mui fresco na memória quão cobertos deviam ainda estar os seus espaçosos e desaproveitados matos de ossadas portu-

guesas, dos que vinham o ano de 52 no galeão *S. João* com Manoel de Sousa Sepúlveda, que se naquela paragem perdera, dos quais, sendo tantos, sabíamos que quasi nenhum escapara, conquanto chegaram a surgir na costa com a nau sã e tiveram tempo para deitarem o batel fora, em que além dos corpos salvaram muitos mantimentos e armas, com que se poderiam remediar em algumas necessidades que lhe sobreviessem e defender-se da gente da terra, quando necessário fôsse; os quais remédios todos (se em tão grandes males tão pequenas cousas podem ter este nome) nos faltavam a nós, porque por as tilhas estarem derribadas, e com o massame do convés, não pudemos tirar o batel; e, faltando este, estava certa a falta das outras cousas.

Mas como o tempo não era de muitas escolhas, dissimulando cada um quanto podia o interno descoroçoamento que levava, endireitámos com a terra que mais perto vimos, a qual era uma praia grande de areia, em altura de trinta e dois graus e um tёрço, que estava na bôca do Rio do Infante; e porque a água descia dêle muito tesa com a vazante da maré, e nau já não acudia ao leme, mas sómente com a vela se governava, foi-a o mar chamando a um ilhéu de penedos que está da bôca do Rio para a parte do Cabo obra de um tiro de espingarda—outra mercê grande de Nosso Senhor, porque se fôramos encalhar onde levávamos vontade, por ser já a maré quasi vazia, ficava a praia parcelada, arrebetando por tôda ela o mar em flor muito longe da costa, de modo que nenhum pudera escapar; e por este caminho dos penedos era tão alcantilada, que não estaríamos deles mais de um tiro de besta e em sete braças de água, pelas quais a nau deu a primeira pancada; e em tocando foi logo partida pelo meio; convém a saber: o pião que ficou no fundo, as outras cobertas e obras mortas que foram, atravessadas, rolando à terra, ficando tudo arrasado

de água até às bordas, e aparecendo somente os castelos descobertos, e chapitéus, por riba dos quais passavam os mares tão a miúdo, e assim grossos como pesados, que não menos andavam a nado os que se a êles recolham, que os que pelas outras partes da nau estavam; e desta maneira, pegado cada um o melhor que podia, no lugar em que lhe a sorte cafu, nos iam as ondas botando à terra, soando neste tempo por tôdas as partes um confuso, alto e miserável grito, com que todos a uma voz pedíamos a Nosso Senhor misericórdia.

E como quer que as mais das pessoas tinham junto de si tábuas ou barris ou outras cousas semelhantes, com que naquele derradeiro extrêmo esperavam escapar nadando, tanto que tudo foi coberto de água os que mais confiavam nesta arte se começaram de lançar ao mar, e os que dela não sabiam, e ainda ficavam na nau, vendo que o mastro com a grossura e ensapreamento dos mares os sossobrava tanto que os fazia mergulhar muitas vezes, determinaram cortá-lo; pelo que, cortando-lhe a enxárcia da parte do mar, o fizeram cair para a da terra, e tão perto já dela que quasi tocava com o mastro em sêco; e como cada um estivesse aguardando o melhor meio que o tempo desse para sua salvação, e o mastro tivesse tão boa aparência de ponte que parecia possível sair por ali pouco menos de a pé enxuto, havendo-se por remediados os que se a êle puderam lançar, em um momento o encheram do pé até à gavea; mas neste comenos vieram três ou quatro mares muito grossos, e o levaram por riba, com tanto pêso, que derribaram a todos os que nêle estavam, aos quais as ondas que botavam para fora faziam ir mergulhando, até marrarem com a vela que estava envergada e estendida com o tresmalho, e nela ficaram entrelhados; de modo que, de tantos quantos esta passagem cometeram, morto nem vivo nenhum saiu à terra senão um Manoel de Castro, irmão de Diogo de Castro mercador, que escapara

já a outra vez do naufrágio de Manoel de Sousa, ao qual o pé do mastro colheu uma perna entre si e o costado da nau que lha quebrou, e arrancou quasi de todo pela reigada da coxa, fazendo-lha dali para baixo em tantos pedaços, que lhe ficou, de uma grande braça em comprido, com os ossos todos esburgados a uma parte, e tão feitos em rachas, que por muitos lugares lhe iam caindo os tutanos; e, levando-a desta maneira, teve tão bom espírito que não bastou a fôrça dos mares, que a tantos são derribara, para que lhe estorvasse sair em terra e ir assim a rasto pelos altos e baixos daquela penedia, até chegar aonde a água não alcançava, mas contudo na noite seguinte faleceu.

A êste tempo andava o mar todo coalhado de caixas, lanças, pipas, e outras diversidades de cousas, que a desventurada hora do naufrágio faz aparecer; e andando tudo assim baralhado com a gente, de que a maior parte ia nadando à terra, era cousa medonha de ver, e em todo o tempo lastimosa de contar, a carniçaria que a fúria do mar em cada um fazia e os diversos géneros de tormentos com que geralmente tratava a todos, porque em cada parte se viam uns que não podendo mais nadar andavam dando grandes e trabalhosos arrancos com a muita água que bebiam, outros, a que as fôrças ainda abrangiam menos, que encomendando-se a Deus nas vontades se deixavam a derradeira vez cair ao fundo; outros a que as caixas matavam, entre si entalados, ou, deixando-os atordoados, as ondas os acabavam, marrando com êles em os penedos; outros a que as lanças, ou pedaços da nau, que andavam a nado, os espedaçavam por diversas partes com os pregos que traziam, de modo que a água andava em diversas partes manchada de uma côr tão vermelha como o próprio sangue, do muito que corria das feridas aos que assim acabavam seus dias.

Andando a cousa como digo, o que ainda havia da nau se partiu em dois pedaços, convém a saber: os castellos a uma parte e o chapitéu a outra, em os quais lugares estavam recolhidos todos os que não sabiam nadar, sem ousarem cometer o mastro nem o mar, por verem quão atribuladamente acabavam os que por cada uma destas partes se aventuravam à terra; e tanto que estes pedaços ficaram assim apartados, e o mar se pôde melhor ajudar dêles, começou de os trazer no escarcéu, aos tombos de uma parte para a outra; e dessa maneira, ora por baixo da água, ora por cima, andávamos até que prouve a Nosso Senhor virem três ou quatro mares muito grossos, que vararam estes pedaços em sêco, onde ficaram encalhados, sem a ressaca os tornar a sorver como outras vezes tinha feito, e nêles se salvou a maior parte da gente que ficou viva.

Escapados assim os que Nosso Senhor foi servido, depois que gastámos algum espaço em lhe dar as graças devidas a tantas mercês, começou cada um de bradar por cima daqueles penedos pelas pessoas que lhe mais doía, as quais acudindo dos lugares aonde sua ventura fizera portar, e manifestando bem com os olhos o sobejo contentamento que daquela não esperada vista recebiam, se tornaram a abraçar de novo; e preguntando uns aos outros pelos que faltavam, soubemos onde estavam alguns tão maltratados das dificuldades e contrastes que tiveram em sua salvação, que se não podiam bulir donde jaziam, pelo que foi buscado tudo tão miudamente que se acabaram de juntar os vivos, e nós certificados que não eram falecidos.

E porque entre estes penedos e a terra firme havia ainda um braço de mar, que os fazia ficar em ilhéu, e a maré começava já de repontar, receando que nos tolhesse passámos a vau à outra banda, levando os mais sãos às costas aos mais feridos, pôsto que todos o estávamos pou-

co ou muito, uns dos desastres que no mar tiveram, e outros da aspereza dos penedos em que saíram, que eram tão ásperos e pontiagudos, que nenhum se pôde livrar sem ficar assinalado.

Tanto que todos fomos passados à terra firme, mandou o capitão saber os que faltavam, e acharam-se menos cento e cinquenta pessoas; convém a saber: passante de cem escravos, e quarenta e quatro portugueses, entre os quais foi D. Álvaro de Noronha, que naquela fortuna mostrou bem claro que, se obra humana bastara a remediar tanta desventura, o seu heróico esforço, incansável alento e cuidado tinham assaz merecido o remédio dela; e tão arreigado estava em todos o crédito que suas passadas obras naquela e em outras afrontas cobraram, que foi sentida geralmente sua morte como de pessoa em cuja companhia nenhum receava acometer e expôr-se a todos os perigos e contrastes que lhe em tão arriscada jornada sobrevissem; mas como seus feitos fôsem dignos de outro melhor galardão, não sendo Nosso Senhor servido guardá-lo para tantos males, como estavam certos se dali escapara, o arrebatou um mal atentado, surdo e furioso mar de riba do mastro, onde estava, e o meteu debaixo da vela, donde nunca mais apareceu.

Faleceram também Nicolau de Sousa Pereira, Gaspar de Sousa, Álvaro Barreto, Gaspar Luís, irmão do padre Fr. André da Ínsua, Rodrigo de Niza, escrivão da nau, Vicente Dias, Fernão Veloso, o Padre António Gomes, da Companhia de Jesus, Duarte Gonçalves, arcediogo da Sé de Goa, e outros homens de mar e passageiros.

E porque o que entre nós melhor vestido estava não tinha mais sôbre si que uma camisa sem mangas e uns calções de giolho para cima, de que se apercebera quando vínhamos a varar em terra, por se achar mais desembaraçado para poder escapar nadando, estávamos todos molhados e entanguidos com frio. Enquanto o sol foi

quente, deitámo-nos a enxugar por aquela praia, falando nos diversos e desastrados modos de morte com que víramos acabar os que faltavam; mas tanto que êle foi arrefecendo, nos recolhemos a um mato que aí perto estava, e por onde corria um ribeiro de água, com que lavámos as bôcas do sal e satisfizemos a sêde, sendo êste o primeiro e derradeiro mantimento que naquele dia tivemos.

Tanto que escureceu a noite, agasalhando-nos pelos pés das árvores que ali estavam, cada um se recolheu aos pensamentos da sua fortuna, ocupando-os no sentimento das cousas que lhe mais doíam; e, para que ainda êste pequeno refrigério não tivéssemos com quietação, choveu aquella noite tanta água, que não podendo nossos mal enroupados corpos sofrer o demasiado frio que com ela fazia, nos levantámos, e assim às escuras andámos choutando de umas partes para outras, tomando êste trabalho por remédio dos outros que o frio e pouco sono e o mêdo de nossas próprias imaginações causavam; as quais cousas tôdas nos faziam desejar grandemente a torna da manhã; e tanto que ela começou de esclarecer, partimos caminho da praia a buscar alguma roupa com que nos repairássemos, a qual achámos tôda coberta de corpos mortos, com tão feios e disformes gestos, que davam bem evidentes mostras das penosas mortes que tiveram, jazendo uns por riba, outros por baixo daqueles penedos, e muitos de que não apareciam mais que os braços, pernas ou cabeças, e os rostos estavam cobertos de areia ou de caixas ou de outras diversas cousas; e não foi também aqui pequeno o lugar que a infinidade de perdidas fazendas ocupava, porque tudo quanto podíamos estender os olhos, de uma e outra parte daquela praia, estava cheio de muitas odoríferas drogas e outra infinita diversidade de fazendas e cousas preciosas, jazendo muitas delas ao redor de seus donos, a quem não sômente não puderam valer na presente necessidade, mas ainda a alguns, de quem

eram sobejamente amadas na vida, com seu pêso foram causa da morte; e verdadeiramente que era uma confusa ordem com que a desventura tinha tudo aquilo ordenado, e que bastava a memória daquele passo para não ser a pobreza havida por tamanho mal, que por lhe fugir deixemos a Deus e o próximo, pátria, pais, irmãos, amigos, mulheres e filhos, e troquemos tantos gostos e quietações pelos sobejos que cá ficam. Enquanto vivemos, nos fazem atravessar mares, fogos, guerras e todos os outros perigos e trabalhos que nos tanto custam; mas por não contrariar de todo as justas escusas, que por si podem alegar os atormentados das necessidades, cortarei o fio ao católico estilo, porque me ia e levava a memória e mêdo do que ali foi representado, recolhendo-me a meu propósito, que é escrever somente a verdade do que toca aos acontecimentos desta história.

Assim que, como pela sobegidão das cousas que por ali estavam perdidas em breve tempo nos fornecemos das que havíamos mister, depois que demos algum vigor a nossas desfalecidas fôrças com um pouco de biscoito molhado que achámos, tarnámo-nos ao lugar onde a noite passada dormimos, para fazer algum modo de gasalhado em que nos recolhêssemos os dias que ali houvéssemos de estar. Pelo que, pondo cada um mãos à obra, em poucas horas se pudera ver um lustroso alojamento feito de alcá-tifas riquíssimas e de outras muitas peças de ouro e sêda, gastadas em bem diferente uso do para que foram feitas, e dos propósitos com que seus donos as tinham ganhadas, com tão largos trabalhos com que semelhantes cousas se adquirem.

Isto acabado, pareceu bem ao capitão mandar descobrir aquela terra de riba de umas grandes serras, que pelo sertão dentro apareciam, assim para saber se havia nela alguma gente, porque até então pelas mostras e pouco aproveitado que vimos parecia ser tudo deshabitado, como

por ver se poderíamos achar alguma passagem ao Rio do Infante, por onde o atravessássemos com menos risco, do que por sua corrente, passando ao largo do mar, se esperava; e disto me rogou que tomasse cargo, mandando ir comigo a um João Gomes, meirinho da nau, e a outros dez ou doze homens dos mais sãos que entre nós havia. Pelo que, apercebendo-nos das armas necessárias, andámos a maior parte do dia de outeiro em outeiro e de serra em serra, sem descobrir gente nem outra cousa viva; somente obra de duas léguas pelo rio acima, onde êle ainda corre muito poderoso, e vai de ambas as ribas cercado de rochas talhadas a pique, vimos da banda dalém saír uma alimária maior que cavalo de baixo de certas lapas, e de côr negra, ao que cá donde estávamos pareceu, a qual nas partes que mostrava fora de água, que foram cabeça e pescoço e parte do lombo, nenhuma diferença tinha de camelo; e se o assim há marinho, certo que êste o era; do qual quis escrever isto, porque em nenhuma parte de todo aquêlê caminho achámos despois outra alimária de tal feição.

Tanto que foram horas de me recolher, sem trazer mais recado que o já dito, me tornei ao capitão, de quem soube como aquêlê dia, enquanto eu andara fora, apareceram sôbre um cabeço, que daí perto estava, sete ou oito homens, que foram os primeiros que naquela terra vimos; aos quais êle mandou alguns dos nossos, aparelhados de paz e guerra, para ver que modo de gente era e se podiam deles saber alguma cousa das muitas que nos eram necessárias; mas êles, havendo mêdo, fugiram, sem quererem vir com os nossos; de modo que nenhuma outra informação pudemos ter, mais que serem cafres de côr bem negra e cabelo revôlto, que andavam nus, com mais aparência de selvagens, que de homens racionais. E vindo a noite, enquanto a chuva se aparelhava como a passada, cada um se tornou ao lugar da sua estância e gasalhado, ocupan-

do-se em fazer alguns fogos, para que menos sentissem a frialdade dela. Pôsto que o conselho do sábio seja que as cousas de admiração e espanto, ainda que verdadeiras, sejam antes de passar caladas, que de contar com risco de serem mal cridas, atrevo-me a dizer uma, pelas muitas testemunhas com que posso alegar; e é que assim esta noite, depois que fomos recolhidos, como a outra atrás passada, e as mais que neste lugar estivemos, quando era já bem cerrada a noite, ouvíamos claramente brados altos no lugar onde se a nau quebrara, que por muitas vezes gritavam, dizendo: a bombordo, a estibordo, a riba, e outras muitas palavras confusas que não entendíamos— assim e da maneira que nós fazíamos, quando, já alagados, vínhamos na força da tormenta que nos ali fêz encalhar. O que isto fôsse, nunca se pôde saber de certo, sòmente suspeitámos que, ou a nós se representava aquilo nos ouvidos, pelos trazeremos atoados dos brados que continuamente naquele tempo ouvíamos, ou eram alguns espíritos malignos que festejavam o que de alguns ali poderiam alcançar (cousa que Nosso Senhor por sua piedade não permita). Mas qualquer destas que fôsse, o certo é que foi, ou ao menos a todos pareceu sê-lo; porque, pôsto que ao princípio cada um cuidasse que a êle só se representava aquêle espantoso som, e pela dificuldade que nisso havia não crese ser verdade, a continuação do tempo fêz perguntar uns aos outros se ouviam o mesmo; e afirmando todos que sim, assentámos, segundo as horas, escuro e tempestade das noites, ser alguma cousa das que dito tenho.

Ao outro dia pela manhã, da banda dalém do Rio do Infante apareceram certos cafres que andavam ao longo da praia queimando alguns pedaços da nau que o mar lançava, para lhes tirar os pregos; e sendo por nós chamados, alguns deles se chegaram à borda do Rio defronte onde estávamos, e afoutando-se mais depois que nos vi-

ram sem armas, que logo de indústria não quisemos levar, andaram atravessando o rio a nado, e vieram ter connosco, aos quais Fernão d'Álvares fêz o maior agasalho que pôde, dando-lhes dêsse pobre comer que tínhamos, barretes, panos, e pedaços de ferro, com o que ficaram tão contentes como se os fizeram senhores do mundo; e, pôsto que êles contavam muitas coisas por linguagem, não tão mal pronunciadas como sempre houve e naquela costa se costumava, por faltar entre nós quem os entendesse não ficámos por derradeiro sabendo mais que ter aquêle rio vau, muito pela terra dentro, e êles viverem à sua borda da outra banda; e com isto se tornaram.

Na tarde dêste mesmo dia apareceram, sôbre um caçoço que perto de nós estava, obra de cem cafres com muitos paus tostados nas mãos, que estas são as suas principais armas, e algumas azagaias com ferros; e como a miséria do nosso estado nos fizesse receosos de tudo o que podia ser, em vendo a estes homens assim juntos tomámos nossas armas e fomos ter com êles, cuidando que êsse fôsse o seu propósito; mas como tivessem outro, nenhum abalo fizeram com nossa chegada, e, assim como dantes, se deixaram estar quedos; pelo que, vendo nós sua determinação, também mudámos a nossa, começando de falar com êles; e d'entre todos um só, de que os outros faziam mais conta, era o que respondia a nossas perguntas, que êles tão mal entendiam como nós as suas; o qual, pôsto que na pequena pompa e pobre atavio de sua pessoa não tivesse diferença de seus companheiros, por vir assim nu como êles, trazia de vantagem umas poucas de contas de sua laia, que são de barro vermelho, tamanhas como grãos de coentro e assim redondas, as quais folgámos de vêr, parecendo-nos que havia destas por ser perto de algum rio onde viesse navio de resgate; porque aquellas contas se fazem no reino de Cambaia, donde sòmente pelas mão dos nossos são trazidas aos lugares daquela

costa. E depois que gastámos nestas confusões e detenções a maior parte do dia, nos recolhemos, sem ficarmos entendendo deles mais que, por seu repouso e segurança, serem homens que fora de mau propósito nos vinham a vêr, como a cousa nova e desacostumada entre êles, mostrando espantarem-se da nossa côr, armas, trajes e disposições; os quais, tanto que viram horas, se levantaram também e começaram de espalhar-se por aquêles matos, pacendo como alimarias brutas umas certas raízes que achavam; e assim pouco a pouco se foram alongando, até que de todo os perdemos de vista.

Passando assim aquela noite com tão pouco repouso como as passadas, pareceu bem a todos ao outro dia entendermos em buscar algum modo de mantimento, de que tínhamos muita necessidade, porque depois que ali estávamos não comíamos senão cocos; e foi tão pouco o que saíu à costa, por as águas serem mortas, que sòmente se pôde juntar uma pipa de biscoito e obra de um fardo de arroz, com alguns taçalhos de carne; e isto tudo tão molhado, que não estava para durar, mas assim foi igualmente repartido entre todos. Pelo que, vendo o capitão como havia cinco dias que ali estávamos, e em todos êles não cessava de chover, por onde parecia ser então naquela costa a fôrça do inverno, que, para quão mal remediados estávamos, se não podia ali aguardar, e assim os poucos mantimentos que havia, e que ainda êsses estávamos gastando, quis praticar connôscos a determinação que melhor parecia tomar-se em nossas cousas; e, sendo para isto chamados todos, nos propôs sua tenção; e pôsto que houve alguns de parecer que tomássemos o caminho para o Cabo de Boa Esperança, e na Auguada de Saldanha esperássemos até que Nosso Senhor fôsse servido trazer a ela alguma nau que nos cobrasse, e outros que nos fizéssemos fortes ali onde estávamos até fazer algum modo de embarcação em que mandássemos recado a Sofala, por final

conclusão assentámos que ainda que pudéssemos vencer a dificuldade dos grandes rios e serras que jaziam entre nós e o Cabo, e desembaraçar-nos da gente da terra, até chegarmos à Auguada de Saldanha, que era pouco frequentada de muitos anos a esta parte, primeiro nos gastaríamos todos, que ali fôsse ter nau que nos tomasse, e, além disto, que antes de muito tempo se nos havia de acabar o ferro que podíamos levar para o resgate, e então a necessidade nos havia de forçar a entregar-nos à gente da terra, de cuja má inclinação e fé pouca a desastrada morte de D. Francisco d'Almeida nos ainda atemorizava; e também que, pôsto que nos aí fizéssemos fortes, não poderíamos assim estar mais que enquanto nos durasse o mantimento da nau, pois a terra era tão estéril, que nem a êsses poucos de seu naturais podia sustentar senão com raízes e bagas do mato, segundo os dias de antes víramos; nem menos podíamos fazer embarcação, por se não salvar mais que um pequeno machado, sem pregos, sem verrumas, sem breu, e sem outras cousas a isso necessárias; e tão pouco podíamos mandar por terra recado, pois nos não entendíamos; e quando isto alcançássemos, já seríamos quási todos mortos. Assim, que altercados todos estes pareceres, que quis escrever por ter ouvido sôbre isto algumas repreensões, a conclusão e remate de tudo foi que nos aparelhássemos para tomar o caminho que Manoel de Sousa levara, a vêr se poderíamos chegar a Sofala; e porque se não dilatasse mais a cousa, pois havia de ser, vendo o capitão que os feridos estavam já em parte reparados para poderem caminhar, determinou que levássemos os quartos da nau à borda do rio para nêles o passarmos ao outro dia; e isto feito, cada um apercebeu seu alforje das mais coisas de comer que achou, e dos mais prégos e ferro que podia levar para o resgate — que estas eram naquele tempo as jóias de mais estima. E nisto se gastou tôda aquela tarde e noite seguinte.

Apercebidos todos da maneira que tenho dito, ao outro dia, que eram vinte e sete do mês de Abril, em amanhecendo, fomos ter à estância do capitão que nos já estava esperando, e, contando-nos ali, achámos sermos 322 pessoas, a saber: 224 escravos e 98 portugueses, os mais deles armados com lanças ou espadas e rodelas, e uma espingarda, que só se pôde salvar, com dez ou doze cargas de pólvora, assaz danificada da água; com a qual companhia o capitão abalou para o rio, deixando o alojamento onde estivéramos, assim armado como o tínhamos, e nêle um mancebo grumete e uma escrava, cada um com sua perna quebrada, que não estavam para poderem viver, quanto mais caminhar; e êste dia gastámos em passar à outra banda sôbre duas jangadas que dos quartos fizemos, afogando-se contudo aqui um escravo, que ia a nado levar as linhas com que as alávamos; e dormindo ali na borda do rio aquela noite, tanto que amanheceu nos pusemos a ponto de caminhar.

E porque todos nos enganávamos em cuidar que o sertão havia de ser mais povoado que a fralda do mar, pelo pouco comércio que aquela gente tem com êle, determinámos esperar pelos cafres, que a nado foram ter conosco, e cada dia ali vinham, para que nos ensinassem algum caminho que fôsse ter a povoado; os quais, pôsto que vieram, tanto que nos viram passados da parte em que êles estavam, não se quiseram fiar de nós, nem falar-nos, por mais que os chamámos. Pelo que, havendo por tempo perdido o que se mais nisto gastasse, postos em ordem, levando um Crucifixo arvorado em uma lança e uma bandeira benta na dianteira, que ia encomendada a Francisco Pires, contra-mestre, com os homens do mar que o seguiram (porque logo êstes fizeram dele cabeça) e um retábulo da Piedade na retaguarda, em que ia o capitão com os passageiros, e os escravos e desarmados no meio, que levaram entre si os feridos (porque quási a

quarta parte dos que éramos começou a caminhar com bordões e muletas)—nos metemos em fio, um atrás do outro, por a largura do caminho não ser para mais; e pondo os rostos no sertão, por uma vereda de elefantes endireitámos com um cabeça, donde nos pareceu que descobriríamos alguma povoação ou sinais dela; e enquanto íamos por aquela ladeira acima, fazendo cada um, dos que o entendiam, entre si conta com quão pouco apercebimento começava tão comprido, incerto, e perigoso caminho, e quão certo tinha acabar nêle à pura necessidade e desamparo, pôsto que dos outros perigos escapasse, sem falar palavra, levando a fantasia ocupada nesta angústia, e os olhos arrasados de água, não podia dar passo, que muitas vezes não tornasse atrás, para ver a ossada daquela tão formosa e mal afortunada nau; porque, pôsto que já nela não ouvesse pau pregado, e tudo fôsse desfeito naquelas rochas, todavia enquanto a víamos nos parecia que tínhamos ali umas relíquias, e certa parte desta nossa desejada terra, de cujo abrigo e companhia (por ser aquela a derradeira cousa que dela esperávamos) nos não podíamos apartar sem muito sentimento. E indo desta maneira, fazendo muitos pousos, chegámos ao alto do cabeça, onde achámos tudo bem diferente do que cuidávamos; porque não tão sòmente não vimos povoação, mas ainda quanto descobríamos com os olhos eram cercados de vales tão baixos e serras tão altas, que estas confinavam com as estrêlas e aquêles com os abismos. E o pior de tudo foi que a vereda por que caminhávamos se nos cegou, e ficámos sem ter por onde seguir; e depois que estivemos um pouco confusos sôbre o que faríamos, assentámos cortar direito ao Nordeste, imaginando que por aqui encurtávamos nosso caminho para Sofala; e com esta determinação tornámos a caminhar até à tarde, que, por chover e irmos todos cansados do ruim caminho e desusadas carregas, nos recolhemos a um mato, onde passámos aquela noite.

Ao outro dia, pela mesma ordem do passado, seguimos nossa jornada, e assim fizemos ao terceiro, no qual fomos dar sôbre uns outeiros, pelo pé dos quais corria um rio, atravessando-nos o caminho que levávamos; pelo que cortámos direito àquela parte dele onde nos pareceu que daria melhor passagem; e acertou logo de ser tôda aquela costa por onde descíamos tão íngreme e cheia de penedos, ervas e mato, que não vendo onde púnhamos os pés, a cada passo caíamos de focinhos; mas depois que gastámos nesta descida a maior parte do dia, levando cada um muitos tombos, chegámos à borda do rio, o qual foi logo apalpado por diversas partes, sem acharmos alguma por onde se pudesse vadear; pelo que, desconfiando de passar por ali à outra banda, por ser tarde e chover como todos os outros dias fizera, agasalhámo-nos aquela noite em umas moitas que aí perto estavam.

Ao outro dia, em amanhecendo, tornamos a desandar a carreira por onde o dia dantes descêramos, em o qual caminho foi tanto o trabalho que levávamos, pela suma aspereza dele, que êste contámos por um dos dias em que o maior tivemos, e do que para ao diante mais dano recebemos, porque, como a subida fôsse tão íngreme que difficulosamente a poderia trepar uma pessoa despojada, aos que fâmos embaraçados com armas e outros estorvos pôs em tanta necessidade que nos forçou a alijar o mais do ferro que levávamos, e depois foi tanta míngua, conquanto sabíamos muito certo que aquilo que ali deixávamos não era ferro, mas vidas; e além disto eram as impossibilidades do caminho tão terríveis, que não bastando as forças de muitos a vencê-las, se deitavam por entre os penedos que estavam ao longo da trilha que levávamos, tão cansados e desconfiados de poderem dali sair, que pedindo a Nosso Senhor perdão dos seus pecados não cessavam de despedir-se dos que passavam; os quais, vendo os seus amigos assim fazer, deixando o fio da outra

gente se assentavam junto deles, esforçando-os para que tornassem ao caminho, dizendo que em nenhum modo se haviam de partir dali com os deixar, ajuntando a isto outras muitas palavras que bem mostravam o sobejo sentimento que de os ver naquele passo recebiam; com as quais, convencidos os que assim jaziam, trabalhavam por tirar esforço de sua fraqueza, e tornavam a caminhar o melhor que podiam; e conquanto, por êste respeito, fizemos muitos pousos e detenções, uns e outros andámos até que nos tornámos a ajuntar no mais alto do cabeço. Depois que aqui descansámos um pedaço, houve diferença no terminar do caminho que levaríamos, porque uns queriam ir pela meia ladeira daqueles montes, assim como o rio corria, e outros pelas cumiadas deles, até que de alguma descobrissem parte por onde o pudessem atravessar; e como sôbre isto se não concertassem, e cada um, protestando por sua vida, tivesse licença de ir por onde lhes parecesse que a teria melhor parada, o mestre da nau, com obra de vinte homens, tomou por baixo, e o capitão, com a mais companhia, por riba; e assim andámos uns e outros, até que junto da noite nos tornámos a ajuntar sôbre umas grandes barrocas e quebradas, em parte que o rio espraiaava muito, e por ser menos alcantilado dava esperança de melhor passagem; e como continuamente trouxéssemos a vista espalhada por aquêles outeiros a ver se descobríamos alguma gente ou povoação, estando neste lugar que tenho dito vimos da outra banda um fumo, e por êle viemos a enxergar uma aldeia, que era então a cousa de nós mais desejada, por haver quatro dias que, chovendo sempre, não cessávamos de andar, sem caminho nem carreira, pelos altos e baixos daqueles matos; e ali esperávamos achar quem nos guiasse; e com êste alvoroço fômos dormir à borda do rio.

Ao outro dia, tanto que amanheceu, começámos de tentar o vau por onde nos pareceu que seria menos tra-

balhoso, e conquanto a água ia por ali muito espalhada, era a altura, poço e corrente dela de sorte que todo o entulho que lhe lançávamos levava; pelo que nos foi forçado cortar as maiores árvores que pudémos achar, e por alguns ramos delas que ficavam ao de cima da água, atando outros, fizemos uma bastida que chegou ao meio do rio, onde estavam uns penedos grandes e descobertos que apartavam o rio em dois braços; mas como o maior e mais furioso fôsse o que ficava da nossa parte, tanto que chegámos a êles armámos milhoteiras de uns a outros, pelas quais, não sem muito risco, passámos à outra banda, e com o desejo que tínhamos de chegar ao povoado, pôsto que era tarde quando isto acabámos, endireitámos logo para a aldeia que tínhamos visto, a qual seria de obra de vinte choupanas, armadas sôbre varas e cobertas de feno, da feição e tamanho de um forno de pão, das quais usa e se serve tôda a gente daquela costa, mudando-as com as tempestades de umas partes para as outras, segundo a bastança e esterilidade que dão de si os matos, de cujos frutos êles principalmente se mantêm; e porque receávamos dos cafres se escandalizarem ou fugirem, não quisemos entrar dentro, mas aposentámo-nos perto dela, e lhes mandámos recado, com o qual logo vieram alguns deles ter connosco, aos quais demos dois panos e pedaços de ferro, com que ficaram contentes; e assentámos com êles, por acenos, que ao outro dia um nos guiasse para certa povoação grande e abastada, que diziam estar dali perto; e com êste concerto nos recolhemos uns e outros a nossos agasalhos.

Ao outro dia tornámos a caminhar, prolongando pela aldeia, na qual o tanoeiro e calafate da nau quiseram ficar, por não poderem (um de vélho, outro de ferido) atuar mais a companhia; e depois que o capitão os encomendou o mais inteligivelmente que pôde aos cafres, despedindo-nos deles, e levando a guia connosco, andá-

mos por riba daqueles cabeços três dias, atravessando quantas serras, vales e barrancos topávamos diante; mas como a gente daquela terra não se afaste muito dos limites onde nasce (bem-aventurada, se tivesse fé!), e ao redor daquelas choupanas se crie e morra, quando veio o terceiro dia tinha o cafre tanta necessidade de quem o guiasse como nós; pelo que, perdendo o tino do caminho, foi dar connosco sobre uns outeiros, pelo pé dos quais corria, e nos atravessava o caminho, o Rio de S. Cristóvão, cuja água vimos coalhada de cavalos marinhos; e porque logo nos pareceu que não havia de haver vau em tanta altura, receando de tornar a subir a ladeira que era grande, pelo trabalho que na outra leváramos, não quisemos descer abaixo; mas mandou o capitão por alguns homens despojados apalpar o rio, os quais, não achando por onde o pudéssemos atravessar, se tornaram. Pelo que, enfadados de tantas impossibilidades como achámos, e forçados de fome, que nos ia já rijamente apertando, assentámos tornar ao mar, e provar se porventura acharíamos ao longo dele mais remédio que no sertão; e rogando ao cafre que nos guiasse, tornámos a desandar, naquêl dia e outro, tudo o que andáramos em três. Neste caminho, o licenceado Cristóvão Fernandes, que na Índia fôra chanceler e provedor mór dos defuntos, não podendo por sua velhice suportar mais o trabalho dele, assentando-se sobre uma pedra, nos disse que até ali fizera o que pudera por viver, mas pois suas fôrças a mais não abrangiam, nos fôssemos muito embora, e que êle ali havia de acabar, e que sòmente nos encomendava um filho seu de idade de três anos, que para maior mágua sua a fortuna ordenara que consigo o trouxesse, o qual, salvando-se milagrosamente da nau, ia no colo de uma ama que o criava, sendo em tão tenra idade companheiro dos trabalhos e destêrro de seu pai; cujo remédio, como não estivesse em aguardarmos por êle, antes com qualquer detença corrês-

semos risco de perder o nosso, consolando-o os seus amigos com a Paixão de Nosso Senhor, e despedindo-nos d'êlê com outras tão tristes palavras, fomos dormir à paragem da aldeia do guia, o qual, sentindo nosso descontentamento por sua má pilotagem, e apertado do desejo de sua casa, nos fugiu aquella noite.

Quando ao outro dia achámos menos o cafre, pondo os rostos no mar, quando as serras e vales consentiam, fomos endireitando com êle, e não tivemos andado muito, quando nos achámos outra vez sôbre o Rio de S. Cristóvão, que nos fizera tornar atrás, o qual, fazendo um largo rodeio por entre aquellas rochas, vinha atravessando o nosso caminho até se ir lançar no mar, com tanta fúria e altura por tôdas as partes, que para um exército bem apercebido era assaz dificultoso passo, quanto mais para nós em quem tudo ia ao contrário; e sômente ao pé do cabeça em que estávamos quebrava em uma penedia, que o atravessava de uma parte à outra, e espalhando-se ali a água em muitos canais, dava esperança que podendo-se atravessar árvores de uns penedos a outros o passaríamos; mas para cometer por aqui esta passagem tínhamos dois inconvenientes muito grandes; um era um mato fngreme e espêsso que estava na ladeira de além, o qual, fora outras impossibilidades, era por riba atravessado de uma rocha viva, tão talhada a pique, que se pode dizer para aves parecia trabalhosa subida; e outro ser a descida, onde nós estávamos, ao rio, cercada de outra tal rocha como a d'além, e que só com olhar para ela punha receio. Pelo que, desconfiando de por ali podermos descer, estivemos um pedaço altercando o que faríamos; mas como andássemos já todos enfadados do trabalho que sôbre a passagem dêste rio tínhamos levado, vendo que tudo o que descobríamos com a vista, assim do rio como da descida a êle, não mostrava mais aparelho para nosso propósito, receando, se o cometêssemos por outra parte,

achar outras impossibilidades maiores (se maiores se podiam achar), determinámos provar por ali nossa ventura; mas como no acometimento disto houvesse tanto risco, disseram alguns que não queriam perder as vidas por suas vontades, pois descer por aquela parte, mais parecia tentar a Deus que esperar remédio, e êstes tomaram outra vez o caminho por riba daquelas serras, cuidando achar outra descida mais fácil.

O capitão e os que o seguíamos endireitámos com a rocha e fazendo o sinal da cruz começamos de nos arriscar por ela abaixo com o maior tento e resguardo que podíamos, dependurando-nos algumas vezes dos ramos de alguma moita, que nela havia, e outras fincando as lanças nas pedras e deixando-nos escorregar por elas, de modo que a rastros, de costas, e de bruços, segundo o perigo e a disposição do lugar davam de si, prouve a Nosso Senhor pôr-nos salvos na borda do rio, onde, cortando as maiores árvores que ali estavam e atravessando-as de uns penedos a outros, ajudados dos desejos que todos trazíamos por nos ver desembaraçados daquêlê trabalho, muito mais asinha do que a dificuldade da obra consentia acabámos de fazer as milhoteiras necessárias, por onde com muito mêdo, pela altura e corrente dos canais que a água fazia, logo começámos de passar. E tanto que o mestre da nau, e quinze ou vinte homens que o seguiram, se viram da outra banda, havendo por impossível atravessar o mato e rocha que atrás contei, tomaram pela banda do rio abaixo, buscando alguma outra parte por onde dali pudessem sair com menos risco.

O capitão esteve (segundo costumava) na borda do rio, esperando que acabasse tôda a gente de passar; e quando isto foi feito era já noite fechada, mas por ser ali tudo lameiro, e cheio de água por baixo, foi forçado entrarmos pelo mato até chegarmos ao enxuto; e como êle fôsse muito basto e cheio por dentro de penedos, e a al-

tura e assombramento das árvores, além da escuridão da noite, fizesse ainda o caminho mais escuro, não podíamos atinar uns por onde fôsem os outros; pelo que, apupando-se todos por diversas partes, e fazendo um corpo com as vozes, ao som delas nos tornámos a ajuntar perto do pé da rocha, em lugar tão escuro e coalhado de árvores, que nenhum de nós foi poderoso para se deitar, nem mudar do lugar onde parou; e assim estivemos, arrimados às arvores, em pé, sem dormir em toda a noite, a qual passámos espalhados em três magotes; a saber: o do capitão, o do mestre, e o dos que se não atreviam a descer o rio, os quais, pôsto que toda a tarde andaram por riba daquelas serras, tentando de umas partes a outras, não podendo achar por onde com menos perigo atravessassem à banda d'além, se agasalharam aquella noite como puderam, e tanto que a manhã esclareceu tornaram em nossa busca, e vendo a trilha que levávamos, e as milhoteiras atravessadas, perdendo contudo no rio a um mancebo que resvalou, chegaram a nós a tempo que por umas íngremes gretas e arriscadas aberturas que a rocha fazia, dando uns a outros de mão em mão as armas e alforges, acabávamos de subir ao alto dela; e não passaram muitas horas que o mestre e seus companheiros vieram também ter connosco; e depois que assim fomos juntos tornámos a caminhar para o mar, indo todos grandemente atormentados de fome, por ser já gastado, a puder das chuvas passadas, êsse pouco mantimento com que partimos, e não bastarem as ervas conhecidas, que pelo campo achávamos, a remediar nossas necessidades. Neste dia, cortando por cima daquelas cumiadas, chegámos a um cabeço, donde descobrimos o mar, e com o alvoroço que levávamos dêle, fazendo a jornada mais comprida do que costumávamos, fomos dormir a uma aldeia que estava despovoada, na qual achámos pedaços de porcelanas e de outras muitas coisas de nossos usos, que

afirmamos ficarem do naufrágio de Manoel de Sousa Sepúlveda.

Ao outro dia, que era o trezeno do nosso caminho, chegámos ao mar, e no próprio lugar em que o galeão deu à costa, do qual ainda achámos o preparo e outros pedaços de táboas lançados sobre um arrecife de penedia, que ocupa muitas léguas daquela praia; e depois que ali estivemos, caímos no êrro que fizéramos em deixar a fralda do mar, porque além de nos parecer que êle próprio se mostrava mais doméstico e conversável, para nossas necessidades, que as asperezas do sertão, achámos também pelos penedos (de que tôda a costa da terra que se chama do Natal é cheia) muitas ostras e mexilhões, com que na baixamar, ou espaço do dia que tomámos algum repouso, em parte nos remediámos; e, afora isto, o caminho era chão, limpo, e disposto para andar; e os mais dos rios, que naquela terra são muitos, e no sertão sem passagem, quando aqui chegavam, ou sumidos por baixo da areia na borda do mar, ou se descobertamente entravam nêle, era, por causa dos bancos que faziam, com vau arrazoado e pouca corrente — o que tudo pela terra dentro achávamos ao contrário.

Por aqui caminhámos cinco dias, levando sempre cafres após de nós, que sem ousarem acometer-nos iam esperando alguns cansados ou desmandados; e no fim dêste tempo, em altura de trinta graus, topámos um rio que não está pôsto nas cartas, o qual conquanto não tem muita largura, é dos mais alcantilados daquela costa e por que maiores navios podem entrar, e o faziam nos invernos. Com pouco trabalho fizemos duas jangadas, mas bem se descontou isto no muito que depois tivemos, assim com a corrente do rio como com os cafres, que estavam esperando para saltearem os que ficassem derradeiros; e contudo desembaraçando-nos dêles com algumas remeteduras e torchadas, que se não puderam escusar,

passámos à outra banda; e tornando a continuar nosso caminho, andámos quatro dias, no fim dos quais repouzámos á borda de outro rio, esperando a baixamar do dia seguinte, por nos parecer que pela borda da água salgada, onde fazia um banco, lhe acharíamos vau e escusaríamos o trabalho e risco das jangadas; e sendo já perto da noite apareceram da outra banda certos cafres, e nos mostraram uns bôlos feitos de nacharre, que é uma semente como mostarda, dizendo que os venderiam se lhes déssemos ferro; e como sôbre as cousas de comer nossa necessidade não consentisse desavença, ás rebatinhas lhos acabámos de comprar; e êste foi o primeiro lugar onde fizemos resgate, havendo já vinte e dois dias que caminhávamos.

Isto acabado, cada um se recolheu a seu agasalho, esperando com grande alvoroço a tornada da manhã, com a qual passámos o rio por onde atrás contei, e logo tornaram os mesmos cafres, e nos disseram por acenos intelligíveis que aguardássemos ali, e nos trariam mantimentos; e como esta fôsse a cousa de que mais necessidade tínhamos, houve pouco trabalho em lhes fazer a vontade, a qual nova, tanto que por êles foi publicada em duas ou três povoações que ali perto estavam, não ficou nelas pessoa que nos não viesse ver, cantando e tangendo as palmas com mostras de muita alegria, trazendo alguns bôlos, raízes, ou qualquer outro modo de seu mantimento, para nos vender; e entre êles vinha um môço de Bengala, que ficara da outra perdição, o qual em sendo por nós conhecido foi logo arrebatado, e com grandes abraços e alvoroços levado ao capitão; e assentando-nos todos ao redor, lhe perguntámos muitas cousas das que nos eram necessárias; mas êle, ou por haver pouco que viera da sua terra, quando o embarcaram, ou por ter já perdida a nossa fala com o descostume, quási que nos não entendia; mas, assim a troncos, soubemos ser aquela terra muito povoada

de gente abastada de criações; e pôsto que lhe rogámos por muitas vezes ficasse connosco, prometendo-lhe muitas peitas pela necessidade que tínhamos de guia, nunca o quis fazer; antes, tanto que foram horas, se tornou a recolher com sua companhia, sem nos querer ver outra vez; e ao outro dia tornaram os cafres com uma vaca e algumas cabras e bolos, que lhes resgatámos por um astrolábio e outros pedaços de ferro; e isto acabado, tornámos ao nosso caminho, ficando aqui contudo um Jorge da Barca e outro homem, que por cansados se não atreviam a passar mais àvante, e com êles perto de trinta escravos, que, consumidos do trabalho que até ali tinham passado e induzidos pelos próprios da terra, não quiseram ir em nossa companhia.

Partidos dali, como dito tenho, caminhámos três dias, no derradeiro dos quais chegámos ao outro rio, o qual, conquanto não tinha muita largura, era alto em demasia; e como estivéssemos um pedaço consultando donde traríamos madeira para as jangadas, o contra-mestre, que como já disse levava a dianteira, começou de andar com sua companhia pela borda dele acima, até obra de meia légua da barra, onde topou com certos cafres que lhe mostraram o vau, e passando por êle à outra banda se assentou em um cabêço a esperar pelo capitão, o qual vendo sua tardança, e suspeitando o que era, abalou com os que com êle estávamos, seguindo a mesma trilha dos outros; e ao passar de um mato achámos um cêsto de Natchami, que os cafres ali tinham escondido com receio de lhe saltearmos a povoação; e como para nossa necessidade aquela fôsse uma rica peça, e os que a guardavam a quisessem defender, acendeu-se a cousa de modo que, escandalizados de algumas trochadas que tiveram, apeliando uns a outros, em pouco espaço se ajuntaram muitos; e porque cuidaram que éramos mais, enquanto fômos por dentro do mato nos tiveram mêdo, mas depois que

chegámos a um escampado onde se tomava o váu do rio, vendo quão poucos famos, arremeteram a dois mancebos que algum tanto estavam apartados e tomaram-lhes os alforges que levavam, e com o levantamento disto começaram-se de chegar a nós mais afoutamente, ameaçando com a azagaia que nos matariam se lhes resistíssemos; e juntamente com isto nos tomaram o caminho para que não passássemos ao rio; e por não haver, entre os que ali famos, mais de cinco homens que levássemos armas, ajuntando-nos tivemos com êles uma arriscada briga, a qual, em obra de uma hora que durou, foi por muitas vezes assaz duvidosa a cada uma das partes; mas, por derradeiro, nos fêz Nosso Senhor mercê que, arrancando-os de todo, os fizemos recolher a um outeiro, onde pela fortaleza do sítio e nosso cansaso os deixámos, tornando-nos para o capitão, que na borda do rio com a outra companhia estava esperando; e assim juntos entrámos pela água com muito risco, dos cafres; porque, como o vau se tomásse pelo pé daquêle cabeço a que se êles recolheram, enquanto íamos a tiro nos serviram á mão-tente de tantas e tão furiosas pedradas, que nos convinha ter grande vigia para que não acertássem em descoberto; mas com todo êste tento não pude eu escusar uma, que quebrando-me a rodela em que primeiro a tomei, me fêz estar um pedaço bem atordoado

Passando com êstes receios à outra banda, tornámo-nos a ajuntar com o contra-mestre, em cuja companhia achámos um moço chamado Gaspar, que ficara da destruição de Manoel de Sousa; e sabendo nossa ida, veio ali esperar, desejoso de tornar-se a terra de cristãos; e porque a coisa de que mais necessitados estávamos era de língua, demos todos muitas graças a Deus por nos socorrer em tal tempo, inspirando tanta fé em um mancebo, e mouro de nação, que d'entre aquêles matos e gente quási selvagem, de que já tinha tomado a natureza, se

movesse a querer ir connôco e passar tantos trabalhos, como tinha experimentado, sem obrigação alguma que a isso o movesse. Êste nos contou, entre outras cousas, como Manoel de Sousa também pelejara com os cafres destoutra banda, e lhes matara um à espingarda.

Partidos dali, caminhámos até que foram horas de repousar; e esta noite se moveu prática entre nós, que seria bom mandar diante três ou quatro homens despejados, para que chegassem primeiro ao rio de Lourenço Marques, junto do Cabo das Correntes, — onde esperávamos de o achar porque quando partimos da Índia ficava êle aviado para aquela viagem (como de feito a fêz, e na costa se perdeu antes que se pudésse recolher ao rio) — a lhe dizer em como íamos atrás, e nos esperásse, porque sua partida, segundo a navegação ordinária, havia de ser com a lua de Junho, e nós pelas jornadas que fazíamos não podíamos já chegar menos de Julho; e como ao capitão e aos mais parecesse bem êste conselho, cuidando que tôda a terra adiante fôsse como aquela do Natal, em que, por ser de penedias ao longo do rio e mar, havia marisco com que se poderiam remediar os que assim fôssem, logo se ofereceram para esta emprêsa quatro marinheiros, aos quais se tiraram por entre algumas pessoas quatrocentos pardaus, para satisfação de seus trabalhos; e desta maneira aviados, se partiram ao outro dia, levando uma carta do capitão e outros muitos recados, que todos desarmaram em vão, segundo ao diante será relatado.

Depois disto caminhámos dois dias, no fim dos quais chegámos à barra da Pescaria, que está em 28 graus e três quartos, a qual entra perto de duas léguas pela terra dentro, e terá outro tanto de largo, e ali achámos dois escravos que foram de Manoel de Sousa, e nos vieram receber ao caminho, e fizeram com os da terra que aquela noite nos trouxessem a vender peixe, que ali há em muita abundância, e algum milho zaburro; e ao dia, antes que

nós partíssemos, se tornaram a despedir de nós, e conquanto lhes rogámos deixassem aquela gentildade e tornassem a viver entre cristãos, não quiseram, dizendo que elles passaram com seu senhor sete ou oito jornadas adiante, e por não poderem suportar o trabalho do caminho e a esterilidade da terra se tornaram para aquela, que era abastada, onde se encomendavam a Nosso Senhor, que, por quem era, haveria deles misericórdia; e obstinados neste propósito, tanto que nos ensinaram por onde rodearíamos a baía, salvando alguns regatos e esteiros que a ela vêm ter, se tornaram; e em começando nós a caminhar, vimos sair de um mato para onde estávamos um ajuntamento de cafres que traziam entre si a um homem nu, com um molho de zagaia às costas (segundo seu costume), o qual se não diferenciava de nenhum deles; e nesta conta o tivemos, até que pela fala e cabelo conhecemos ser português, chamado Rodrigo Tristão, que também ficara da outra perdição, e, por haver três anos que andava despido às calmas e frios daquela comarca estava tão mudado na côr e parecer, que nenhuma diferença tinha dos naturais dela.

Assim que recolhido mais êste homem, e satisfazendo-nos o melhor que pudemos dos da terra, que por ser muita gente quisera tentar saltar-nos à outra banda da baía, onde achámos um moço malavar, que nos encaminhou para uma povoação, junto da qual disse que repousássemos aquela noite, e nos faria trazer mantimentos; e assim foi, porque não passou muito espaço que vieram os cafres carregados de cabras, leite, milho, peixe, e isto tudo em muito bom preço, de modo que esta foi a mais abastada e barata estalagem que em todo o caminho tivemos; e aqui fornecemos os alforjes de quanto pudemos levar, por nos dizer êste moço que daí até um rio que estava àvante quatro ou cinco jornadas não acharíamos outro resgate; mas conquanto êle encarecia isto muito, se

se soubera o que d'além do rio havia, bem nos pudera afirmar que aquela era a derradeira hora de alívio que em todo o caminho havíamos de ter, porque daí por diante tudo foi trabalho e dôr e bater de dentes.

Ao outro dia fomos dormir junto de outra povoação onde comprámos uma vaca, e sem fazermos mais resgate caminhámos por aquêles matos cinco dias, seguindo sempre para o mar, ao qual chegámos junto do rio de Santa Luzia, que está em altura de 28 graus e meio e é assaz grande; e por ser da bôca para dentro muito largo, e demasiadamente arrojado e corrente no encher e vaziar das marés, em chegando a êle fizemos duas jangadas, pelas quais ainda neste dia, enquanto a maré deu lugar, passou uma grande parte da gente; mas tanto que ela empeçou, começaram de entrar os que estavam de uma e outra parte, e se recolheram ao enxuto; e porque todos vínhamos perdidos à sêde, por não acharmos água dôce despois que partimos da baía da Pescaria, que havia cinco dias, o tempo que restou dêste gastámos em a buscar; e como a necessidade e trabalho vença tudo, tanto andámos até que descobrimos certas pègadas de elefantes, que tinham um pouco de polme em que nos satisfizemos.

E porque porventura desejará saber algum de Fernão d'Álvares Cabral particularmente, pois se vem chegando o tempo de sua morte, pareceu-me necessário dizer aqui, em suma, parte dos trabalhos e aflições que passou na vida, pôsto que do vivo ao pintado, da sombra ao verdadeiro, não pode haver mais diferença do que há do que eu, assim dêle como dos que o seguíamos, posso dizer, ao que na verdade passou; mas já que me arrisquei a descobrir minhas faltas, tenho quem mas desculpe, que é a grandeza do caso, de quem confio, sem que o diga, que os que entendem crerão tanto, que será melhor o pouco que dele saberei contar, pois ficará aproveitado para que

se possa acabar de ler este sumário com menos lástima, e para que às pessoas que nesta dor têm parte não caiba tanta, vendo o por que passaram os que foram causa dela, que por este respeito deixei de escrever as desaventuras particulares de cada um, que é a principal substância do lastimoso, afastando-me o mais que pude do pesado e miserável; mas sem embargo de ser este meu intento, como a história em si seja triste, não sofre a verdade dela poder-se de todo fugir a palavras que uma hora por outra saibam à tristeza.

Mas tornando a Fernão d'Álvares, e pondo à parte o muito trabalho que passou no tempo da tormenta, por cumprir em tôdas as cousas com sua obrigação, nem tratando do sentimento que com muita razão o trazia trespassado, por ver a destruição de uma tal nau e de tantos homens e riquezas como tinha a seu cargo, e por ver que de tantas esperanças de descanso, tanta abastança de criados, parentes e amigos, como ao redor de si vira havia poucos dias, se achava por tão desastrada sorte assim arrebatadamente em tal míngua de tudo, (que escassamente pôde haver à mão um pobre vestido com que cobrisse umas anciãs e honradas carnes e uma pessoa de que em tempo tão necessário fiasse a comunicação de suas afligidas cousas. Assim que — não faltando nisto tudo, porque seu espaçoso ânimo de tal modo encobria tôdas as mostras de tão certa e justa dôr, que se não enxergava por fora o que dentro jazia, e esforçando a todos, e mostrando em seu rôsto e palavras muito mais esperança de salvação da que entendia que podia caber nas muitas desaventuras que estavam certas em tão incerta jornada — começou de caminhar os primeiros dias com muito espírito e alento; mas como as asperezas e contrastes do caminho, que pelo sertão tivemos, fôssem as que dito tenho, fizeram nêle tanto abalo, por sua velhice e pouco costume, que ao tempo de tornarmos em busca do mar

vinha tão fraco, cansado e desprezado, que trazia determinado ficar no primeiro lugar que topássemos; porém como neste comenos chegássemos à praia por onde o caminho era chão, e sem os altibaixos e estorvos que no outro havia, êle se esforçou de modo que, ainda que dos derradeiros, sempre aturava com a companhia, e igualmente ia com ela sujeito à sua ventura.

Mas como a fortuna nunca comece por pouco, a tôdas estas obras suas acrescentou outra, que conquanto já nêle não podesse ser mais negra, não careceu contudo de muito sentimento por serem dela executores uns homens que tão obrigados lhe estavam por benefícos recebidos; e foi que, como a maior parte dos que ali fâmos fôsse gente do mar, de cujos primores até agora poucos autores escreveram, êstes, começando de dia em dia a perder o mêdo e a vergonha, fazendo-se todos um corpo, cuja cabeça (pôsto que não nestes maus ensinos) era o contra-mestre, vieram a tanta deservoltura, que totalmente não tinham conta com Fernão d'Álvares, antes tôdas as vezes que os êle reprendia de suas desordens (que não eram poucas) lhe diziam que não ousasse de os emendar, porque não era já seu capitão nem lhe deviam obediência, ajuntando a isto outras muitas palavras sôltas, que a miséria daquelê tempo fazia ser muito mais escandalosas; de modo que nenhuma conta tinham com o que lhes êle mandava. Pelo que, vendo o mestre da nau, que ia dêste reino e lhe levara ódio particular, tão bom aparelho para sua tenção em tão danadas vontades — não se movendo pela obediência que lhe devia, nem por nenhuma fidalguia tão antiga, virtudes tão ilustres, discreção tão viva, cavalaria tão inteira, velhice tão honrada, assim perseguido da fortuna, desterrado da sua pátria, mulher e filhos, e lançado com tanta míngua e necessidade pelos desertos de África, nem abastando o castigo dos passos presentes para o mudar de seu mau zêlo — se determinou

em cometer sua obra diabólica e de todo inhumana, que foi induzir aos de sua parcialidade a dizerem que em nenhum modo se podiam salvar indo com o capitão, pois por se não apartarem dele faziam as jornadas pequenas, e que, a sempre irem daquela maneira, primeiro gastariam o ferro que levavam para o resgate e as forças para caminhar, que pudessem chegar ao rio de Lourenço Marques, onde esperávamos achar navio; e que o bom seria, pois lhe dava Deus disposições, ajudarem-se do tempo, e não se quererem perder por amor de outrem.

E como essa gente, onde quer que está, se tenha uma por opinião da outra, não foram necessárias muitas destas prêgações para ser havido, o que o mestre dizia, por muito bom conselho e quasi divinalmente revelado; pelo que, induzindo-se uns aos outros, começaram a tentar o contra-mestre, que até então não entrava nesta consulta, o qual se defendeu alguns dias, dizendo-lhes as razões que havia para se tal não fazer; e contudo, tanto e por tantas vezes porfiaram com êle, que o trouxeram a seu propósito; e, como isto foi concluído, para que não sobreviesse algum estôrvo, assentaram partir o mais caladamente que pudessem logo na noite seguinte, e amanhecer ao outro dia três ou quatro léguas àvante, deixando ao capitão e a êsses que o seguíamos naquela praia erma, entregues aos cafres, em quem acharíamos menos piedade que em todos os tigres de Hircânia.

Mas como o capitão, já pelas mostras de sua pouca fé, andasse sôbre-aviso, não se pôde êste negócio fazer entre tão desaconselhada gente com tanto segrêdo que êle o não sentisse; pelo que, logo aquella noite que o soube, nos mandou chamar aos passageiros que ali íamos, e nos deu conta do que fôra descoberto e do propósito com que aquêles homens estavam, rogando-nos que lhe aconselhassemos o que faria; e todos assentámos que havia de mandar chamar ao contra-mestre, que era bom homem e sem-

pre se mostrara seu amigo, e lhe dissesse o que sabia, e lhe rogasse não consentisse poder-se dizer de portugueses que, por salvarem vidas tão incertas, cobravam uma infâmia tão certa, como era deixarem o seu capitão em tal parte; e que, se êle a êste homem pudesse induzir a seu propósito, dos outros não receasse, porque era tanta a obediência que lhe todos tinham, que no que fizesse ou dissesse não acharia contradição; e quando se nisto mostrasse pertinaz, soubesse que ali estávamos perto de vinte homens, que onde ficasse ficaríamos, e enquanto tivéssemos vidas êle não perderia a sua, sendo-lhe companheiros em todo o mal ou bem que sucedesse; o qual, satisfeito com êste conselho e oferecimento, nos despediu. E mandando chamar ao contra-mestre, se lhe queixou de quão mal lhe pagava quanto seu amigo sempre fôra, e dando-lhe outras muitas razões que o tempo de então fazia necessárias, êle lhe não negou a verdade, dizendo como o mestre e homens do mar o tiraram de seu sentido, mas que lhe dava sua palavra que mais tal lhe não viria ao pensamento, e pôsto que todos se quisessem ir, êle só o não faria; e assim o cumpriu, porque dali por diante o serviu sempre com mui desenganada vontade. E com tanta obediência, ou para melhor dizer mêdo (que é o com que com ela mais pode), que a gente do mar tinha a êste homem, que vendo sua determinação, por seu respeito quiseram ficar todos — tendo contudo conta sòmente com o que lhes êle mandava, que do capitão não curavam, o qual aos outros lhes fez sòbre êste caso uma prática repressória que os bem pouco emendou.

E desta maneira, pairando o melhor que podia com seus infortúnios, caminhou até o Rio de Santa Luzia, de que já deixei passada uma boa parte da gente ao princípio desta digressão; e quando veio o outro dia, que segundo minha lembrança fôram dois de Junho, tanto que amanheceu, êle se tornou à borda do rio para fazer dar

aviamento à passagem com a maior diligência que ser podia, pelo pouco tempo que o sodamento da maré deixava durar este bom ensejo; e pôsto que quando veio sobre a tarde eram já quasi todos passados, parece que adivinhando-lhe o coração o que havia de ser, êle receava esta passagem, o que não fizera em algumas das outras que atrás deixámos; pelo que, disse ao contra-mestre que sua vontade era não passar na jangada, mas rodear tanto pelo sertão até que achasse van, e que lhe dissesse se o queria acompanhar; o qual lhe respondeu que bem via ser já quasi tôda a gente passada à outra banda, sem até então perigar ninguém, e assim esperava em Deus succederia aos que ficavam, e que rodear o rio lhe parecia grande trabalho, por ser muito alto, largo, e correr por terra chã, onde se presumia lhe não poderiam achar van senão muito longe, e que, se todavia determinasse rodeá-lo, êle o esperaria ali todo o tempo que mandasse, mas que não podia ir em sua companhia, que por onde os outros passaram havia de passar.

Ouvido isto pelo capitão, algum tanto apaixonado determinou meter-se na primeira jangada que a êle chegou, e conquanto lhe disseram todos que não passasse aquela vez, porque descia ainda muito a maré, e que para a outra barcada seria estôfa de tôdo e menos perigosa, parece que seguindo já o conselho da fortuna êle não quis tomar o nosso, e entrando pela água se pôs em um canto da jangada, e António Pires e João da Rocha, seus criados, e Gaspar, o língua, nos outros tres; e estando assim a jangada muito direita, bradou aos da outra banda que alassem pelas linhas, o que foi feito com todo o tento e resguardo possível; e indo desta maneira, tanto que começaram a entrar no alto, João da Rocha houve medo e tornou-se a nado para terra, o que fêz ficar a jangada tão fora do compasso, que começou logo de meter demasiadamente os cantos carregados por debaixo da água; e as-

sim adornados chegaram ao meio do rio, onde ia a corrente, a qual, como descia furiosa, levantando o canto que estava sem pêso, o fêz tombar sôbre os que o tinham, levando debaixo ao capitão e a António Pires, os quais, pôsto que trabalharam quanto nêles foi possível por se não desaferrarem, não podendo mais resistir à chegada hora, levantando as mãos ao céu em sinal da fé (que lhes a água com as bôcas não deixava confessar), se fôram ao fundo, e o moço língua se salvou, porque ia despido e sabia bem nadar.

Acontecido tamanho desastre, os que dele nos doíamos e estávamos de uma e outra parte do rio, levantando um pranto que atroava as concavidades daquela ribeira, com muita tristeza e lacrimosos soluços nos espalhámos pela praia a ver se tornaria o mar a deitar nela os corpos, para lhes darmos sepulturas; e tanto que a maré começou a repontar, saiu o de António Pires, que logo foi enterrado, e logo daí a duas horas achámos o de Fernão d'Álvares entre uns penedos, arredado do rio para a banda d'além um bom pedaço, ao qual, depois de tirado ao enxuto e amortalhado, tomámos às costas e levámos ao pé de um outeiro onde o mar não chegava, e fazendo-lhe ali uma cova, a cuja cabeceira pusemos uma cruz de pau, nela, mais acompanhado de lágrimas que de outras pompas funerais, o deixamos repousando até o dia que êle, e todos, nos tornemos a levantar para dar conta de nossas bem ou mal gastadas vidas.

Esta foi a morte de Fernão d'Álvares Cabral, e êste é o fim de seus trabalhos. E verdadeiramente que — passando bem os corporais e espirituais que vinha suportando, e a paciência com que os tomava, e graças que com tudo dava a Nosso Senhor que sabemos ser misericordioso — se pode crer que foi servido levá-lo naquele estado e martírio, para que, ainda que seu corpo fôsse lançado naquela pobre sepultura, a sua alma es-

teja com Êle, rica de glória e bemaventurança, que não deve ser pequena consolação aos que cá bem lhe quiseram.

Enquanto nos detivemos neste enterramento e tornámos à borda do rio, os que ainda ficavam da outra banda o acabaram de passar; e depois que assim estivemos juntos, vendo como para nossa salvação era necessário que fôssemos sempre unidos em um corpo, regidos por uma só pessoa, e esta jurada aos Santos Evangelhos, para que não houvesse os reboliços que dantes havia, pusemos logo isto em obra; e como de noventa e dois homens, que àquele tempo éramos por todos, setenta fôssem dos do mar, todos êstes juraram que Francisco Pires, o contra-mestre, era muito para aquilo, e que se o fizessem capitão a êle obedeceriam; e pôsto que havia duas ou três pessoas a quem com mais razão isto competia, como tantos fôssem d'outro parecer, já os que ficavam não eram parte para desfazer seus votos; pelo que — considerando também ser o contra-mestre bom homem e grande sofredor de trabalhos, como para aquilo se requeria, e que os da sua jurisdição levavam as linhas e machado, para se fazerem e safrem as jangadas nas passagens dos rios, e o fuzil e pederneira com que fazíamos fogo para nos valermos nos frios das noites, e que, a se mover nisto alguma divisão, segundo já em vida de Fernão d'Álvares andavam amotinados, à mesma hora se haviam de apartar, e deixar-nos aos de contrário parecer sem alguma destas cousas para remédio de nossas necessidades, não respeitando quanta também tinham de nós para as suas no tempo de pelejar, que tudo carregava à nossa conta — assentámos que forçosamente nos convinha aprovar a tal eleição; pelo que, foi declarado de todos por capitão; e isto acabado, êle se obrigou também, pelo próprio juramento, que bem e verdadeiramente nos ajudaria e seria fiel companheiro na paz e na guerra, fazendo o que lhe aconselhássemos,

segundo alcançasse ser mais serviço de Deus e salvação de nossas vidas.

Elegido assim o novo capitão, pareceu bem a todos repousarmos ali um dia, para enxugarmos os corpos e fato, que tudo estava molhado da passagem do rio; e quando veio o outro dia tornámos a caminhar ao longo da praia, pela qual andámos quatro dias sem topar gente nem cousa de comer; e no fim deles houve vista de uma povoação, junto da qual nos aposentámos, cuidando achar algum resgate; mas sabendo do língua que os moradores dela viviam tão necessitados como nós, perdendo estas esperanças, sòmente assentámos com elles que ao outro dia nos ensinasse a passagem de um rio que tínhamos diante; e como aquella noite e ao outro dia todo em pêso não deixasse de chover, ou por mais certo de nevar (segundo a frialdade da água que caía), os cafres não ousaram de sair fora das choupanas; e porque nossa fome e frio apertava, desejosos de deixar tão ruim aposento, mandámos ao lugar Rodrigo Tristão, o que atrás acháramos, e um marinheiro, para que trouxessem quem nos guiasse, os quais achando-se já melhor remediados, por o mancebo saber a língua da terra, descuidaram-se tanto do que nos cumpria, que nem com recado nem sem elle nunca mais tornaram; e estando nós assim atribulados, sendo já o sol quasi posto, cessou a chuva algum tanto; e logo veio ter connosco um cafre, que satisfazendo-se com o ferro que lhe dávamos nos mostrou o vau do rio, por um passo onde a água dava aos de marca maior pelas barbas, e a outros, a lugares, pelas corôas; e como saíssemos à outra banda molhados, e a chuva não cessasse, trespassou-nos o frio de tal sorte, que encambulhando-se-nos os pés e mãos não podíamos dar passada ávante; e porque d'ali a muito espaço não havia mato onde nos valéssemos daquela perseguição, foi forçado assim, meio a tombos, e o mais depressa que podíamos, ir por uma

ladeira arriba, para com a quentura dêste trabalho cobrarmos o vigor e alento de que já fomos quasi desamparados; mas, porque não menos nos atormentava nossa fraqueza, andando assim depressa, que o frio estando quedos, tomámos por remédio recolhermo-nos a um brejo, que contanto por baixo era todo cheio de água, êste houvemos por menor mal, por ser abastado de lenha; e pôsto que fizemos alguns fogos, era a frialdade do tempo tão demasiada, que nem isto nos valeu para que em tôda a noite deixássemos de bater o dente.

Ao outro dia, tanto que amanheceu, tornámos a nosso caminho, indo não menos atormentados da fome e frio que o dia passado; e quando veio sôbre a tarde topámos duas povoações, onde, pôsto que muito caro, resgatámos três cabras, com que se alguns remediaram; ali nos mostraram os cafres um dente de marfim, dizendo que o haviam de ir vender a um rio que àvante acharíamos, onde vi-nham homens brancos como nós, com o que ficámos todos alvoroçados, cuidando fôsse mais perto; e porque se a noite aparelhava de frio e chuva, como as passadas, desesperando valer-nos no campo, se nêle ficássemos, alugámos aos cafres algumas choupanas, nas quais metidos uns por cima dos outros, e o fogo no meio, passámos aquela noite, a qual foi de tanta tempestade, que dela achámos ao outro dia mortos dois ou três escravos, que por não acharem onde se recolher dormiram fora; e o mesmo acontecer a nós, se nos Nosso Senhor não socorrera com aquêles gasalhados.

Partindo d'ali, tornámos a caminhar ao longo de um brejo, que corria assim como a praia, com propósito de atravessar a ela tanto que achássemos por onde; mas o caminho era de maneira que, conquanto acometemos isto por três ou quatro vezes, nunca o pudemos fazer, e somente dez ou doze homens, dos que iam diante descobrindo a passagem, cuidando que a outra companhia os

seguia, foram rompendo tanto pelas impossibilidades dela, até que, ao tempo que sentiram ir sós, houveram por menos trabalhoso cortar àvante que tornar atrás; de modo que, passando à outra banda, foram ter a uma povoação que estava junto da praia, onde se livraram dos cafres, que os queriam matar, metendo-lhes mêdo com que ia outra companhia muito perto; e sendo-lhes por êste respeito catada alguma cortesia, se desembarçaram deles e foram ter ao mar, por cuja borda caminharam o mais que puderam, por não ficarem atrás de nós.

Enquanto êstes seguiram seu caminho, Francisco Pires, o capitão, que ia na traseira, quando cometiam atravessar o brejo, ouvindo dizer aos dianteiros que não havia passagem, mandou tornar a gente, e achando-se menos os que passaram á outra banda, não cuidando que êles tal pudessem fazer, segundo as novas que davam os que de lá vinham, quis esperar um pedaço; mas depois que vimos sua demasiada tardança, suspeitando o que era, tornámos a prolongar o brejo, e quando veio sôbre a tarde encontrámos uns poucos de cafres, do lugar a que os nossos foram ter, e vinham saber se íamos atrás, como lhes êles disseram, para os seguirem se assim não fôsse; mas tanto que nos viram, dissimulando seu propósito, nos mostraram o passo do brejo e encaminharam para um mato, onde dormimos aquela noite e resgatámos um pouco de nachani.

Ao outro dia tornámos a caminhar, prolongando pela povoação dêstes cafres, para sabermos novas dos nossos que faltavam, as quais negavam, dizendo que os não viram; mas a verdade foi que, se as espias não toparam tão cedo connosco, êles lhes não escaparam, porque além da gente ser muita, segundo depois fomos informados, vivem ali naquele lugar como alevantados, sem reconhecerem rei nem superior, senão o que êles entre si ordenam, sustentando-se de roubos que pela terra fazem a outros que

menos podem; e bem se enxergava nêles seu officio, pela vantagem que levavam a todos os daquela comarca na abundança das armas, manilhas, e outras jóias suas, e pelo desavergonhamento com que começaram a lançar mão do ferro a alguns dos nossos. Afora isto quizeram ter conosco outras soberbas tão desarrazoadas, que estivemos perto de ter com êles uma têsã e duvidosa contenda; mas despedindo-nos dali com a mais honra que pudemos, endireitando com a praia quanto o caminho dava lugar, chegámos a ella, pela qual caminhámos até à tarde; e como fâmos necessitados de água, foi forçado metermos-nos outra vez pela terra dentro a buscá-la; e topando neste caminho três povoações, os cafres delas nos mostraram uma alagoa a cuja borda fomos dormir aquella noite.

Tanto que amanheceu, tornámos a caminhar com propósito de atravessar logo ao mar, entre o qual e nós não havia mais que uns outeiros de areia e muito mato, que vão correndo ao longo dele; e vendo-nos os cafres postos em caminho, ajuntando-se tôda aquella comarca, e fazendo um grande esquadrão, e a seu uso bem armado, foram ter onde estávamos, e, indo quietamente falando connosco, começaram de furtar algumas cousas aos que achavam descuidados; e o que isto fazia recolhia-se aos outros, e como que não tivera feito mal algum tornava a ir praticando muito seguro; e entendendo nós seu mau propósito, e receando sua multidão, levávamos mais desejos de chegar á praia, porque ali, se houvéssemos de pelejar, pondo as costas no mar não podíamos ser cercados; e com esta determinação quiséramos logo atravessar a ella; mas tanto que os cafres isto entenderam, puseram-se diante, com as azagaias postas em tiro, dizendo-nos que não fôsemos senão por onde êles nos guiassem; nós, assim porque o caminho que topávamos era por um cabeço muito fragoso, como por vêr se nos podíamos safar deles sem peleja, por irmos todos muito fracos e entre nós não haver

já mais de quinze ou vinte lanças e cinco ou seis espadas, que tôdas as mais armas eram resgatadas à falta d'outro ferro, não porfiámos muito na passagem, e tornámos a caminhar por onde êles queriam; os quais, tanto que isto viram, julgando-o por medo, levantaram uma grande grita como quem fazia escárnio de nossa cobardia, e dali por diante, cheios de confiança, começando desembaraçadamente a ir repartindo entre si as armas e despôjo que de nós esperavam; e entendendo o língua tôdas estas suas práticas, nos avisou do que passava, dizendo como determinavam de pelejar connosco tanto que se juntassem com outros que adiante os estavam esperando para os ajudar; pelo que, vendo nós se nos não escusava a briga, e quanto melhor nos convinha fazê-la enquanto fôssem menos, e ainda com êstes na praia (pelo favor do sítio, que já disse), endireitámos com um cabeça, por onde (ainda que fragoso) nos ficava o caminho mais curto. E vendo êles nossa determinação, começaram, como da outra vez, a pôr-se-nos diante com suas armas prestes, dizendo que fôssemos por onde êles iam; e como nós estívéssemos postos em não lhes fazer a vontade, apercebendo-nos para o que esperávamos, ordenou o capitão, dos que tínhamos armas, uns para a traseira e outros para a dianteira, e a gente sem elas no meio; e mandou ao que trazia a espingarda que a disparasse e tornasse a carregar de novo, receando que assim não tomasse fôgo, por haver já dias que vinha carregada e molhada das chuvas passadas; e começando o que a levava de se fazer prestes com ferir fogo, os que deles estavam do mato fora começaram também, com grande espanto, de avisar aos de dentro que se vigiassem, porque já tínhamos lume, e não sabiam donde o houvéramos; e isto os meteu a todos em tanto espanto, pasmo, e sobressalto, que logo enxergámos nêles muita parte da fraqueza que depois mostraram; mas tudo foi nada, para quando ouviram o estoiro da espín-

garda; porque então, como se saltaram os diabos com êles, assim se espalharam e fugiram, de modo que em um momento desapareceram todos; nem sei por onde se sumiram em tão pouco espaço, sendo tantos; e vendo nós o mêdo que haviam da espingarda, fizemos dali por diante mais conta dela para nossa defensão.

Desembaraçada desta maneira a passagem, subimos pela ladeira que já disse, até chegarmos ao alto do cabeço, onde estava uma povoação, da qual, todos os que puderam, eram fugidos, e sòmente ficaram quatro ou cinco velhos, e tão velhos que se não atreveram a seguir os outros, conquanto esperavam de nós o pago do que tinham merecido; mas, pôsto que fomos escandalizados, com dô de suas velhices nenhum mal lhes quisemos fazer; antes, deixando-os em paz, seguimos nosso caminho até chegar à praia, na qual achámos levantada uma tempestade e tormenta de vento tão terrível, que êste dia, aos que dali escapámos, nos será sempre lembrado, por ser um dos mais trabalhosos que em todo o caminho tivemos; porque, como tôda aquela costa seja de areia solta, andava tanta movida com a fôrça do vento, que, da grande carraça que fazia, nos não enxergávamos uns aos outros; e assim se levantavam sùbitamente grandes outeiros dela, e em parte onde tudo estava raso havia tão pouco espaço, que, enquanto descancámos obra de um quarto de hora, quási houvéramos de ficar cobertos; pelo que, receando que nos acontecesse como a Lambisses, deixámos o repouso de que fomos tão necessitados e tornámos a caminhar, indo vento à pôpa, e se se pode dizer, quási voando; e veio a continuação desta areia, com a fúria do vento, a disciplinar-nos de sorte as pernas e lugares que levávamos descobertos, que tudo ia lavado em sangue; mas por aquela costa ser tôda escalvada, sem árvores nem abrigo a que nos recolhêssemos, foi forçado aturar êste trabalho mais espaço do que nossas disposições podiam suportar;

e indo desta maneira, topámos com outros companheiros que se apartaram de nós no passo do brejo, que atrás contei, e conquanto levávamos em vontade não parar senão em algum mato, a cujo abrigo nos valêssemos, por não haver já quem pudesse dar um passo mais àvante, e ir de nós correndo o sangue em fio, tomámos por remédio umas moitas, que ao pé de um cômore estavam, onde passámos aquela noite com tanta sobegidão de dôres e frialdades nas chagas que levávamos, como falta de todos os outros remédios que nos tão necessários eram.

Ao outro dia, em amanhecendo, cessou aquela tempestade; e nós, tanto que a claridade deu lugar, tornámos a continuar nossa jornada, e neste dia topámos ao longo do mar um pedaço de nau, que afirmaram, todos os que disso entendiam, ser do galeão S. João, de alcunha o Biscainho, em que vinha Lopo de Sousa, e desapareceu também no ano de 551, em que da Índia partiu para este reino; e depois que sobre êle estivemos um pedaço descançado, avivando a mágua de nossos males com ver cousa desta terra, levantando-nos fomos dormir aquela noite á bôca do Rio dos Medos do Ouro, que está em altura de 27 graus e dois terços; o qual é um dos maiores de toda aquela costa, porque recolhe em si a água de quatro rios muito grandes, que, de muito pelo sertão dentro, se juntam em uma baía que êle faz, obra de meia légoa da praia, a qual terá a lugares mais de duas léguas de largo e perto de vinte de comprido, ficando entre o comprimento dela e a costa uns outeiros de areia que a dividem do mar; e afora estes rios se ajuntam nesta baía as águas de tantos brejos e regatos, que depois de feitas todas em um corpo, entram nêle com tanta fúria, que mais de duas léguas se enxerga a corrente da água doce ir cortando por cima da salgada; pelo que, vendo nós quão perdido trabalho era o que se tomasse em buscar vau a tanta altura, começámos de rodear ao longo do rio até que chegámos

ao primeiro braço dêle; e por onde nos pareceu menor a corrente ordenámos jangadas, que nos foram assaz trabalhosas de fazer, pelo muito espaço que havia dali donde trouxemos a madeira para elas; e enquanto o dia deu lugar não cessou a gente de passar, mas quando veio sobre a tarde foram tantos os cavalos marinhos que atravessaram o rio, que, com receio de nos fazerem algum dano, os que estávamos de uma e outra parte nos agasalhámos o melhor que pudemos, deixando a passagem para o outro dia.

Esta noite, porque fazia luar, foram três marinheiros correr a praia com esperança da tormenta passada, e acharam na bôca do rio um tubarão lançado á costa, o qual repartiram entre si, e cada dois dedos de posta nos venderam por quinze e vinte cruzados; e a falta doutros mantimentos fazia tanta sobegidão de compradores, que depois do corpo ser todo levado a êste preço, não faltava quem desse pela ametade da cabeça vinte mil reis, de modo que bem se pudera comprar nesta terra muito arrazoada quinta com o que aquêle peixe rendeu.

Ao outro dia tornámos às jangadas, e em acabarmos de passar nos detivemos até a noite; pelo que dormimos logo da banda dalém entre uns caniçais e lamarão, que foi o melhor lugar que pudemos descobrir; e tornando, tanto que amanheceu, a nosso caminho, andámos até hora de véspera, que chegámos ao outro braço do rio, ao qual, pôsto que era largo, achamos vau; e vendo como ao perto da baía tudo estava paülado e cheio de água, arredando-nos dela, e andando rodeando de umas partes para as outras topámos uma certa trilhada, e supondo que havia de ir ter a povoado caminhámos por ela até à tarde, que houvemos vista de duas ou três povoações, nas quais resgatámos três cabras. E desembaraçando-nos da gente delas, que juntamente com a doutras comedia pelear conosco, fomos aquella noite dormir junto doutras povoa-



ções, cujos moradores, por não serem tantos que se atravessassem a acometer-nos descobertamente, se iam ao outro dia caminhando juntamente connosco, e esperando em nós alguma desordem, onde descobrissem suas tenções; e como neste comenos chegássemos a um rio, cujo vau nos chegava aos pescoços, vendo êles que pelo resguardo com que passávamos não podiam fazer em nós prêsa, arremeteram a quatro ou cinco escravos que ainda ficavam da sua parte e os despiram, sem lhes podermos valer, por estarem os mais já da outra banda, e os que ainda ficavam no rio terem tanto que fazer, com a vasa em que estavam atolados, que não foram poderosos de lhes obedecer.

Desembarçados dêste rio, caminhámos até à tarde, em que topámos outra povoação, onde os cafres nos mostraram uma certa parte por onde diziam que acharíamos vau à baía, e poderíamos atravessar a praia como desejávamos; e estando nós para abalar (não por confiança que tivéssemos em suas palavras, mas pela necessidade que nos constrangia), chegou um moço guzarate, bem conhecido na Índia por alguns da companhia, e nos avisou que não fôssemos por onde nos encaminhavam, que era tudo vasa, e determinavam matar-nos tanto que fôssemos atolados nela, mas que êle se queria ir connosco e mostrar-nos por onde Manoel de Sousa passou; e havendo-se êste por mais seguro conselho, o seguimos dois dias, sempre ao longo da baía, no fim dos quais topámos outro rio, e como todos fôssemos alvoroçados, cuidando chegar ao mar, segundo as esperanças que o guia nos dava, em achando êste embarço houve alguns tanto contra êle, dizendo que havia mister enforcado, pois acinte nos trazia por ali a morrer; do que havendo o moço mêdo, se tornou para os cafres sem nossa licença; e depois que o achámos menos, vendo que não havia quem nos guiasse por outra parte, apalpámos o rio a ver se poderíamos escusar fazer jangadas, por não haver madeira para elas senão

dali a um grande espaço; mas depois que vimos serem necessárias, fizemos duas em que ainda aquela tarde passou boa parte da gente.

Ao outro dia, tanto que todos fomos da banda dalém, tornámos a rodear a baía, e como tôda a terra por ali seja despovoada e em extremo estéril de árvores e ervas, e nos lugares que atrás deixámos não resgatámos cousa alguma, cresceu tanto a necessidade entre nós, que nos constrangeu a comer os sapatos e abraçamentos das rodas que levávamos; e o que alcançava achar algum ôsso de alimária, que já de vélho estava tão branco como a neve, o comia feito em carvão, como se fôra um abastado banquete; com a qual esterilidade veio a gente a enfraquecer de modo, que dali por diante começou a ficar sem ordem pelos pés das moitas, caíndo pelo caminho a cada passo; e andavam todos tão sem sentido e transportados todos com esta míngua, que nem os que ficavam sentiam que haviam de morrer dali a poucas horas naquele desamparo, nem os que iam por diante, esperando a cada momento ver o mesmo em si, levavam já mágua de cousa tanto para a ter; e assim passavam uns pelos outros sem nêles se enxergar sinal algum de sentimento, como que todos foram alimárias irracionais que por ali andavam pascendo, trazendo sômente o intento e olhos pasmados pelo campo a ver se poderiam descobrir erva, ôsso ou bicho (a que não valia ser peçonhento), de que pudessem lançar mão; e em aparecendo qualquer destas cousas, corriam logo todos, a quem mais podia, para a tomar primeiro; e muitas vezes chegavam a ter paixão parentes com parentes, amigos com amigos, sôbre um gafanhoto, bisouro ou lagartixa, tanta era a necessidade e tanta a lástima que faziam estimar cousas tão torpes; e caminhando com êste trabalho três dias, no fim deles chegámos a um outeiro, em que havia muitas cebolas albarrãs, as quais não pôde defender a suspeita que tínha-

mos, de serem peçonha que bastava a matar, para que deixássemos de fazer delas a ceia; e prouve a Nosso Senhor que por então nenhum mal nos fizeram.

Alto, imenso, justo e todo poderoso Deus, verdadeiro esquadrinhador do coração humano! Vós, Senhor, que de vosso sidério trono, estais vendo na terra a aflição e angústia com que o meu agora litiga, por ser chegada a triste hora em que, para verdadeira continuação deste processo, me é necessário escrever a intempestiva e lastimosa morte de António Sobrinho de Mesquita, meu irmão, e sabeis como por sua causa sou pôsto em perpétua mágua, e qual já fui com êle vivo, e qual sou tornado com êle morto, — socorrei-me, Senhor, em tempo tão necessário e avivai meus espíritos debilitados com a lembrança desta dor, para que a fôrça dela não afogue de todo as palavras, e eu possa continuar com a generalidade desta história, deixando o sentimento de meus próprios males para lamentado só de mim, no grau em que foi estimada a causa dele.

Assim que, tornando ao caso, indo nós na paragem onde quebrei o fio a êste meu começado trabalho, veio meu irmão a enfraquecer de maneira, que não podendo aturar com a companhia havia cinco ou seis dias que êle e eu ficávamos atrás de todos, e chegávamos os derradeiros aos lugares onde às noites repousávamos; e pôsto que o capitão esperava por nós muitas vezes, e por nosso respeito se agasalhava às tendas mais cedo do costumado, nem isto bastava para podermos aturar com êle, antes, como esta fraqueza com a míngua fôsse cada vez em mais crescimento, nós também íamos crescendo na tardança; pelo que, vendo o capitão que, em começando na manhã seguinte de caminhar, ficávamos atrás um grande espaço, aguardou que chegássemos a êle, e então nos disse que bem víamos a desventura a que nossos pecados nos traziam, e que todos aquêles homens se queixavam dele ir

esperando por nós, dizendo que enquanto lhes durava o alento deviam trabalhar por sair daquela má terra, e que, por pouco tempo que se gastasse naquelas detenções, segundo já todos andavam se acabariam ali de consumir; portanto nos determinássemos no que havíamos de fazer: que, se podíamos, não ficássemos atrás, e se também as fôrças de António Sobrinho não abrangiam, e eu estava pôsto em ficar com êle, assim lho dissesse, por que não gastasse mais o tempo em cousas com que a nós não podia remediar e aos outros punha em manifesta perdição; e que sabia Deus com quanta dor aquilo dizia, mas que, pelo cargo que trazia daquela gente, lhe era assim necessário.

E como António Sobrinho a isto dissesse que muitos dias havia que êle ficara, se eu não fôra, mas que já então se não atrevia a dar um só passo mais avante, respondi eu ao capitão que bem via ter êle muita razão no que dizia, e pois Nosso Senhor era servido que, de pais, filhos e família, que naquela nau vínhamos, nenhum escapasse, vendo uns as desastradas mortes dos outros, eu lhe dava muitas graças, e tomava em penitência de meus pecados, e estava determinado a ficar com meu irmão e ser-lhe companheiro na morte, como fôra na vida, e pois estava certo sua fraqueza ser cada vez maior, por proceder de fome, a que êles não podiam dar remédio, lhes rogava a todos não fizessem mais detença, e, se prouvesse a Nosso Senhor lembrar-se deles e levá-los a terra de cristãos, esta só cousa lhes pedia; que não dissessem como acabáramos, mas que nos afogáramos ao desembarcar da nau, por não lastimar mais a uma triste e desconsolada mãe, que, trespassada com tais mortes de marido e filhos, nos neste reino ficava.

Tanto que isto foi ouvido por António Sobrinho, agastando-se sobejamente, me disse que em tal cousa não fiasse, nem êle a havia de consentir, mas que me requeria,

da parte de Deus, de S. Pedro e S. Paulo, que me fôsse e o deixasse; e da parte dos mesmos requereu ao capitão e a todos os mais que me não consentissem em ficar, dizendo que, se êle sentira em si alguma esperança de vida, nenhuma cousa o pudera tanto consolar como a minha companhia, mas que ao presente estava em termos que tudo o que ao redôr de si via era morte e sinais dela; portanto, eu não curasse mais dele, nem êle queria mais de mim senão que o encomendasse a Nosso Senhor, a quem me êle também encomendava, e me pedia que seu falecimento fôsse de mim recebido por tamanha mercê da mão Divina como êle o tomava, e que assim mesmo Deus sabia que, se lhe alguma dor ficava, era em cuidar quanta parte o sentimento de sua morte seria para me fazer mais cedo vir a outro tanto. E conquanto o capitão e outras pessoas com muitas razões trabalhassem de me persuadir que não ficasse, queixando-me eu do quão mal julgado era deles, pois cuidavam que bastariam suas porfias em me tirar de meu dever, persisti na minha tenção. Pelo que, êles, não com pequenas mostras de sentimento, se despediram de nós e tornaram a caminhar, ficando somente comigo um moço, que dêste reino levava, e um escravo, os quais me não quizeram deixar, pôsto que muitas vezes lho roguei; e vendo eu como sua companhia não servia de mais que de me magoar na vida e desinquieter na morte, foi-me necessário pagar-lhe sua boa tenção como tão má obra, como tomar uma lança que levava e às trochadas os fazer apartar de mim; dos quais quis aqui fazer esta lembrança porque sua fé mo mereceu.

Ficando assim sós, meu irmão e eu, depois que êle descansou, lhe roguei se levantasse, e, enquanto era dia e lhe Nosso Senhor dava vida, se esforçasse a andar por diante o mais que pudesse, porque prazeria a Êle deparrar-nos alguma povoação onde achássemos remédio, e quando não, melhor seria acabar em poder de homens,

que de alimárias, que naquela terra deviam ser muitas, segundo o infinito e diverso género de pègadas com que tòda estava coberta; com a qual amoestação se êle afrontou tanto, que por um grande espaço me não quis responder; mas depois, vendo que eu não cessava de o importunar, rompendo aquêlê silêncio, disse que êle me rogava não ficasse ali, e o deixasse, por respeito de minha vida como de sua morte, e, pois o eu não quisera fazer, soubesse que aquêlê que ali estava não era já meu irmão, nem eu por tal o nomeasse, mas um corpo morto e uma pouca de terra, como veria mui cedo, e, pois assim havia de ser, me pedia, êsse pouco espaço de vida que lhe ficava, lho não gastasse em buscar remédios dela, que os já não havia mister, mas o deixasse encomendar-se a Nosso Senhor e abraçar-se com a sua Sagrada Paixão, para que lhe valesse naquela hora, e que a isto o ajudasse eu, porque aquela era a cousa de que sòmente tinha necessidade e a derradeira que me havia de pedir. E como nestas e em outras tão tristes e saúdosas práticas gastássemos algum espaço, comovido êle enfim por minha lástima, se esforçou a levantar-se e tornar ao caminho, pelo qual não teve andado muito quando se tornou a deitar; e assim, às vezes andando e às vezes caindo, pouco a pouco íamos seguindo os da outra companhia, os quais, depois que se apartaram, andaram até horas de vésperas, que toparam um brejo que lhes atravessava o caminho, pelo meio do qual corria um rio; e estando em dúvida do que no passo dele fariam, apareceram da outra banda certos cafres, a que rogaram lhes mostrassem por onde passariam, os quais lhes responderam que não podiam então, mas que ao outro dia o fariam; pelo que, vendo os nossos como lhes era necessário esperar guia, recolheram-se a um mato que aí perto estava, gastando todo o resto daquele dia em buscar algum modo de mantimento; e porque a jornada que fizeram, com o embaraço do rio, foi pequena, indo

meu irmão e eu com nossas detenções pela sua trilha, sendo já bem fechada a noite ouvimos vista dos fogos que faziam, e nos tornámos a juntar com êles, achando-os mais contentes do que estiveram as outras noites passadas; e assim pela esperança de ao outro dia chegarem a povoado, como por toparem aquela tarde na borda do brejo uns golfos dêstes que nascem nas alagoas, a quem a necessidade acreditou por uma excelente iguária, pôsto que meu irmão e eu não ouvimos dêles quinhão, por chegarmos tarde, mas fizemos a ceia de umas alpacas que eu levava calçadas, a quem também a nossa não menor minguia fêz que não menos gostosas as achássemos.

Ao outro dia pela manhã apareceram da outra banda do rio os cafres por que esperávamos, os quais, segundo depois succedeu, parece que tôda aquela tarde gastaram em se ajuntar, e tanto que chegaram defronte de nós mostraram uma certa parte por onde disseram que tínhamos passagem; mas foi tanta a lama que achámos em atravessar do lugar onde dormíramos ao rio, que, ajuntando isto com alguns sinais de mau propósito que nêles vimos, receávamos entrar na água; e sentindo êles nossa desconfiança, fizeram a cousa leve, dizendo que não houvéssemos mêdo, porque já por ali foram outros homens da nossa terra; de modo que, assim por suas exortações como pela necessidade que tínhamos da outra banda, começámos a passar o rio, porém quási juntos em um tropel, para que em qualquer parte que nos acomettessem lhes pudéssemos resistir; e não tivemos dados muitos passos, quando todos ficámos atolados na vasa até à cintura não havendo mais de dois palmos de água sôbre ela, de modo que tudo junto nos ficava chegando aos ombros; em o qual trabalho cada um começou de mostrar o extremo a que suas fôrças abrangiam; e era a vasa tão alta e viscosa, que estávamos às vezes por muito espaço presos em um lugar. Trabalhando sempre por nos arran-

câr, sem poder dar um passo àvante, e quando já alcançávamos tirar uma perna e estribar nela para a outra, tornávamos a soterrá-la, de sorte que nenhuma delas podia depois sair fora; e como nossas disposições já não fôsem para tanto trabalho, houve alguns que desconfiando de poderem dali sair, cansados e descorçoados já de todo, determinavam deixar-se ficar assim pregados naquele atoleiro; e sem dúvida o fizeram, acabando em um tão novo e cruel género de morte, se não foram outros, que animando-os neste extremo os esforçaram por tantas vezes, que os fizeram passar à outra banda.

Nesta passagem faleceu António Sobrinho, meu irmão, que, como nela houvesse o trabalho que tenho contado e sua disposição fôsse já tão chegada ao cabo, arrancando-o eu daquele atoleiro, quando elle não podia, com o trabalho e agonia que só Deus sabe, chegámos à corrente do rio, que ia ao longo da riba da outra banda, na qual a lama era pouca, mas a água tanta que nos cobria; de modo que os que por ali passavam davam cinco ou seis passos de entuviada, sem tocar com os pés no chão, até aferrarem terra da outra parte. E como nós, pela detença da sua fraqueza, fôssemos os derradeiros que ficássemos no rio, e não soubéssemos nadar, tanto que ali chegámos passei eu à outra banda, pondo-me o mais chegado ao alto que pude, para o ajudar quando a mim chegasse; mas sua fraqueza foi tal, que ao tempo que se lançou lhe levantou a água os pés e o levou atravessado pelo rio abaixo; e, conquanto trabalhei até que o afferrei por um braço, mas não mereci a Nosso Senhor podê-lo endireitar sôbre a água sem que primeiro lhe dêsse o espirito; e porque passando eu uma vez o rio com os primeiros, para ajudar a defender a passagem se fôsse necessário, e, quando não, despojar-me das armas, pois com elas era impossível dar-lhe ajuda, enquanto eu tornei por elle e passámos o que está dito, os outros companheiros

com receio dos cafres se afastaram um pedaço donde eu os deixara, por ser ali tudo lamarão; e não tendo quem me ajudasse em tão lastimoso acontecimento, senão um fraco grumete que ali ficara cansado, o tirei ao enxuto e cobri com umas poucas de canas, que foi o mais pio officio que, segundo minha fraqueza e dor, naquela hora lhe pude fazer; e isto acabado, porque havia algum tempo que o capitão me estava chamando para pelejarmos com os cafres que lhe tinham tomado o caminho, vendo eu não haver ali mais que fazer, por o tempo não ser de lágrimas, nem que o fôra se poderem achar bastantes a tanta mágua, despedindo-me para sempre daquele corpo que de mim nesta vida fôra tão querido, e então, na falta de espírito, o mais penetrante e desastrado golpe de desventura mo arrebatava dos olhos e fazia deixar naquêles desertos, me parti. O como, não direi; porque além de estar entendido, confesso que, se prosseguir mais a lembrança de tão triste passo, nenhuma cousa bastará a me dar sofrimento para que, em lugar de escrever história geral abreviada, deixe de mudar a pênna em elegia mui prolixa.

Assim que, chegando eu aos outros companheiros, achei-os prestes para pelejarem, e confusos se o fariam, pela multidão dos cafres que lhes tinham tomado o caminho; e estavam entre si em grandes altercações, se nos acometeriam ou não, mas por derradeiro, podendo mais com êles o medo da espingarda que das suas próprias vontades, concluíram em dissimularem por então, e ensinar-nos o caminho de três ou quatro povoações que ali perto tinham, onde determinavam fazer maior corpo de gente e tornar a seu propósito; e pôsto que logo o língua nos avisou do que passava, pela falta de mantimentos em que estávamos dissimulámos também, até vermos se poderíamos haver deles algum, e agasalhando-nos onde êles quizeram, nos trouxeram a vender alguns taçalhos de bú-

fanos e outras caças, de que tôda aquela terra é bem abastada.

Estes cafres nos deram novas como os quatro homens que mandáramos diante, com recado a Lourenço Marques, eram mortos; e os mataram dali perto porque êles, constrangidos da fome, tomaram um cafre que toparam ao longo do mar, e, metendo-se com êle em um mato, o espostejaram e assaram para fornecerem os alforges; mas como os vizinhos dêste o achassem menos, e a terra seja tôda de areia, vieram pela trilha a dar com o negócio; e então, levando os nossos à praia, e não se havendo por bom o que deles não tomava vingança, fizeram nos coitados uma crua carniçaria.

Ao outro dia, partindo dali, fomos prolongando por outras povoações, os cafres das quais iam ao longo de nós, incorporando-se com os das onde dormíramos; e como seu propósito fôsse o que já disse, depois que se viram muitos quiseram começar de o pôr em obra, pelo que um deles arremeteu a outro nosso, que algum tanto ia descuidado, e arrancando-lhe a espada da cinta fugiu com ela; e, vendo que por êste seu primeiro desavergonhamento passávamos com não fazer mais que amoestá-los que se fôssem, cobrou outro ousadia de querer tomar o machado ao que o levava; mas como êle já fôsse alerta, não lho pôde tirar das mãos antes carregando nós todos sôbre êle, e sôbre os que acudiram a querê-lo defender, tivemos um pedaço de briga bem suada, na qual o ladrão foi derrubado aos botes das lanças; mas vinham nossas disposições tanto para aquêle officio, que conquanto esteve um bom pedaço deitado, e lhe deram perto de vinte lançadas, de nenhuma ficou ferido, não trazendo mais armas defensivas que a pele com que nascera, e assim se tornou a ir, levando sômente uma mão cortada de um golpe de espada que o capitão lhe deu; e pôsto que seus companheiros trabalharam quanto nêles foi possível por o vin-

garem, vendo enfim como nos não podiam romper, e quão trabalhosamente escapava o que se mais afoutava, poucos e poucos se começaram de ir recolhendo, até que nos vieram a largar de todo.

Desembaraçados desta gente, tornámos a seguir nossa jornada por uma charneca abaixo, na qual vimos andar grande bando de búfanos mecenos, zevras e cavalos, os quais aqui somente, em todo êste caminho, topámos; e passando dali chegámos a um brejo, pelo meio do qual corria um rio, que por nenhuma parte se podia vadear, senão por certa vereda de elefantes que o atravessava de uma parte à outra; e esta receávamos nós em extremo, assim por nela ser ainda a água alta como pelos muitos cavalos marinhos de que tôda estava coberta, e vendonos se ajuntavam em grandes bandos, e levantando meios corpos sôbre a água arremetiam para onde estávamos com tanta fúria e rinchos, que nenhum ousava de ser o primeiro que cometesse a passagem; mas, por derradeiro, vendo que não tínhamos outro remédio, indo batendo diante com as lanças e dando grandes apupadas, por os sentirmos com isto algum tanto amedrontados, passámos à outra banda. E querendo dali atravessar ao mar, achámos que tôda a longura do brejo, que será meia légua, era cheia de umas árvores em extremo altas e mal assombradas, por entre as quais o sol em nenhum tempo tem entrada a visitar a água que por baixo está encharcada, e daqui procede ser ela tão fria e de mau cheiro, que, ajuntando isto com sua altura e o lamarão que tem, fazem a passagem em tal maneira dificultosa, que conquanto êste dia, e outros seis que ao longo dêle caminhámos, cometemos por muitas vezes passar à outra banda, nunca o podemos fazer.

E como, em todo aquêle tempo que prolongávamos esta infernal alagoa, não achássemos breijos, raízes, ervas, frutas, nem outro algum modo de mantimento com

que nos sustentássemos, veio a necessidade a ser tanta, que nos forçava a comer umas favas, que foi a maior e mais arrebatada peçonha de quantas neste caminho comemos, porque, acabando de as engulir, davam no chão com quem tal fazia, com todos os accidentes mortais; de modo que, se lhes logo não acudiam com pedra bazar, não podiam mais dar passo àvante e ficavam fazendo torceduras e geitos com a dor e afrontamentos, que pareciam endemoninhados; de maneira que, uns por padecerem tanto com esta comida, e outros que por verem a êstes, não usavam dela, nem achavam outra cousa, viemos todos a enfraquecer de sorte, que em cada um daqueles dias nos iam ficando muitos homens com tanta minguá e desamparo, que, se se pode dizer, a tigres e a ursos moveriam a piedade; e pôsto que nós nesta parte famos de peor condição que êles, porque o particular receio que cada um de si mesmo levava trazia a todos tão fora de sentido, que se lhe algum ficava o ocupava somente em se ir queixando de sua má fortuna e pecados que a tanta desventura o trouxeram. E certo que qualquer pessoa que de cima daqueles montes nos estivera olhando, pôsto que bárbaro e criado nas concavidades daquelas deshabitadas serras fôra, vendo-nos ir assim nus, descalços, carregados, estrangeiros, perdidos, necessitados, pascendo as ervas cruas, de que ainda não éramos abastados, pelos vales e outeiros daqueles desertos, alcançara sermos homens que gravemente tínhamos errado contra Deus, porque, a nossos delitos serem daqui para baixo, sua costumada clemência não consentira tão áspero castigo em corpos tão miseráveis.

E como esta aflicção fôsse em crescimento cada dia, vendo nós como quanto íamos descobrindo era chelo dêste brejo, e com mui certas mostras de chegarmos primeiro ao cabo das bodas que dêle, desconfiando poder dali sair por diligência humana, determinámos recorrer à

Divina; pelo que, pondo-nos todos de joelhos em oração, pedindo a Nossa Senhora, pela sua Santa Conceição, nos alcançasse do seu Glorioso Filho outro novo milagre semelhante ao que fizera com os filhos de Israel na saída do Egito e passagem do Mar Roxo, mostrando-nos caminho por onde dali saíssemos e achássemos algum modo de mantimento, com que reformássemos nossos já quási perdidos espíritos e não perecêssemos em tal míngua. E como seu officio seja rogar sempre por pecadores, prouve a Ela que naquele mesmo dia acometêssemos o brejo por parte que parecia impossível passá-lo, e por ali, com sua guia (que sem ela não pudéramos), achámos maneira com que atravessássemos à outra banda. Pelo que, vendo tão evidente milagre, nos pusemos outra vez em oração, dando (não com olhos enxutos) graças ao Nosso Senhor por tamanha mercê; e afora os votos particulares, prometemos em nome de todos, uma romaria a Nossa Senhora de Guadalupe, com uma missa oficiada solenemente, e outra tal na primeira casa da Virgem a que fôssemos ter, porque vendo o que ela, Madre de Deus, por nós fizera naquele dia, dali por diante começámos, mediante sua ajuda, de cobrar alguma esperança de salvação, e confiar mais no remédio de nossos desconfiados trabalhos. E neste mesmo dia, para que claramente conhecêssemos de cuja mão tal obra saíra, e nos não faltasse o Maná do Deserto, achámos muitos cocos de palmeiras bravas; e aquela noite fomos dormir junto de uma alagoa que estava perto do mar, onde achámos certas frutas, quási como peras, de muito arrazoado sabor, e vieram cafres ter connosco.

Passando ali aquella noite com muito mais repouso que as passadas, ao outro dia, que era do Bem-aventurado S. João Bautista, tornaram os cafres com um pouco de milho que lhes resgatámos; e isto acabado, como nossos desejos não descansassem senão quando nos víamos

na praia, determinámos ir dormir a ela; e porque havia ainda outro brejo neste caminho, rogámos aos cafres nos mostrassem o passo dêle, os quais, como a êste tempo para o fim da malícia que tinham ordenado estivessem muito juntos e esperassem ainda por mais, detinham-nos com palavras; mas depois que viram que lhes dávamos pressa, começaram dissimuladamente a baralhar-se connosco, com propósito de nos tomar as mãos; e sem dúvida o puderam fâcilmente fazer, segundo suas forças e nossas fraquezas, se nos o língua não avisara do que lhes ouvira; pelo que, não consentimos chegarem a nós; e vendo êles como eram entendidos, e que por manha não podiam acabar o que queriam, começaram dali por diante a mostrar suas tenções mais descobertamente, e falar soberbos, cuidando que por esta via nos abrandariam mais asinha a lhes fazermos as vontades; assim que, vendo nós quão certa estava com êles a contenda, começámos de nos fazer prestes; e ordenados todos em um corpo, levando aos desarmados no meio, nos pusemos em caminho, sem esperar por êles, os quais tanto que nos viram desta maneira disseram que nos queriam guiar; e assim juntos andámos até chegar ao cume de um cabeço donde se descobria o mar; e querendo êles que tomássemos por um carreiro que ia ter ao brejo que já disse, onde depois de atolados determinavam pelejar connosco, e nós fôssemos enfadados de semelhantes passos e entendêssemos seu propósito, não quisemos mudar o nosso, que era tomar por onde víamos o caminho mais desembaraçado; e conhecendo êles nossa tenção, aparelharam-se para pelejar, pondo-se uns pelas veredas a que lhes pareceu que nos acolheríamos, e outros cercando-nos ao redor, e tanto que estiveram repartidos e apercebidos começaram de escaramuçar uns com os outros, a modo de homens que se ensaiavam; e isto feito, com grandes gritos e apupadas arremeteram a nós, atirando tantas azagaias, que todo o ar

era coberto de uma nuvem delas, sem parecer que minguavam mais uma hora que outra; e dêste primeiro ímpeto nos feriram o capitão e outro homem, de duas grandes feridas; mas como a êste tempo não fôssemos descuidados, nem (despois de Deus) tivéssemos melhor remédio que a esperança pouca dêle, determinámos em não ficar sem vingança, se houvésemos de perder as vidas que tanto trabalho nos tinham custado. Começámos a resistir-lhes com algumas poucas de lanças e espadas que ainda entre nós havia, e com outros diversos gêneros de armas que então a ira e necessidade fâcilmente ministraram; mas como fôssemos poucos e desbaratados da fraqueza, e êles muitos e rijos, vendo-nos tão maltratados, não cessavam de nos apertar por tôdas as partes, entrando connosco à vontade a despedir as azagaias, que êles já por costume atiram com incrível fôrça e destreza; e quando íamos para os ofender, como nossas armas não eram de arremêso, arredavam-se com tanta ligeireza que lhes não podíamos fazer nojo; e pôsto que nos detivemos com êles mais de duas horas pelejando sempre rijamente, e bandeando a vitória ora a uma parte, ora a outra, andávamos já tão cansados que nenhum remédio tivéramos se nos Nosso Senhor não ajudara com a espingarda, porque não fazendo neste tempo o que a levava senão carregar e disparar, metendo-lhe além do pelouro muita sôma de munição, como na multidão dos inimigos não houvesse que errar caíram logo dois, e foram tantos os feridos, que escarmentados disto começaram a pelejar com menos fúria, até que pouco e pouco nos vieram a largar de todo; e tanto que nos vimos desembaraçados dêles (dando a Nosso Senhor as graças por tamanha vitória), endireitámos com o mar, e chegámos a êle, havendo catorze dias que o deixáramos e começáramos de rodear aquêle rio, no fim dos quais teríamos andado passante de sessenta léguas, e não avantajáramos em nosso caminho mais de

cinco, que poderia haver dêste lugar, onde chegámos, à bôca do rio, donde partimos. Neste rodeio, entre mortos e cansados, nos ficariam vinte pessoas.

Depois que estivemos um pedaço descansando naquela areia tão desejada, e fomos curados com uma talhada de toucinho que por dita se achou na companhia, e não foi pequeno remédio segundo carecíamos de todos, por ser ainda cedo tornámos a caminhar, a ver se topáramos alguma água, a cuja beira repousássemos; mas como esta terra seja tôda muito falta dela, andámos até à tarde sem a podermos achar; e assim nos recolhemos à borda de um mato, passando aquela noite bem atormentados da sêde, pelo trabalho que com os cafres leváramos; e não foi esta a primeira, nem a derradeira, porque depois que saímos da Terra do Natal e entrámos na que se chama dos Fumos, que é 26 graus e dois terços para baixo, por ser tôda de areia muitas vezes caminhávamos seis e sete dias sem beber, que não foi dos menores males que nesta jornada passámos.

Ao outro dia tornámos a caminhar, com propósito de não nos afastar da praia senão com extrêma necessidade; mas como esta era tão contínua entre nós, principalmente por água, quási tôdas as tardes nos metíamos pela terra dentro a buscar algumas pègadas de elefantes, onde às vezes a achávamos (que estas são as fontes cristalinas daquela comarca); e caminhando com esta esterilidade cinco dias, no fim dêles nos socorreu Nosso Senhor com um porco montês, que achámos em umas moitas que ao longo do mar estavam; o qual, como se houvesse descuidado, primeiro que se pusesse em fugida foi cercado e morto às pancadas, e igualmente entre todos repartido.

Êste dia à tarde, indo guinando pela terra dentro, segundo costumávamos, passámos ao longo de três ou quatro povoações grandes, em nenhuma das quais nos quiseram mostrar donde bebiam; e sendo já

perto da noite, chegámos a outra, em que estavam obra de vinte ou trinta vacas e alguns carneiros de cinco quartos, e dela nos mostraram um brejo, que estava ainda dali um pedaço, mas por não serem já horas para irmos dormir junto d'êles, mandámos lá quatro ou cinco moços, que por falta de vasilhas supriram bem pouco a nossa necessidade.

E porque os cafres de todos aquêles lugares, que atrás deixáramos, vieram tôda aquela tarde acoessando-nos e lançando mão de alguns descuidados e ajuntando-se de cada vez mais, até nos deixarem agasalhados, fazendo êles também o mesmo aí perto, havendo nós êste seu ajuntamento por suspeito, tanto que se cerrou a noite mandámos o língua fôsse secretamente espiar o que falavam; e como fazia escuro, pôde-o êle fazer de modo, que tornando nos contou como tinham lá despido e ferido em dez ou doze partes a um marinheiro, que constringido da sede lhes fôra pedir água, vendo que estava mais incerto o perigo em tão certos inimigos que na necessidade que passava, e que a prática tôda era em tratar da maneira em que ao outro dia pelejariam connosco, para que nenhum escapasse.

Tanto que isto foi sabido, porque entre nós e o mar havia um outeiro e um vale de muito mato, e trabalhoso de caminhar, por onde esperávamos ir pelejando com êles à muita vantagem sua e risco nosso, pareceu bem a todos levantarmo-nos à meia noite, e ir ter ao mar primeiro que fôsse dia, onde pelas razões já ditas esperávamos melhor partido; e seguindo êste parecer, tanto que a hora foi chegada pusemo-nos em caminho, deixando alguns fogos feitos para mais dissimulação; e como o escuro fôsse grande, e nós pouco sabedores da terra, não tínhamos conta com mais que com cortar ao direito; pelo que acertámos de romper pelo mais íngreme e fragoso do mato, onde havia muitos espinheiros e outras árvores, que a antigüidade do

tempo tinha derribadas no chão, por cima ou por baixo das quais fomos muitas vezes de gatinhas e às apalpadelas, segundo melhor nos parecia, porque a claridade era tão pouca, que os olhos não serviam de mais que de irem pondo sempre a seus donos em receio de encontrarem com algum estrepe em que os quebrassem; e desta maneira, seguindo uns a outros pelo som dos ais, que iam dando com dor das marradas ou espinhos que topavam, em começando já de romper a alva chegámos ao mar, ficando-nos nesta passagem três homens, afora os que os cafres feriram, pelos quais esperámos um bom pedaço; mas vendo enfim como sua tardança devia ser por mais não poderem, tornámos a caminhar, e esta noite fomos dormir a um mato, onde houve alguns que, forçados da sede, se satisfizeram com água de uma alagoa, tão salgada como a do mar, e esta comprada ainda a pêso de ouro às pessoas que a foram buscar, porque, pela grande jornada que aquela noite e dia fizéramos, quando ali chegámos já não havia quem se pudesse bulir; e depois de assim estarmos agasalhados chegaram três ou quatro cafres pela nossa trilha, que eram espias dos outros que atrás deixáramos, e tanto que houveram vista onde ficámos se tornaram.

E como a vinda dêstes descobridores nos não deixasse ainda repousar seguros, pela muita gente que víramos junta, tanto que luziu a alva tornámos ao caminho, e às nove ou dez horas do dia topámos um rio, a que, por ser baixamar, achámos vau; e sendo já quási todos passados à outra banda, chegaram uns poucos de cafres apressados em nosso alcance, que eram corredores dos mais que atrás ficavam, e achando ainda da parte por que êles vinham a dois ou três mancebos, os despiram, sem lhes fazerem outro mal, com o intento de arremeterem a outras pessoas que ainda iam passando o rio, aos quais também fizeram o mesmo se os que já estavam da

outra banda lhes não socorressem, tornando a entrar pela água e defendendo-os, até que se puseram em salvo.

Tanto que assim fomos todos juntos, quiséramos tornar a caminhar; mas êstes cafres, vendo nossa tenção, passaram o rio e começaram de amotinar a outros que estavam da nossa banda, incitando-os a que pelejassem connosco, ou ao menos nos detivessem até que chegasse a outra gente, que ia atrás; pelo que, dando seus apupos e apelidos, neste caso costumados, em pouco tempo foi feito um grande ajuntamento dêles, e assim se vieram chegando a nós, havendo a prêsa por tão certa que não quiseram esperar mais companhia; mas como o línqua nos avisasse de sua tenção, mandou o capitão ao que trazia a espingarda que a disparasse no primeiro que viesse a tiro, o qual o fêz tão bem com um que vinha diante dos outros, que acertando-lhe pelo meio dos peitos o varou à outra parte, e arremetendo nós a êles neste mesmo tempo, pôsto que ao princípio se tiveram em pêso, por derradeiro os fizemos recolher a um mato que ali perto estava; e o ferido correu ao longo do rio tanto espaço, primeiro que caísse, que não havendo os outros o mal por tamanho acudiram muitos a querê-lo defender dos que o seguiam; mas como neste comenos êle viesse ao chão, e no mesmo instante fôsse todo ataçalhado, escarmentados os que o socorriam se tornaram por onde vieram.

E porque havia tantos dias que não fizéramos resgate, nem metêramos nas bôcas cousa que nome tivesse, constrangeu a necessidade a muitos serem de parecer que comêssemos a êste cafre, e, segundo se já soava, não era esta a primeira vez que a desventura daqueja jornada chegara a alguns a gostarem carne humana, mas o capitão não quis consentir em tal, dizendo que, se cobrássemos fama que comíamos gente, dali até o cabo do mundo fugiriam de nós e trabalhariam de nos perseguir com muito mais ódio.

E porque receávamos, se ali fizessemos detença, de chegar a outra gente que ia em nosso alcance, como fêz segundo depois soubemos, e nos metesse em trabalhos ajuntando-se com estoutra, recolhendo-nos tornámos a caminhar; e sendo o sol já quási pôsto, encontrámos certos cafres, que conquanto se não quizeram fiar de nós, disseram que nos venderiam água — que, por a calma ser grande, isto foi o que lhes pedimos — e, mandando-lhes vasilhas, nos trouxeram algumas cheias dela, mas porque se enfadaram de nos fazer aquela boa obra, foi forçado, pela muita necessidade que tínhamos, meter-nos pela terra dentro e buscá-la; e achando uma alagoa em que nos satisfizemos, pôsto que era já tarde, com receio de termos de noite algum rebate e sobressalto dos inimigos, não quisemos ali ficar, mas tornámos a dormir ainda à borda do mar.

E porque aquêles dias atrás passados eram de grandes calmas, pareceu bem a todos caminharmos aquela antemanhã um pedaço, para que, como o dia aquecesse, pudessemos repousar sem quebra da jornada; pelo que, vindo a hora necessária nos pusemos em caminho; e depois que tivemos andado obra de uma légua, topámos uma rocha de pedra viva, em que o mar batia, cousa bem desacostumada naquela paragem, por ser tôda de areia; e como os que iam diante, com o escuro da noite, não vissem o certo do que era, cuidando achar passagem por entre o pé dela e a água, entraram sem receio, mas não tiveram dado muitos passos quando vieram algumas ondas desmandadas, e, sorvendo-os para dentro, os trouxeram tão atropelados, que conquanto foram socorridos dos que o puderam fazer, com muito risco se salvaram; e por êste embarço nos foi forçado esperar a manhã, com a qual, vendo como pelo pé da rocha não tínhamos caminho, o fizemos por riba dela, com assás dificuldade pelas asperezas dos penêdos, que eram todos feitos em bicos

agudíssimos; e, como íamos descalços, foram tantas e tais as feridas que ali recebemos, que alguns ficaram pelo caminho, e os que passaram àvante sofreram dores sem medida; e assim fomos cortando por nós, e por este trabalho, até horas de vésperas, que tornámos a achar praia de areia limpa; e, enquanto estivemos um pouco descansando, os cafres, que continuamente iam atrás de nós esperando os cansados, mataram um escravo que estava arredado da outra companhia; e partindo dali fomos dormir aquela noite à borda de uma alagoa, que, por ser dôce, era a melhor estalagem que podíamos achar.

Pela mesma ordem do passado caminhámos o dia seguinte, e quando veio às nove ou dez horas dêle topámos um cafre, com obra de outros quarenta consigo, o qual nos disse ser mandado a nós por um rei chamado Inheca, amigo dos homens brancos, e que este sabia de nossos trabalhos, e por isso nos mandava rogar fôssemos ter com êle e nos teria mui bem tratados, como já fizera a outros homens que pela sua terra passaram havia poucos tempos, e se embarcaram em um navio que vinha muitas vezes a um rio do seu reino. E não havendo nós este recado por fiel, nem crendo que o nome português estivesse tão divulgado e acreditado em regiões assim remotas de nossa comunicação, que de bom zêlo lhe saísse tal oferecimento, antes julgando tudo à malícia e traição, não sabendo quão perto estava o rio que íamos desejando, respondemos sêcamente que não podíamos fazer o que pedia, porquanto nosso caminho era ao longo da praia até toparmos com outros companheiros que buscávamos; com a qual resposta êles se despediram, levando consigo a Luís Pedroso e ao mestre da nau, a quem Nosso Senhor quis chegar a tempo que conhecesse o mal de Fernão d'Álvares e pagasse na mesma moeda o que êle ordenara fazer; e assim levaram mais três ou quatro homens, que por não poderem aturar quiseram ficar com

êles, pôsto que mais forçados da fraqueza que confiados nos oferecimentos que lhes faziam, e bem pouco cumpriram, porque tanto que nos viram arredados os despiram e deixaram assim nós, e se tornaram por onde vieram; e nós seguimos o caminho êste dia e o seguinte, sempre ao longo da praia, achando nela grandes cardumes de caranguejos brancos, que andavam no rôlo do mar, e quando a onda se recolhia ficavam descobertos; dos quais matámos alguns enquanto o dia deu lugar; e como o tempo não era de muitos temperos, havia nisto tanta pressa, que muitas vezes quando os metíamos nas bôcas pegavam êles com as suas nos beiços, e, ficando-lhe ali a perna aferrada, o resto, mal mastigado, ia bolindo pelo papo abaixo; e pôsto que a alguns houvera esta pescaria de custar caro, porque com o acomodamento dela descuidavam-se das ondas, que por algumas vezes os trouxeram atropelados, não deixámos de os perseguir até à noite, com a qual nos recolhemos a umas moitas que aí perto estavam.

Tanto que ao outro dia amanheceu, tornámos a caminhar, ficando-nos ali quatro homens cansados, entre os quais foi um filho de Garcia de Cáceres Lapidairo, que connosco ia, o qual, pôsto que sentiu êste apartamento como de filho a que queria muito, vendo que sua ficada com êle nenhuma cousa podia aproveitar, deitando-lhe a bênção o deixou. E quando veio às nove ou dez horas dêste dia, que eram três de Julho, chegámos à bôca da baía do Rio Santo Espírito, que na carta que levávamos estava nomeado por seu nome antigo, do Rio d'Alagoa, a qual será de quinze ou vinte léguas de comprido, e a lugares pouco menos de largo; entra o mar nela por duas bôcas, uma da parte do Sudoeste, que não é muito grande, e outra da do Noroeste, que será de sete ou oito léguas, e entre uma e outra jaz uma ilha que terá três léguas em redondo.

Nesta baía se recolhe a água de três rios assaz grandes que de muito pelo sertão dentro vem ali acabar, por cada um dos quais entra a maré dez e doze léguas além do que a baía alcança. O primeiro dêles, para a parte do Sul, se chama mar do Zembe, que divide as terras de um Rei assim chamado das d'outro, que é o Inheca com quem nós ao depois estivemos. O segundo se chama Santo Espírito, ou de Lourenço Marques, que primeiro descobriu o resgate do marfim que ali vem ter, por cuja causa é freqüentada a navegação dêle de alguns anos a esta parte, que d'antes muitos passaram que ali ninguém foi; êste aparta as terras do Zembe das d'outros dous senhores, cujos nomes são o Rumo e Mena Lobombo. O terceiro, e último rio para o Norte, se chama do Manhica, por outro cafre assim chamado, que ali reina, com o qual vizinham outros muitos senhores; ao longo dêste foi o desbarato de Manuel de Sousa Sepúlveda, onde êle, sua mulher, e filhos acabaram, com quási tôda a gente que o seguia, salvando-se sòmente sete ou oito pessoas que deram testemunho de suas desaventuras.

E como a carta porque nos íamos regendo chamasse erradamente Rio de Santo Espírito ao da Aguada de Boa Paz, que está em 24 graus e meio, e àvante destoutro dezoito léguas, pôsto que êste em cuja foz estávamos, assim pelo nome que já disse de Baía d'Alagoa como pela altura dos 25 graus e um quarto em que jazia, nos mostrasse ser o próprio de Lourenço Marques, que íamos desejando, o nome de Santo Espírito, que claramente estava pôsto no outro, nos fêz a todos cair em êrro de cuidar que êle era onde levávamos propósito de parar e esperávamos achar navio. Mas sem embargo de estarmos neste engano e conformes no desejo de passar àvante, quando nos ali achámos, vendo tão grande baía, e tão fracas disposições para suprir o trabalho do rodeio dela, de que nos atemorizava ainda mais o que passáramos no Rio dos

Medos de Ouro, houve diversos pareceres sôbre o que faríamos, mas a derradeira resolução de tudo foi que, visto como já não levávamos ferro para o resgate, nem armas para nos defendermos da gente da terra, que de cada vez achávamos mais grossa e pior inclinada, nem disposições para caminhar, por todos irem já tão desbaratados da fraqueza que em cada um daqueles dias nos ficavam cinco e seis pessoas, por onde estava certo, se daí quiséssemos passar, ficarmos prêsos primeiro que nos comessem, assentámos que forçadamente nos convinha não ir mais por diante, mas entregar-nos ao rei daquela comarca, que, por ser perto donde o navio vinha, presumíamos ter algum conhecimento de portuguezes, porque ouvimos dizer aos que escaparam da outra perdição que de vinte ou trinta léguas pela terra dentro trouxeram ao navio êsses poucos que ainda eram vivos, pelo interêsse do resgate que por êles esperavam, o que confiávamos (pois mais não podíamos) também fariam a nós.

Tanto que nisto fomos concordes, postos de joelhos dissemos uma Salvé-Raínya e outras orações, dando graças a Nosso Senhor por tamanha mercê, como fôra chegarmos ali, pedindo-lhe, mediante sua Sacratíssima Madre, lhe prouvesse tomar o passado por castigo de nossos erros, e espritar nos corações daqueles senhores, novos e diferentes em lei e costumes, que então esperávamos topar, que nos não perseguissem mais do que por nossos pecados até ali tinham feito. E acabado isto, tornámos a caminhar ao longo da baía, por ver se toparíamos alguma gente que nos guiasse a El-Rei, ou desse informação da notícia que tinham de nós; e não tínhamos andado muito quando vimos em um cabeço os moradores de uma povoação, que ao pé dêle estava, despejada, por medo de lha saltarmos, alguns dos quais, despois de muitas dúvidas que com o língua tiveram, foram ter connosco e nos disseram que o seu Rei se chamava o Inheca e era irmão

dos homens brancos que àquela baía vinham muitas vezes em um navio, aos quais El-Rei vendia muito marfim a trôco de contas, de que êles todos andavam bem ajaezados.

Ouvido isto por nós, vendo como confirmavam com o recado que êste cafre nos mandara ao caminho, e que não discrepavam uns dos outros pôsto que foram perguntados separadamente, ficámos muito satisfeitos e com grandes desejos de ir ter com El-Rei. E porque êstes mesmos homens se ofereceram a nos levar ao outro dia onde êle estava, repousámos ali aquela noite; e tanto que foi manhã mandámos o língua ao lugar, para que trouxesse quem nos guiasse, como deixáramos concertado; mas os cafres, não sei porquê movidos, não quiseram vir com êle, por mais rogos e promessas que lhes fêz; pelo que, vendo sua contumácia, começámos de caminhar ao longo da baía, bem desconfiados das boas novas que o dia dantes ouvíramos; e depois que tivemos andado obra de meia légua, vimos andar um pescador em uma gamboa, que são certos azeiros que êles fazem dentro na água, onde tomam o peixe; e chegando-nos a êle o mais quietamente que pudemos, porque não fugisse, o chamámos, e acertámos de ser um vélho bem acondicionado, que veio logo, e, perguntando-lhe se nos queria levar onde El-Rei estava, disse que sim; e em abalando nós com êste propósito, chegou outro cafre com um recado d'El-Rei, em que nos mandava dizer que aquela baía era grande e a não podíamos rodear sem seu consentimento, e que a gente da outra banda era muito má e inimiga dos homens da nossa terra, porque mataram muitos que lá foram ter, e êle era amigo dêles; portanto fôssemos para onde êle estava, e nos sustentaria até à vinda do navio, que para isso nos mandara já outra vez chamar. E como nós não desejássemos outra cousa, com êste recado seguimos ao mensageiro, fomos aquela noite dormir

a uma aldeia onde os cafres tinham morto um cavalo marinho, e nos venderam a carne d'ele por dinheiro; e este foi o primeiro lugar onde o quiseram aceitar.

Partindo dali caminhámos três dias, no derradeiro dos quais, sabendo El-Rei como fámos já perto, nos saiu a receber um pedaço fora do lugar em que vivia, com obra de trinta homens consigo, e tanto que chegámos uns a outros, mostrando muito contentamento e gasalhado, nos fêz assentar junto de si, e depois que comeu com o nosso capitão umas poucas de papas feitas de frutas que trazia (por ser entre elles sinal de amizade), nos perguntou como vínhamos e tornou a confirmar o que lhe mandara dizer ao caminho àcerca de quanto nosso amigo era, esforçando-nos com promessas que dali por diante nenhum trabalho havíamos de passar, porque elle nos sustentaria e daria de comer até à vinda do navio, que já, pelo costume dos outros tempos, não devia de tardar muito; e com isto se levantou, tomando o caminho para a povoação, a qual, pôsto que não estava cercada de cava chapada com muros de betume e ladrilho, nem houvesse nela outros lustrosos edifícios de colunas e cantarias que sustentassem o pêso de altas tórres e soberbos passadiços, não deixava contudo de representar naquela sua natural e antiga pobreza uma certa polícia e ordem de govêrno, que para seus poucos tráfeços bastava, porque é grande e de muita gente, com seus pátios e ruas não muito desconcertadas, rodeada de bastidão de pinheiros muito ásperos que naquela terra se criam, assaz alta e bem tapada com três ou quatro serventias nos lugares necessários. E enquanto descansámos em um pátio, que El-Rei tinha diante daqueles seus rústicos e montanheseos paços, elle mandou despejar certas choupanas onde dormimos aquella noite.

Assim chegámos cincoenta e seis portuguezes somente, e mais seis escravos, aos sete dias de Julho, ha-

vendo setenta e dois que caminhávamos, em que andámos passante de trezentas léguas pelos rodeios que fizemos; e bem se enxergavam em nossas figuras e disposições os refrescos e abastanças que pelo caminho tivéramos, porque, não trazendo cada um mais que a pele enfermada sôbre os ossos, representava a imagem da morte muito mais propriamente que cousa viva. E porque esta magreza, junta com o pouco ornamento de nossos enfarrapados atavios, e imundícia de que o trabalho e míngua nos faziam vir cobertos, causava tamanho nôjo na gente da terra, que ali onde estávamos nos vinham perseguir com mil maneiras e escárnios, pedimos a El-Rei nos mandasse aposentar em umas choupanas que estavam separadas das outras para um recanto do lugar; o que elle logo fêz, dizendo-nos que não andássemos pela povoação, porque não fôssemos maltratados, e que ali nos trariam a vender tudo o que nela houvesse.

E como o propósito com que este Rei ali nos desejava não fôsse todo fundado em virtude, mas parte em interesse, como peste geralmente criada nas mais das pessoas (por rústicas que sejam) — e este fôsse haver de nós algum ouro, ou jóias dêle, não porque lhe sejam necessárias para seus usos, mas por saberem que os portuguezes do navio que ali fôra os anos passados compraram estas cousas aos que roubaram a Manuel de Sousa Sepúlveda a trôco de contas, que elles têm por tão precioso tesouro como nós a pedraria ou seu semelhante — como discreto e sagaz que era, quis haver isto à mão com o menos escândalo nosso que ser pudesse; e para isso buscou uma tal maneira, que depois de estarmos, como tenho dito, três ou quatro dias, mandou chamar o nosso capitão e lhe disse que, por sermos muitos, se não atrevia a sustentar-nos todos, e pois lhe era necessário comprar mantimentos à sua gente para nos dar, o ajudássemos nós com algum ouro ou peças dêle, e que a isto não puséssemos escusa, por-

que bem sabia serem todos os homens brancos muito ricos, e que olhássemos que o que pedia era para proveito nosso, sem lhe ficar a êle mais que o trabalho de o andar ajuntando, e que, se todos isto não quisessem aos que o fizessem daria de comer e aos outros não; e também, se nos êste partido não contentasse, nos fôssemos para onde quiséssemos, mas que êle nos não segurava da sua gente; à qual demanda lhe respondeu o capitão o melhor que pôde para o tirar daquela cobiça, e, por conclusão, que o deixasse falar connôscos e que ao outro dia lhe daria a resposta.

Despedido o capitão com êste recado, nos deu conta do que passava, pedindo conselho e determinação do que faria, e praticando isto entre nós, a conclusão que se tomou foi que, pois estávamos tão desbaratados das disposições, armas e resgate, e não podíamos ir para parte onde nos não fizessem outro tanto, ou por ventura pior, que forçadamente nos convinha sofrer esta e tôda outra mais tirania que nos quisessem fazer, pois quando por vontade não dêssemos a El-Rei o que pedia, ninguém lhe tolhia tomar-no-lo por força, sem sermos parte para mais que para morrer defendendo-nos, pela muita gente que ali estava junta esperando a determinação que êle tomasse sobre a nossa reposta, e, além disto, que todos traziam geralmente tão pouco, que segundo ali o estávamos gastando não podia durar muito mais que até à vinda do navio, como êle prometia, com o qual recado o capitão lhe tornou ao outro dia. E sabendo êle nossa vontade, por mais nos confirmar nela, mandou que à tarde seguinte fôssemos à sua porta, e lá nos deu a cada pessoa obra de um celamim d'alpiste, que é o melhor mantimento da terra, e que êles tem como relíquias, dizendo que aquilo era para dois dias, e no fim deles fôssemos dali por diante buscar sempre aquela ração; com a qual isca nos enganou de sorte, que havendo o partido por muito bom, ao

outro dia nos aparelhámos para lhe dar o que pedia; sabendo êle como estávamos prestes, chamando dois ou três dos seus mais privados e o nosso capitão e língua, se assentou a receber o que lhe levassem, e ali lhe apresentava cada um o que trazia, dizendo quantas pessoas entravam naquela conta e haviam de participar da ração que por aquilo lhe desse, o qual êle tomava, e depois de bem olhado, e aconselhado com os seus, se contentava, recolhia-o, e quando não tornava-o a dar, dizendo que buscassem mais; de modo que por uma ou outra via lhe haviam de levar com que ficasse satisfeito, ajudando também a isto o capitão com dizer que éramos pobres por se nos quebrar a nau no mar e sairmos nus a nado, e que os outros portugueses, com quem êle alegava, desembarcaram com a nau inteira, e por isso salvaram muitas cousas. E tanto que isto foi acabado, e El-Rei recolhido, o capitão nos rogou a todos que nenhum comprasse mantimento, por mais necessidade que passasse, até ver se continuava El-Rei com o que prometera, porque estava certo, se soubesse nos ficava ainda alguma coisa, isto só lhe bastaria para acção de escusa, e quando cuidássemos que o tínhamos satisfeito, estaria mais acêso em cobiça.

E como a gente de tôdas aquelas partes se cria por entre matos, nua, sem lei, sem costume, sem atavios, nem outras necessidades a incitem a pôr indústria em ajuntar e guardar para o tempo da falta os sobejos que lhe algumas horas a ventura ministra, mantendo-se sòmente de frutas de árvores silvestres e de outras raízes e ervas, que lhe o campo por si mesmo cria, e algumas vezes de caças de elefantes e cavalos marinhos, sem ter notícia de lavrar a terra — do que procede viverem todos, assim senhores, como vassalos, em comua e natural necessidade — vendo El-Rei como por nenhuma via podia cumprir o que ficara connosco, desejando achar algum meio honesto para sair desta obrigação, e abrir caminho a saber se nos ficava

ainda alguma cousa das que de nós pretendia, ordenou sagazmente mandar-nos tentar por alguns dos seus naqueles dias seguintes com cousas de comer, sabendo que a necessidade delas (mais que outra cousa) nos faria descobrir-lhe o que tanto desejava; e pôsto que seis ou sete dias suportássemos nossa míngua, como êle em todo êste tempo não acudisse com a ração, começaram alguns de comprar o que lhe ali traziam a vender, o que logo El-Rei soube, e, como não estivesse esperando outra cousa, mandou chamar ao nosso capitão, e mostrando-se muito agrado, lhe disse que o enganáramos, porque todos tínhamos mais do que lhe déramos, e pois podíamos comprar o necessário, não esperássemos dele ajuda; ao que o capitão não teve que responder senão que quanto trazíamos lhe tínhamos dado, mas contudo êle nos tornaria a buscar, e, achando alguma cousa, lha levaria.

Despedido o capitão com isto, foi-nos contar o que passava e quanto mais metido na cobiça El-Rei então estava que dantes, queixando-se de quão mal olhávamos o que era necessário e nos tanto encomendara; porém vendo, por cima de tudo, como nossas necessidades não sofriam sujeições de leis, não teve nisto mais que fazer senão tornar-se a El-Rei e dizer-lhe que êle nos buscara a todos e não nos achara cousa que lhe pudesse levar, porque os que aquilo compraram eram os moços, a que já não ficava mais, e que bem castigados ficavam pelo êrro que fizeram em guardar aquela pouquidade, mas que soubesse também que nós nos queixávamos dele, que depois que lhe déramos quanto trazíamos nos não acudia com comer, como tinha prometido, pelo que morríamos à fome; portanto, houvesse dó de nós e cumprisse como Rei o que ficara; ao que êle respondeu, descobrindo o pouco que podia, e dizendo que o alpiste nos não havia de dar, por não o ter, e que ainda o que nos dera os dias passados o andara ajuntando por entre todos os seus, mas que,

quando morresse algum elefante ou cavalo marinho, êle repartiria connosco. E a verdade era esta; porque, pôsto que isto de princípio nos escandalizou, suspeitando que para nos acabar à fome tomava aquela escusa, depois que vimos a esterilidade da terra e a boa inclinação sua para nós, cremos que o que dizia era o mais que podia fazer.

Tanto que o capitão nos desenganou desta resposta, perdendo cada um a esperança de algum pouco de mais repouso que até ali tivera, começou a entender em outros cuidados de novo, e buscar com que comprassem algum mantimento, e êste ainda não descobertamente, com medo d'el-Rei, senão a cafres que também folgavam de vender escondido, por lho não tomarem as espias que sôbre isso andavam; e depois que passamos alguns dias assim atribuladamente, mataram os cafres dois elefantes em uma noite, e logo el-Rei mandou dizer ao nosso capitão que ao outro dia fôssemos ao mato com êle, e lá nos mandou dar um quarto de elefante, que foi repartido entre todos igualmente. E desta maneira o fazia tôdas as vezes que se matava alguma destas rezes; e certo, posta à parte a sêde que êle tinha de dinheiro, em todas as outras cousas nos não podíamos queixar senão de sua pouca posse, porque assim se mostrava pesaroso de ver nossas necessidades, amesquinhando-se e justificando-se quando não tinha com que nos socorrer, e assim vinha prazenteiro e contente a dar-nos nova quando matavam alguma destas caças; como que trazia sempre nossas minguas ante os olhos, e folgava mais de haver aquela abastança pelo nosso que pelo seu proveito.

Mas sem embargo dêstes seus desejos, e de êle repartir connosco quando podia, é tão pouca a indústria que os cafres têm em caçar estas alimárias, que passam às vezes muitos dias sem as caçarem, mas como sejam habituidos a se socorrerem (quando lhes isto falta) de algumas raízes e ervas, que já por natureza e costume os podem

sustentar, e nós como estrangeiros não soubemos buscar aquêles remédios, viemos a tanta necessidade, que morreram alguns à pura fome, acabando uns nos matos, outros nas fontes e outros por diversos lugares e caminhos, onde os forçava a ir sua extrêma necessidade.

E como os que ainda ficavam vivos trouxessem os espíritos e corpos tão cansados e debilitados, que o mais a que suas forças e caridades então abrangiam era tomar êstes, que assim faleciam, e fazer-lhes em estacas uma pequena cova onde os deixavam mal cobertos, se veio daqui a principiar outra desventura não menos que a da fome; e foi que, por êste lugar, em que el-Rei e nós vivíamos, estar situado em uma mata antiga e grande, onde havia muitos tigres, leões e todo o outro género de alimárias nocivas, êstes encarniçando-se de princípio em comer os que assim ficavam mal soterrados vieram a tanto donodamento, que entraram à bôca da noite dentro na povoação pela parte onde nós morávamos, que era um recanto mais escuso, como já contei, e se achavam alguém fóra da choupana o matavam, e tão levemente tornavam a saltar com êle na bôca por cima da cêrca, conquanto era alta e bem tapada, que parecia nenhuma cousa levarem, e assim andavam tão diligentes em fazer êstes saltos, que levariam cinco homens primeiro que puséssemos côbro em nós; e depois que viram não nos poderem tomar fora das choupanas, desavergonharam-se a entrar dentro, e conquanto estávamos seis ou sete juntos, não deixavam por isso de ferrar no que mais a seu lanço achavam, de modo que, acudindo nós todos a isto, trabalhosamente lho tirávamos das mãos; e com êstes acometimentos, que êles cada noite faziam muitas vezes, nos feriram muito mal outros cinco homens, e por não haver já entre nós armas (como está dito), com que nos pudéssemos vingar, outro nenhum remédio tivemos senão vingar-nos de sorte que não saíamos das choupanas menos das oito e nove horas

do dia, e com uma de sol nos recolhíamos, e ainda neste meio tempo, se algum havia de ir ao mato ou fonte ou qualquer outra parte, pôsto que fôsse perto da povoação, aguardava que se juntassem cinco ou seis que tivessem a mesma vontade, com mêdo deles, que doutra maneira não ousavam de ir.

E como com êste recato lhes faltasse o cêbo de nossas carnes, que êles deviam achar gostosas, segundo o muito que trabalhavam pelo haver, andavam tão endiabrados com o sentimento desta falta, que de noite nos não podíamos ouvir com os berros que davam pelas ruas, e muitas vezes chegavam a acometer nossas portas com tais pancadas e empuxões, quais de sua braveza e fôrça se pode crer; e quando as achavam bem tapadas (como tínhamos a carga), roncando e uivando se deixavam ali estar por um grande espaço sem se quererem mudar, e todo o tal tempo não gozavam nossos corações de tanto repouso, que lhes faltasse receio de êles derribarem a choupana e ficarmos entregues à sua pouca piedade, porque sem dúvida que, se nisto entenderam, nem fôrças nem vontades lhes faltavam para o poderem fazer.

E porque os cafres nestes dias andavam mais confiadados e com menos resguardo em suas pessoas, vendo estas feras melhor aparelho nêles para suas prêsas, começaram a fazer-lhe outro tanto como a nós; de modo que em espaço de quatro mêses levaram passante de cincoenta, e muitos deles de dia e dentro no lugar, porque era tamanho o mêdo que lhes cobraram, que ainda que o pai visse levar ao filho não ousava socorrê-lo mais que com brados (de que êles faziam bem pouca conta), e ainda êstes de muito longe; de sorte que, sem terem estôrvo algum, estes tigres entravam assim seguros a tomar homens dentro em uma povoação tão grande, como o puderam fazer a qualquer outra caça em uma mata muito deshabitada, e tão víçosos viviam, que dos que matavam não aproveitavam

mais que o sangue ou alguma cousa pouca, enquanto estava fresca; e assim achávamos muitas vezes êstes troncos por ali lançados, sòmente abocanhados, ou quando muito com uma perna ou braço menos. E, de quantos a êstes assaltos andavam, um só foi morto, porque não podendo caçar de noite se deixou ficar o dia dentro em uma moita, que no lugar estava, e como fôsse sentido, vendo os cafres o cachorrão, atreveram-se a caçá-lo e atirar-lhe às zagaiadas, o qual, sentindo-se ferido, arremeteu a um que mais a seu lanço achou e deu-lhe duas grandes feridas por baixo das goelas, afóra outras muitas não tão perigosas por diversas partes; mas como o cafre fôsse homem valoroso, embrulhando no braço uma pele que tinha, e levando da espada com muito acôrdo, o matou às estocadas.

A esta perseguição dos tigres se ajuntou outra de pílhos, a qual, pôsto que parecia leve, foi tal que a alguns tirou as vidas, e a todos geralmente pôs em risco de as perderem, porque enquanto andávamos quási nus, trazendo sòmente vestidos uns farrapos por que nos apareciam as carnes em muitos lugares, ali se criavam tantos, que visivelmente nos comiam sem lhe podermos valer, e conquanto escaldávamos o fato muito a miudo e o catávamos cada dia tres e quatro vezes por ordenança, como era praga dada por castigo de nossos erros, nenhuma cousa aproveitava, antes parecia que, quanto mais trabalhávamos para os apoquentar, então cresciam em maior quantidade, porque, quando cuidávamos que os tínhamos todos mortos, dali a pouco espaço eram outra vez tantos; que com um cavaco os ajuntávamos pelo fato e os levávamos a queimar ou soterrar, por se não poder matar tanta soma de outra maneira; mas, com todos êstes remédios, a um Duarte Tristão e outros dois ou três homens fizeram tais gaivas pelas costas e cabeças, que disso claramente faleceram.

E como a gente de tôdas aquelas partes, pelos poucos tráfegos e inquietações de suas vidas, tenha pouca notícia da fortuna e seus revezes, não lhe parecendo que fomos perseguidos dela, antes cuidando que por próprias vontades saíramos de nossas terras a roubar as alheias, esta má opinião que nos tinham nos fazia geralmente tão aborrecidos de todos, que dali se principiou outra aflicção, não menor que as já contadas; e foi que, como nossas necessidades nos forçassem a sair pelo lugar em busca de alguns ossos ou espinhas ou outra qualquer semelhante e desaventurada coisa que pelas ruas achávamos, com que nos remediássemos, ora fôsse por esta má suspeita que de nós tinham, ora para quererem tomar a tal acção para esca de sua ladroíce, logo éramos despidos e espancados; e, se disso fazíamos queixume a El-rei, diziam que nos achavam roubando as casas, para o que lhe não faltavam outros tais que fôssem testemunhas, de modo que se não fartavam de nos maltratar, nem nos sabiam outro nome senão o de ladrões, andando todos tão soltos em nos perseguir, que totalmente não tínhamos vida com êles, se saímos fora das choupanas, nem nossas necessidades a sofriam, se as queríamos passar dentro.

E como nossos pecados ainda merecessem a Nosso Senhor maiores castigos, às desaventuras e trabalhos que tenho contado se ajuntou outra muito maior e cheia de maior medo e miséria; e foi que como por ainda não sabermos a linguagem da terra, não tivéssemos outro moço em nossas coisas — assim para com El-Rei, como para com os seus, que queriam muitas vezes ser connosco so-bejamente desarrazoados — senão Gaspar, o língua que levávamos, êste fundado sôbre esta nossa necessidade se veio a entregar ao diabo e cobiça, de sorte que absolutamente se quis fazer senhor de nós, e assim o levou àvante, porque, vendo que El-Rei era seu amigo, abertamente nos dizia que não vivíamos senão porque êle queria, pois tra-

balhava com El-Rei que nos não repartisse pelos outros seus lugares, como já tinha assentado, onde sabíamos que logo havíamos de ser despidos e mortos, segundo se fizera aos da companhia de Manuel de Sousa Sepúlveda, e portanto quem quisesse viver o peitasse, que doutra maneira não intercederia por êle; pelo que, cada um com êste receio fazia de si mil partidos, dando-lhe quanto tinha e podia haver, e isto ainda o aceitava tão carregadamente, que parecia fazer muita mercê em o querer tomar, dizendo que bem barato comprávamos nossa salvação, que em sua mão estava; e gostando destas peitas, ou por mais certo dizer, vidas, que assim nos levava, veio sua cobiça a andar tanto mais encarniçada em nós que os tigres, que todos os outros males nos pareceram pequenos a respeito das soberbas e desarrazoadas aflições que dele recebíamos, assim em nos tomar algum bocado que com tanto suor ganhávamos, como em querer que forçosamente lhe dêssemos o que não podíamos nem tínhamos; porque algumas pessoas houve a quem êle ousou dizer que se cada uma lhe não desse mil cruzados justos se pusesse à paciência e olhasse por si; e dois mancebos havia entre nós a quem êle disse, andando-lhes El-Rei cavando a choupana, lhe descobrissem a que parte tinham escondido alguma coisa, para se assentar sôbre ela e lha não acharem; e como os pobres se confiassem dêle, logo El-Rei o soube, e lhes tomou passante de mil cruzados em dinheiro e peças que lhes deixara o mestre da nau, quando ficara com os cafres, como já contei; e afora isto induzia a El-Rei que nos perseguisse e buscasse cada dia os corpos e casas, porque, de quanto assim se descobria, depois havia dêle tôda a parte que queria; de modo que entre o peitado e roubado ajuntou tanto, que daqui se lhe causou com que não chegasse a lograr a parte que tinha bem ganhada. E tão arreigado estava nêle o demónio, que, conquanto lhe andávamos sempre à vontade, se alguma

hora o havíamos mister para fazer a El-Rei queixume dos agravos que os seus nos faziam, não tão sómente nos não queria ajudar, mas ainda os favorecia, dizendo que o fizessem sem temor, porque êle sabia que muito mais merecíamos. Pelo que, vendo-nos atribulados e perseguidos por tantas partes, que nenhum remédio tínhamos para que em muito poucos dias deixássemos de fazer nos tigres sepulturas de nossos corpos, determinámos experimentar antes a derradeira sorte lá por fora, que acabar entre tantas desaventuras; e com êste propósito três ou quatro homens pediram a El-Rei os mandasse para um lugar que daí perto estava, o que êle fêz de muito boa vontade; e mandando chamar ao maioral dêles (porque em cada povoação está um cafre que da sua mão tem cuidado de governar aos outros e apaziguar suas desavenças), lhes entregou muito encarregados; após êstes, entrei eu no mesmo requerimento com outros seis ou sete que me quiseram seguir, e El-Rei nos mandou para aquela Ilha que disse estar na bôca da baía, dizendo que, por haver nela frutas, nos remediariamos melhor; e tanto trazia o tento em nossas necessidades e aflições, que vendo ficar descontentes ao capitão e outros meus amigos, por minha partida ser para doze ou quinze léguas donde êles ficavam, e pela má inclinação que via na gente da terra, lhes disse que se não agastassem, nem tivessem receio, porque lá nos não seria feito mal algum, antes seríamos tratados de sorte, que em muitos poucos dias tornássemos em nossas forças; e para cumprimento disto mandou connosco dois parentes seus, que nos entregaram ao capitão do lugar para onde íamos com muitas palavras de obrigação, encomendando-lhe não consentisse ser-nos feito agravo pelos seus e nos ajudasse com o que pudesse, assim e da maneira que o fizera se fôramos seus filhos, porque êle nessa conta nos tinha.

Depois de eu ser partido, estiveram os que ainda ficavam com El-Rei assim juntos alguns dias, porque — como cressem pouco as promessas que êle lhes fazia de nosso bom tratamento, antes tivessem por certo que aquilo era manha para poucos e poucos nos mandar matar lá fora, sem sabermos uns dos outros, pôsto que ali onde estavam nenhuma cousa viam de que pudessem esperar vida, havendo por menor mal acabarem entre os seus naturais — não ousavam a saír para outra parte; mas tanto que tiveram novas de mim, e dos que comigo foram, em como passávamos lá melhor, por ser a gente menos e os pastos mais largos, começaram uns e outros de haver licença, de modo que em espaço de um mês não ficaram com El-Rei mais que o capitão e outros quatro homens, que com o favor do língua se podiam ali bem sustentar, e todos os mais foram espalhados pelos lugares de que tinham informação que eram mais abastados.

A vida que neste tempo passávamos era escolher cada um, no lugar onde estava, o cafre que melhor acondicionado lhe parecia, e servi-lo da água e lenha que lhe era necessária, para que lhe ficasse valedor contra os que o quisessem maltratar, porque como nos êles tivessem na conta que já disse, e nossa necessidade não escusasse sermos desmandados, sobejos e importunos, de qualquer cousa, por leve que fôsse, faziam acção para mostrarem suas vontades. E quando vinham as horas de ceia, que é o seu principal comer, nos fâmos assentar às portas dêstes a que chamávamos amos, e então partiam conosco do que queriam ou podiam; e porque tudo isto era tão pouco, que não abastava, o tempo que remanecia dêste serviço obrigatório gastava-o cada um em ir ao mato buscar alguma cousa que comesse, não perdoando a cobra ou lagarto, nem a outro qualquer género de bicho, por mau e venenoso que fôsse. E prouve a Nosso Senhor que, de quantos estas peçonhas comeram, sômente

um marinheiro amanheceu morto, de um peixe que à noite ceou, de que logo os cafres o avisaram; mas podendo com êle mais a necessidade que o temor, não quis ter conta com o que lhe diziam, e disto acabou.

E pôsto que, enquanto estivemos por êstes lugares, aconteceram particularmente a cada um muitos casos miseráveis e desastrados, que deixo por me não afastar da generalidade de meu intento, aos que Nosso Senhor dava saúde, pôsto que com trabalho, sempre lhes ministrava com que se remediassem; mas tanto que adoeciam, e lhes faltava êste pobre e limitado sustento que por suas mãos haviam, juntamente com o socorro dos companheiros, enfraqueciam e pereciam à míngua, até que acabavam de espirar, e o peor de tudo era haverem os cafres tamanho nôjo de nossa magreza, imundície e miséria, que se a doença acertava a ser prolongada lhes abreviavam as vidas com diversos gêneros de mortes, como fizeram ao capelão da nau, que foi arrastado por um mato até que acabou, e a um criado de Fernão d'Álvares Cabral, que vivo foi lançado no mar, e a outros alguns, que com êstes e outros tais tormentos tiraram dêste mundo; de modo que nos era necessário, tanto que sentíamos nêles êste propósito, tomar aos que adoeciam e levá-los ao mato, e ali, escondidos pelas moitas, os socorríamos com o que podíamos, até que as chuvas, frios e calmas, segundo o tempo dava lugar, juntamente com suas próprias necessidades, os tiravam assim lastimosamente daqueles trabalhos.

E desta sorte, e com estas misérias e faltas, morrendo uns, esperando os outros pelo mesmo cada dia, passámos cinco meses, em o qual tempo, por umas trovoadas grandes que vieram e derribaram tôda a fruta que havia, não tínhamos que meter nas bôcas, nem pelos demasiados frios e a nossa pouca roupa ousávamos a sair fora das choupanas; de modo que estávamos (êsses que vivos éra-

mos), havia muitos dias, em extrêma e final necessidade. Mas como Nosso Senhor, por quem é, se não esqueça de socorrer nas maiores pressas aos que êle é servido, quando mais desconfiados estávamos do remédio, nos valeu sua misericórdia; e foi assim que, estando eu — a quem a sorte coube de viver em uma aldeia que está na ponta da ilha sôbre a barra por onde entram os navios — um dia, que eram três de Novembro, assaz descuidado de tanto bem, metido em uma choupana e fazendo conta com o fim de minha vida, que esperava ser cêdo, por serem já mortos cinco dos companheiros que ali tinha, e os dois que ficávamos nos podermos também contar por tais, segundo o extrêmo em que estávamos, chegou um cafre a mim dizendo que vinha o navio, e porque, pôsto que El-Rei nos falasse muitas vezes na vinda dele, nunca disto cremos cousa alguma, havendo o que dizia por nos esforçar, e não porque assim fôsse, perseverando ainda no engano da carta, em cuidar que o rio aonde êle ia estava ávante dêste dezoito léguas, como está dito, quando isto ouvi ao cafre (por me já a necessidade ter ensinado a sua linguagem) lhe respondi que se fôsse, que o não cria; e tornando-mo êle a afirmar por muitas vezes, me saí fóra, e segui até um cabeço donde se descobria muita parte do mar, e dali vi um navio que, arredado donde eu estava obra de uma légua, começou então a demandar a barra. Que abalo então esta vista fizesse em mim, deixo na contemplação dos que cuidarem as cousas por que tinha passado e a miséria em que naquele tempo vivia, vendo-me assim improvisadamente socorrido pela alta bondade de Nosso Senhor; e portanto disto não direi mais. Assim que, depois que por algumas experiências que em mim fiz me certifiquei ser verdade o que via, e não sonho, como de princípio cuidei, então, pôsto de joelhos, lhe dei as graças devidas a tanta mercê; e enquanto me detive nestas dúvidas, o navio entrou pela baía dentro, qua-

tro ou cinco léguas, até que por um cotovêlo que a ilha fazia o deixei de vêr. E porque tão boa nova não carecesse de comunicação com os que nela tinham parte, pareceu-me bem levá-la aos da terra firme; pelo que, prolongando por outra aldeia da ilha, e tomando nela um companheiro para onde El-Rei e nosso capitão estavam, e contando-lhes o que vira, dali o souberam logo todos os nossos, que pelos outros lugares do sertão estavam espalhados.

E porque a pouca notícia que ainda àquêle tempo tínhamos dos rios daquela baía, e do resgate que nêles se fazia, nos não segurava de todo, receando que se poderia o navio tornar a saír sem saberem de nós, quando veio ao outro dia pedimos a El-Rei nos dêsse quem levasse uma carta, para que soubessem os que nêle vinham como estávamos ali, ao que êle respondeu que nos não agastássemos que quando viessem as águas vivas o capitão havia de ir às suas terras buscar marfim, que assim estava em costume, e então o saberia. E foi assim, porque dali a nove dias veio ter a um pôrto seu Bastião de Lemos, piloto do navio, mandado por D. Diogo de Sousa, capitão de Sofala e Moçambique, a buscar marfim para El-Rei Nosso Senhor; e sabendo Inheca de sua vinda, mandou aos capitães dos lugares em que estávamos que nos levassem àquêle pôrto, de modo que em três dias nos juntámos todos onde êle e Bastião de Lemos estavam. E sem embargo de tamanho alvorôço ser bastante para dar vida e espíritos novos a quem os não tivesse, neste caminho faleceram dois homens, tanto na derradeira os tomou já êste socorro. E depois de passados com os nossos os abraços e alvorôços que em semelhantes casos estão certos, dando Bastião de Lemos a El-Rei as contas que lhe por cada um de nós pediu (que tôdas valiam bem pouco), porque juntos não cabíamos na almadia, levando uns e tornando pelos outros, de dois caminhos nos pôs a todos no navio.

Aqui nos juntámos vinte portuguezes e três escravos sòmente, de trezentas e vinte e duas almas que partimos donde a nau deu à costa; todos os mais ficaram pelo caminho e nos lugares em que estivemos, dêles mortos de diversas mortes e desastres e dêles cansados, dêles no povoado e dêles no deserto, segundo Nosso Senhor era servido; e os que entre êstes tinham nome, foram Fernão d'Álvares Cabral, Lopo Vaz Coutinho, Baltazar Lopes da Costa, Bartolomeu Álvares, António Pires da Arruda, Luís Pedrozo, Jorge da Barca, Bastião Gonçalves, Belchior de Meireles, António Ledo, mestre da nau, e Gaspar o lín-gua, que não foi Nosso Senhor servido, pois êle matara a tantos levando-lhe o que com tanto suor ajuntavam para seu sustento, que chegasse à terra de cristãos e lograsse o que tinha tão mal ganhado; e por certo que não falta quem diga que se êle não tivera dois ou três mil cruzados, adquiridos como já disse, ainda agora fôra vivo; os que com êle ficáram dizem que andando muito gordo, e bem disposto, desapareceu uma tarde da povoação, e tardando dois ou três dias, o mandou El-Rei buscar por tôdas as partes com muita diligência, e nunca mais souberam novas dele; de maneira, ora que fôsse por algum tigre tão encarniçado em sangue humano como êle andava no nosso, ora (o que é mais certo) a herança que por sua morte algum esperava, o trouxe a tal fim e castigo qual suas obras mereciam.

Neste navio estivemos cinco meses, por cursarem os Levantes e não podermos fazer viagem, em o qual tempo quási todos fomos doentes e sangrados muitas vezes, tendo bem poucos remédios para estas necessidades, assim por o navio ser pequeno e de maus gasalhados, como por estar Moçambique muito falto de mantimentos quando êle de lá partira; e enquanto lá estávamos esperando a monção, saía Bastião de Lemos algumas vezes em terra a fazer o resgate, e andavam os cafres da borda da-

quêle rio do meio, onde estávamos ancorados, tão amotinados contra êle, que quasi todos os dias o faziam embarcar às pancadas, com assaz pressa; e pôsto que nós de princípio dissimulávamos com isto por não alevantar a terra, depois que vimos ir esta sua soltura em tanto crescimento determinámos castigá-los; pelo que, havendo de Bastião de Lemos as armas e licença, fomo-nos lançar uma noite sôbre um lugar grande que não estava muito afastado da borda da água, onde o dia passado espancaram e roubaram a um homem nosso, com propósito de fazermos assalto tanto que a manhã esclarecesse; e como as horas se fôssem chegando e nos começássemos de fazer prestes por estarmos perto, fomos sentidos de uma mulher que acaso veio ter connôscos, aos gritos da qual foram logo apelidados e juntos os da povoação; pelo que, nos foi forçado dar algum tanto mais cêdo do que o caso requeria.

E pôsto que os inimigos logo de princípio fizeram rosto, defendendo-se rijamente um bom pedaço, depois que sentiram o dano que recebiam viraram as costas; e por ser ainda tão escuro que quasi nos não conhecíamos uns aos outros, com receio de acontecer algum desastre lhes demos ocasião a se salvarem, de modo que não ficaram mortos mais de cinco, entre os quais foi o seu capitão, chamado Maçamana, a quem também cativámos duas filhas, com outras três ou quatro mulheres, e deixando-lhe o lugar todo abrasado nos recolhemos, trazendo os cativos, os quais por reformação de pazes restituímos depois ao Zembe, que daquela terra era Rei, e a êste rebate acudiu, o qual sabendo as demasias que os seus nos faziam houve tudo por bem feito e ficou nosso amigo.

No fim dêste tempo que dito tenho, tornou Bastião de Lemos ao Inheca, sôbre seu resgate, como costumava, o qual lhe disse que se não partisse sem falar com êle, porque tinha nova que pelo caminho por onde nós fôra-

mos iam outros homens da nossa terra; e fazendo-o êle assim, dois ou três dias antes da partida de El-rei lhe entregou Rodrigo Tristão, que atrás ficara, como tenho dito, e um escravo, que fôra de D. Alvaro de Noronha, que também se apartara de nós além do Rio dos Medos do Ouro, os quais, trazidos ao navio, não acabavam de contar o agasalhado que os cafres lhe fizeram pelo caminho, andando às rebatinhas sobre quem os guiaria, depois que souberam que estávamos com o Inheca, e eram mais domésticos e arrazoados do que êles dantes cuidavam.

Recolhidos mais êstes dois homens, como todos estávamos conformes nos desejos de deixar aquela má terra, com os primeiros Ponentes, que vieram aos vinte de Março, botámos pela barra fora; e porque não passássemos ainda êste caminho sem sobressaltos, conforme a nossos merecimentos, ao terceiro dia da nossa viagem amanhecemos na ponta do Cabo das Correntes, bem no rolo do mar, com vento travessão e temporal desfeito, acompanhado de mares mui grossos; de modo que por nenhuma via podíamos escusar perder-nos outra vez; e isto já com outro receio, aparelhando armas e alforges para caminhar dali a Sofala. Mas foi Nosso Senhor servido largar o vento algum tanto, com o qual, forçando o navio da vela muito mais do que a arte de marear concede, a bolinas agarruchadas dobrámos o Cabo, cosidos com os penedos dele.

Dali fomos haver vista das Ilhas Primeiras, e por longo delas e pelo d'Angoxa, estávamos já onde chamam os Currais, que é muito perto de Moçambique, quando nos disse o mestre do navio que dali por diante não tínhamos baixo que recear, que êle sabia muito bem aquêlle caminho, por haver trinta anos que o trilhava; e desculpando-se os da vigia algum tanto com esta confiança, parecendo-lhes que estavam já com todos os receios passados, não se procuraram senão quando o piloto, que ia à

cadeira, ouviu quebrar o mar no costado do navio, o qual estava todo em sêco sôbre uma coroa de areia, e mareando o mais preste que pudemos, prouve a Nosso Senhor, por intercessão da Santa Virgem a quem chamámos, livrar-nos também desta, indo tanto roçando com o baixo, que qualquer pessoa pudéra deitar uma lança em sêco; e assim com êstes sobressaltos e trabalhos foi Nosso Senhor servido que chegássemos a Moçambique em dois dias do mês de Abril de 1555.

Tanto que desembarcámos, fomos assim juntos fazer oração à igreja de Santo Espírito, onde a nosso rôgo veio ter o vigário com os sacerdotes, e gente tôda da fortaleza, e dali fomos com solene procissão e romaria a Nossa Senhora do Baluarte. E dormindo ali aquela noite, mandámos ao outro dia cantar a missa que tínhamos prometida, fazendo juntamente celebrar outros santos sacrifícios em louvor e graças de Nosso Senhor, por sua imensa misericórdia nos escolher dentre tantos, e trazer àquela santa casa, depois de haver um ano que partíramos donde nos perdêramos, e termos andado tanta parte da estranha, estéril, e quási não conhecida costa da Etiópia e atravessado com tão pouca, fraca, e mal apercebida gente por entre tantas bárbaras nações, tão conformes nos desejos de nossa destruição, e passando por tantas brigas, por tantas fomes, calmas, frios e sêdes, nas serras, vales e barrancos, e finalmente, por tudo aquilo que se pode imaginar contrário, medonho, pesado, triste, perigoso, grande, mau, desditoso, imagem da morte e cruel, onde tantos homens, mancebos, rijos e robustos, acabaram seus dias, deixando os ossos inseultos pelos campos e as carnes sepultadas em alimárias e aves peregrinas, e com suas mortes a tantos pais e irmãos, a tantos parentes, a tantas mulheres e filhos, cobertos de luto neste reino. Praza a Nosso Senhor, por cuja alta bondade destas cousas escapámos, tomar-nos o passado por penitência

de nossas culpas e alumiar-nos da sua graça, para que ao diante vivamos de maneira que lhe mereçamos, depois dos dias da vida que êle for servido, dar-nos para a alma parte em sua glória.

H. G.
30302

ÍNDICE

	Págs.
Notícia histórico-bibliográfica	5
I — Naufrágio do galeão grande S. João	15
II — Naufrágio da nau S. Bento	47



